



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>



Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

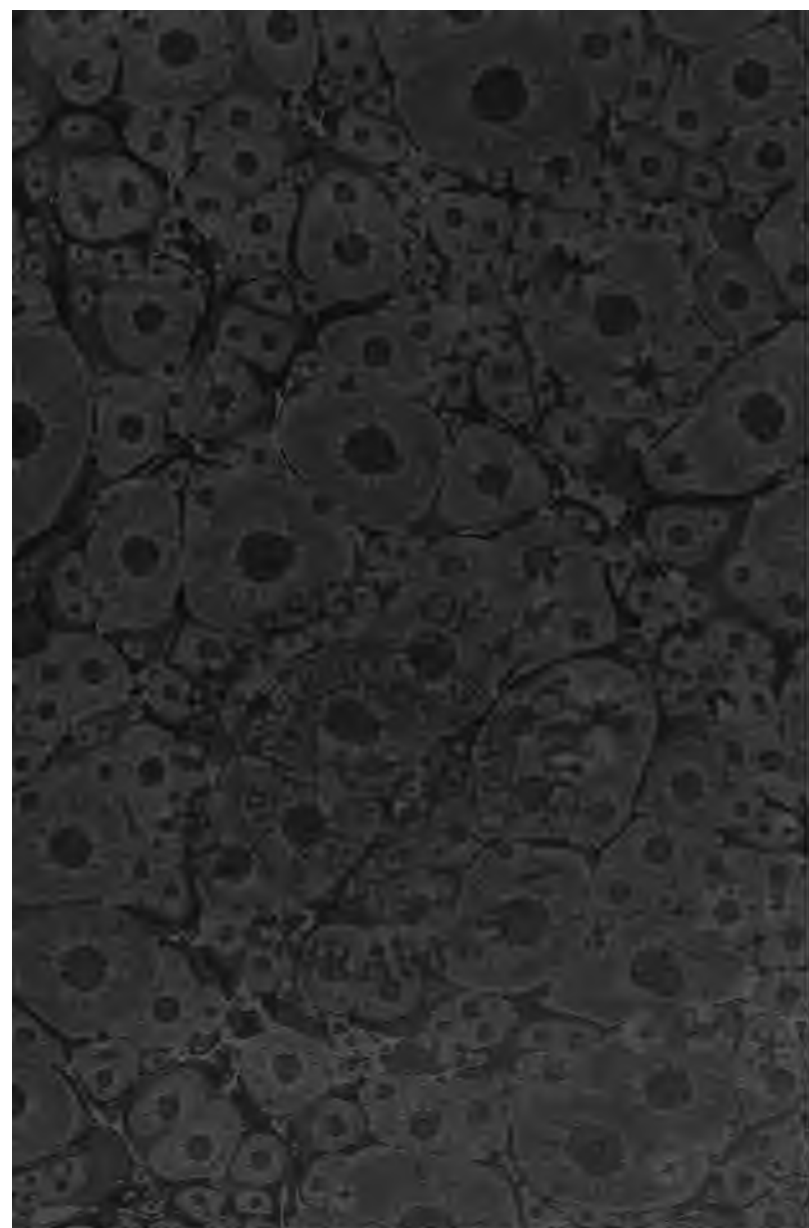
- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.
- Evite consultas automatizadas.
Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento óptico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.
- Mantenha a atribuição.
A "marca d'água" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.
- Mantenha os padrões legais.
Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As consequências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em <http://books.google.com/>

9.8
326
47





200400



POESIAS

DE

JOÃO EVANGELISTA DE MORAES SARMENTO.

COLLIGIDAS

POR

*Varios Amigos seus , revistas pelo A. poucos
tempos antes de sua morte , e dadas á luz
por alguns de seus admiradores.*



1847.



PORTO :

Typographia Commercial.

869.8

M826

1847

84/1000

AO ILL.^{MO} SNR.


JOSEPH JAMES FORRESTER,

Negociante Britannico nesta Cidade do Porto:

*Em testemunho da sua particular protecção
das Bellas-Letras &c.*

D.

OS EDITORES.

 ECOLHIDAS por varias pessoas as dispérsas Poesias
do Snr. João Evangelista de Moraes Sarmiento,
incumbio-se um amigo particular de lhe pedir que hou-
vesse o distincto A. de sanccionar a identidade das
Obras que se lhe apresentavão, emendando o que nu-
merosos copistas lhes haverião inserido.

Foi cumprida esta rogativa, algum tempo antes
da sua morte: equivale por isso o Manuscripto d'onde
forão extrahidas a um original devidamente autho-
risado.

João Evangelista de Moraes Sarmiento, nasceu na Cidade do Porto a 26 de Dezembro de 1773. Foi filho de Francisco José de Gouveia Moraes Sarmiento também natural da mesma Cidade, e nella estabelecido com o emprego de official da Vedoria e Thesouraria Geral das Tropas, que servio por muitos annos.

Orfão de Pai na idade de 14 annos, não herdou outros cabedaes, mais do que uma boa educação religiosa, e moral, corroborada com uma constante pratica de bons exemplos. Proseguiu nos estudos ao abrigo, e cuidados de sua triste Mãe, viuva, que falta de meios, só á custa de muitas diligencias, soffrimentos, e afflições pôde continuar a tractar de seus filhos e casa com decencia e gravidade.

Como desde logo creara amor aos estudos, e se inflammara nos desejos de saber, procurou desde o principio adquirir amizade, e frequencia com aquelles de seus patricios, que no seu tempo passavão por

homens sabios, ou litteratos de quem não só recebesse luzes, e conhecimentos, mas tambem o favor de lhe emprestarem livros de que carecia, e que sua Mãi lhe não podia comprar. Facil lhe foi sempre o bom exito deste empenho; porque não só o talento, que nelle reconheciam os litteratos, lhe merecia o seu aggrado, e estima, mas porque tinha uma presença, e maneiras taes, que attrahia as affeições de quantos com elle tratavão.

Tinha uma percepção prompta, clara, e profunda; e uma memoria a mais rara assim na facilidade de receber, como na tenacidade de conservar.

Quando frequentava o estudo da lingua Latina, reconheceu a necessidade dó da lingua materna; e se applicou com tanto esmero e proveito ao de uma e outra, que no fim de 3 annos, que frequentou o Latim, achava-se senhor de ambas. Assim o reconhecia, e attestava seu mestre José Teixeira, professor regio, o qual se lisonjeava de haver dado um tão bom Discipulo.

Desde logo mostrou grande tendencia, e aptidão para a Eloquencia e Poesia. Nos mais verdes annos, já fazia discursos oratorios, profanos, e sagrados; e poetisava em decimas, sonetos, idyllios, e outras composições breves, em differentes assumptos, e diverso gosto.

Apprendeu Rhetorica nas Aulas dos Congregados com o Padre Sampayo; e Philosophia racional com o mais abalisado mestre que então havia nesta Cidade, Manoel Joaquim.

Seguiu-se o estudar o Grego com Antonio Teixeira de Magalhães; e durante todos estes estudos publicos se applicou particularmente ao da lingua Franceza.

Determinando-se por necessaria conveniencia a dar em algumas casas da sua amisade lições de Latim, Rhetorica, e Philosophia, isto lhe grangeou o meio de passar aos 18 annos a formar-se em Coimbra, convidado a hir na companhia e á custa de um Discipulo seu, que queria, que nos primeiros annos de sua formatura elle continuasse a ser seu mestre, e seu mentor.

Em Coimbra não tardou em dar a conhecer o seu talento, e especial genio para a Poesia, mas teve uma occasião opportuna de o manifestar logo no fim do seu primeiro anno (de 1793) a todo o Corpo Academico; que foi a de um Outeiro, nas festas, com que celebrou o primeiro, e desejado fructo do Consorcio do Sr. D. João VI! Ahi poetou muito, e foi geralmente louvado e applaudido de Estudantes e Lentes. Foi tambem por essa occasião que imprimio pela primeira vez uma Ode sua, dedicada a esse assumpto = *Que fulgido clarão &c.* *

Por necessidade, e não por inclinação, seguiu a Faculdade de Medicina; em que acabou de formar-se no anno de 1801.

Vindo estabelecer-se no Porto, sua Patria, aqui ganhou em breve tempo uma grande reputação e fama, que soube sempre conservar.

O mesmo lhe aconteceu em Guimarães, onde foi ultimamente residir, a rogo dos Senhores da casa de Villa Pouca, que mandando-o buscar, poderão conseguir que elle ficasse alli residindo no anno de 1808.

Por todas as suas distinctas qualidades adquirio

* Não nos foi possivel encontrar um exemplar desta Ode.

em breve, e teve sempre grande numero de amigos, assim como a estima da maior parte das familias nobres, e illustres, cujas sociedades por motivos de annos, ou de outros regosijos, tornava-as mais apreciaveis com os seus versos. Assim fazia o ornamento da terra em que vivia, e causava o contentamento de seus habitantes, que se comprasião, e davão por afortunados em possuil-o.

Pena he, porém, que não fosse de grande duração a sua vida; mas antes que chegue ao termo della, referiremos algumas cousas notaveis, e que servem de confirmação ao que delle doixamos dito. Gostou sempre de ouvir os Oradores sagrados, especialmente os de fama; e quando o discurso de algum lhe agradava, de tal modo se lhe imprimia e gravava na memoria, que se depois d'alguns dias, e mesmo até de semanas, se encontrava em algum logar opportuno com o Prégador, lhe hia analysando o Sermão de maneira, que principiando pelo mais saliente, e descendo gradualmente ao mais miudo, chegava a repetir-lho palavra por palavra, tão exacta, e fielmente, como se elle mesmo fosse o proprio Inventor e Prégador. Isto aconteceu com mais de um Orador, e não poucas vezes.

Por esta occasião apontarei tambem, que alguns Prégadores, especialmente em Guimarães, brilharam no Pulpito com Sermões feitos por elle, não enganando porém a todos; porque criticos havia, que conceituando o Orador inhabil para tanto, e reconhecendo o estillo, frase, e gosto, não deixavam de o attribuir a seu verdadeiro Author.

Em um dia de verão estive por muitas horas successivas glosando em uma casa da sua amizade varios assumptos, em decimas, sonetos, e diversos improvisos já obrigados, já soltos. Um amigo que gostava dos seus versos, estava, sem elle o saber,

n'um visinho quarto, escrevendo tudo o que ouvia. Os circumstantes passarão a manifestar-lhe o seu gosto, e dar-lhe os devidos elogios: começando porém depois cada um a apontar este ou aquelle assumpto, mais da sua paixão, lhe rogava, que se recordasse de algum dos diversos modos, por que o tinha glosado. Elle com a mais notavel promptidão satisfizes a cada um, e deste modo reproduzio quanto naquella tarde havia improvisado, verificando-se pelo que se havia escripto. Tal era a facilidade de sua memoria prodigiosa.

Por ultima prova ainda accrescentaremos que conservava de cor (e só assim) todas as suas producções, que mais lhe agradavão, ou de que se dava por mais satisfeito.

Poucas forão as obras avulsas, que imprimio, para satisfazer a pedidos; mas tencionava dar de todas uma escolhida collecção: o que comtudo não chegou a fazer. Estas são unicamente as que do modo já dito d'elle obtiverão seus amigos, e que vão vêr a luz publica, e conservar-se á Posteridade.

Não correspondia porém a actividade do espirito ás suas forças físicas; muito nervoso, ou dotado de uma nimia sensibilidade, padecia os incommodos, que ordinariamente atormentam os deste temperamento. No anno de 1823 foi accommettido de paralyisia, de cujo insulto, posto que pôde escapar a vida, não conseguiu jamais ser restituído ao antigo estado de saude: ficou languido, e tremulo, e já poucas vezes por fim podia sabir a pé.

Declinando cada vez mais, não tardou muito em soffrer novo insulto, que o deixou inteiramente inhabil, para poder sabir, e por ultimo até incapaz de se ter em pé. Neste estado permaneceu, até que

sobreveio uma Plcurisia, que foi seguida d'um Hydrotorax agudo, que fez terminar seus dias a 20 de Outubro de 1826, aos 52 annos e tantos mezes de sua idade. Tinha pedido e recebido os Sacramentos, e sua morte foi precedida de todas as demonstrações de um bom conhecimento, que póde dar o Fiel Catholico Romano.

Duas vezes casado, e duas vezes viuvo, de nenhum dos consorcios teve ou deixou filhos; e não obstante o ter conservado sempre os maiores creditos na sua profissão, e haver por isso tido constantemente grande affluencia de Doentes, como seu espirito não era capaz de ambição de dinheiros, e menos seu coração de accumula-los, não deixou cabedaes, nem fortuna alguma, mas só o mais saudoso nome.

* * * *

INDEX.

N. B. Esta obra foi impressa debaixo das alternati-
vas, que os trabalhos typographicos permittião nas passadas
occorrencias. Escapou, entre algumas erratas, de que for-
maremos taboa, o dar-se conta de muitos dos assumptos,
a que as Poesias forão consagradas. Quando occorreu essa
falta, achava-se adiantada a impressão, e forçoso foi con-
ceber-se a idéa, de que na menção do *Index geral* se es-
clarecesse qual fôra o fim e objecto de cada uma produc-
ção em particular.

	<i>Pag.</i>
SONETO — Ao Orador Francisco de Paula de Fi- gueiredo, natural d'Aveiro, prégando na Cidade do Porto, aonde veio esta- belecer-se	1
„ Ao mote — Dissera amor, se mais di- zer podéra	2
„ Ao mote — Treme o quadro, a mão pasma, a voz tremúla	3
„ A' morte do General Taranco, com- mandante das forças hespanholas no Porto em 1808	4
„ Ao mote — Jámais eu tive um dia tão ditoso	5
„ Ao mote — Os fructos da razão, amor, ternura.. .. .	6
„ Ao mote — Nasceu amor, sorriu-se a Natureza	7
„ Ao mote — Dos dous sexos a mutua sympathia	8
„ Aos annos da Exm. ^a Snr. ^a D. Anna Lamella; da casa de Santo Ildefonso, no Porto, em idade já muito avançada.	9

SONETO	—	Ao P. J. M. por occasião de prégar na Cidade do Porto, precedendo a fama de sua muita erudição	10
	"	Ao proprio casamento do A. nas suas primeiras nupcias	11
2	"	Por occasião d'ouvir cantar uma Senhora, nessa mesma funcção do seu casamento	12 e 13
	"	Ao mote — Cruel desgosto me retalha o peito.. ..	14
	"	Ao mote — Tem pena destas lagrimas que choro	15
	"	Ao mote — A minha gratidão, minha ternura.. ..	16
2	"	A uma Sociedade, em que alguns Musicos de fama da Cidade do Porto indo a Guimarães, tocavão varios quartetos &c.	17 e 18
	"	Ao mote — E' lei do Ceo o terno sentimento.. ..	19
	"	Ao mote — E's Marilia o meu Deos, meu bem, meu tudo	20
	"	Ao mote — Não tem que dezejar, nem mais dezeja	21
	"	A Lord Wellington, em uma de suas victorias na guerra peninsular ..	22
3	"	Distribuidos por occasião da inauguração do Retrato de S. A. R. o Principe Regente, em a Tribuna do Real Theatro de S. João na Cidade do Porto, donde havia sido mandado tirar pelos Francezes na sua entrada em 1809 23	24 e 25
	"	Ao mote — Dos eixos desligado o Globo gira — por occasião de certas contas d'um Guardião de Frades Franciscanos em Guimarães.. ..	26
	"	Ao insigne Tocador d'Orgão e Pianno, o Benedictino Varella, Amigo do A. ..	27
	"	A um favor	28
	"	Ao mote — Nada se póde comparar comtigo	29

SONETO —	Por occasião de visitar uma menina, e acha-la gravemente enferma ..	30
2	„ A' reconducção do Dr. Francisco Bar- roso Pereira, como Provedor da Co- marca de Guimarães.. ..	31 e 32
„	Ao mote — Males que soffro, males que imagino	33
„	Ao mote — Meus lassoos membros nem soster já posso	34
„	Ao Reverendo Fr. José de Lima, Re- ligioso Agostiniano Calçado, por occa- sião d'um Sermão do Sacramento em S. Pedro de Miragaya no Porto ..	35
„	A Napoleão, tentando as terras do Turco	36
„	Ao mesmo, em resposta a outro de Fr. Joaquim Forjaz	37
3	„ Por occasião das Festas Reaes do Prin- cipe D. Antonio	38 39 e 40
„	Por occasião de 4 Sermões de quares- ma que prégou Fr. Antonio de Santa Catharina Porto, da Ordem da Sole- dade, conhecido pelo nome de Braguinha	41
„	Ao Actor J. A. Ferreira [por alcunha o Pomada] primeiro Actor do Theatro do Porto, representando a parte de Fayel, na Tragedia traduzida por J. B. Gomes Junior	42
„	Ao mote — Aos vivas do Equador assim responde	43
„	Representando a 1.ª Actriz Josefa The- reza Soares no Drama — a Escrava de Mariemburgo	44
„	Ao mote — Quem não ama desmente a natureza	45
„	A' morte do Dezembargador José Pe- dro da Camara	46
„	A um Beijo	47
Quadra glosada —	Santis Leis da natureza Que eu respeito adoro e sigo;	

Felizes todos os entes Se concordassem comigo ..	48
Cantata por occasião de recuperar a saude, a Senhora D. A. L. C. B.	50
Ode a Madame Reinald, 1. ^a Bailarina do Thea- tro de Londres, dançando no Theatro do Porto	57
Ode Pindarica a D. Maria Joaquina da Concei- ção Lapinha, cantora insigne ..	60
Ode Pindarica ao nascimento da Senhora Infanta D. Maria da Assumpção	65
Ode á Guerra, em 1801	73
Ode aos annos da Senhora D. T. S. V. ..	79
(A epigrafe desta Ode não se acha no original)	.
Ode Epodica, ao Exercito Portuguez, dedicada ao Abbade de Lobrigos	87
Ode Pindarica aos annos do Tenente General D. Rodrigo de Lancastre, Governador das armas do Porto	95
Tradueção da Ode de Sapho	102
Ode Heroica ao Bispo do Porto, Presidente da Junta Suprema do Governo em 1808	103
Ode Funebre á morte de José Correa de Mello Marechal de Campo dos Reaes Exer- citos, commandante de um dos Regi- mentos do Porto	109
Ode Sagrada á Virgem das Dores	112
Elogio ao nascimento do Infante D. Miguel reci- tado na segunda noite dos festejos no Theatro do Porto	120
Elogio a S. M. Fidelissima El-Rei D. João VI por occasião da celebração de seus annos em 1818	128
Elogio ao mesmo motivo, recitado no Theatro de Guimarães em 1814	
Elogio ao dia anniversario de S. A. I. a Senhora Arquiduqueza D. Leopoldina (Mãe de S. M. F. a Rainha Senhora D. Maria II)	137
Elogio aos annos de S. M. F. El-Rei D. João VI, recitado pelo A. perante a Camara	

da Villa de Guimarães em 1821 ..	142
Pregão em uma das festas dos Estudantes de Guimarães, em dia de S. Nicolau..	146
Outro Pregão ao mesmo assumpto em 1818 ..	149
Outro Pregão ao mesmo assumpto em 1819 ..	152
Outro Pregão ao mesmo assumpto em 1822 ..	156
Epinicio recitado em a noite de 5 de Maio de 1821, por occasião do festejo em Guimarães, celebrando-se a noticia de que El-Rei D. João VI havia ju- rado a Constituição, e em breve vol- taria a Portugal	160
Epithalamio por occasião dos desposórios de D. F..... com o Medico F..... ..	162
Canção á já mencionada Cantora, D. M. J. da C. Lapinha.	172
Nenia á morte de Marilia na bocca de seu pai..	175
Nenia á morte de José Pedro de Miranda Pon- tes, Medico do Porto, cordeal amigo e collega do Author.	180
Epistola de Ramos a Faimieir	185
Canto Nocturno á partida de José Francisco Ma- ciel Monteiro para Pernambuco ..	188
Enthusiasmo Devoto, pela Festa do Natal (1819)	194
Disticos para a Eça no Funeral de S. M. a Rai- nha Senhora D. Maria I, na Villa de Guimarães.	207
Hymno patriotico aos soldados Portuguezes, de- pois da guerra peninsular (1814) ..	209
Colloquio á Virgem das Dores	215
Versos á nova Mesa de S. Torcato em Guimarães	220
Congratulação, recitada em Guimarães a 3 de Maio de 1821, por occasião de prestar El- Rei o seu consentimento á Constituição	221
Proclamação, na restauração do Reino em 1808..	223
Soliloquio de Jove, em um Elogio á Rainha Se- nhora D. Maria I, no Theatro do Por- to em 17 de Dezembro de 1804, dia dos seus annos	228
GLOZAS — Amor, Razão, Natureza	230 e 233

XVIII

GLOZAS —	Quando Amor prepara o Arco	
	Dobra o joelho a Razão	231
2	Não tenho inveja a ninguém ..	231 e 232
„	Empenhou-se a Natureza ..	233 e 234
„	Ninguém me excede em firmeza ..	235
„	Justo Céu! porque me deste	
	Uma alma capaz de amar? ..	235
„	Quem diria, que o amar	
	Havia de ser defeito? ..	236
„	A não ser de ti, Josino,	
	D'outro mais nenhum serei ...	237
„	Só pode a Santa Amizade	
	Tornar-nos ditosa a vida ..	237
„	Querer bem, e ter juizo,	
	He cousa difficiliosa ..	238
„	As vozes d'Amor são mudas,	
	São mudas, mas bem se entendem..	239
„	Teu nome escrevi na Area	
	Que banha o visinho mar:	
	Eu vi as ondas pulando	
	Teu nome virem beijar ..	239
„	Como pôde Amor ser crime,	
	Se dos Ceos Amor desceo? ..	241
„	Ao fazer o juramento	
	O mesmo Templo tremeo ..	242
Canção aos annos da	Illm. ^a e Exm. ^a Snr. ^a D.	
	Anna Rufina de Mello Sousa Tavares,	
	mulher do Exm. ^o Pedro de Mello	
	Breyner, no dia de seus annos ..	242
Ode, recitada em	Guimarães, no Theatro par-	
	ticular em que se hia representar a	
	Tragedia — Radamistho e Zenobia,	
	traducção do Author..	245





PAULO GRANDE ORADOR

FRANCISCO DE PAULA DE FIGUEIREDO.

Assim d'Athenas fulgurando o raio,
Bronzes se escalão, marmores se amolção,
Equóreos batalhões placidos folgão,
Entala o vento gelador desmaio:

Assim rio caudal o torpe ensaio
Varrê dos monstros, que traições resfolgão,
Alágão-se, da Patria não se empolgão,
Quem é elle, Quirites, nomeai-o:

O' Chefe de eloquencia, ó sol bravôso!
Que um horisonte sulcas não sulcado,
Trovão aterrador, Cisne mavioso!

Solta, Paula, outra vez, solta o teo brado,
E fazê que em traspasso delicioso
Cáia a teus pés de gloria embebedado.

*

SONETO

Dissera, Amor, se mais dizer podéra.

Meos olhos, Lília, que em ternura ondêão,
Por mostrar que não amo, em vão trabalhão;
Por mais que em semicirculos se espalhão,
Lá vão parar aos teos, nos teos se enleão;

As faces cada vez mais se affogñêão;
As palavras ao meio se retallhão;
Meos pensamentos todos se barallhão;
Suspiros uns aos outros se escadêão.

Ah! meo Bem, quanto é facil neste estado,
Conhecer que em meo peito Amor impéra,
Se pôde mais do que eu o meo cuidado!

Hum só destes suspiros, que Amor gera,
Se fosse em liberdade aos Ceos mandado,
Dissera Amor, se mais dizer podéra.

SONETO

Treme o quadro, a mão pasma, a voz tremula.

Por Marcia o Deos d'Amor, d'amor morrendo
N'hum quadro sua imagem debuxava,
E ao mais leve bosquejo, que traçava,
Suavissimo Canto hia tecendo.

„ De minha Mãe as faces estou vendo „
Dizia quando as faces lhe pintava :
„ Este esplendor ao sol invejas crava „
Dizia os liudos olhos descrevendo :

„ Eis as delicias do polido tacto „
Pintando o peito diz, e ao alto pula ;
Batendo a miudo as mãos como insensato :

Torna a pintar ; quando huma voz ulula :
„ He ingrato esse peito „ ao som d'ingrato
Treme o quadro, a mão pasma, a voz tremula.

Este mote foi dado em Coimbra pelo Author das Noites
Jozephinas para fazer calar, segundo elle dice, os Poetas
que recitavão Sonetos a cada pausa da Orchestra ; mas en-
ganou-se.

SONETO

*A' morte do Illm.º e Exm.º Snr. General em chefe das
Tropas hespanholas no Porto — Francisco de Taranco
y Llanio em 1808.*

Oh Doiro! oh Patria! que infelizes somos!
D'entre o negrume, que nos tolda horrendo,
Já benefica luz vinha rompendo,
Que de ventura reflectia assômos:

Nos sacros lares de Taranco pômos;
Hum innocente coração gemendo,
O magnanimo Heroe suspira vendo,
O que somos agora, e o que já fômos.

Hum Nume: tutelar se manifesta:
Thesouros de Justiça, e de Piedade,
Commosco todos esgotar protesta...

Mas eis ao golfão cahê da Eternidade....
Oh Doiro! oh Patria! agora que nos resta?...
Pranto... Miséria... Dor... Infelicidade.

Variante

Resta da Morte a honra, a heroicidade.

SONETO

Já mais eu tive hum dia tão ditoso,

Graças ao Ceo! rompeu-se a noite escura,
Que a desgraça a meos olhos estendia;
La vóa longe a pallida agonia,
A sumir-se no horror da furna impura.

Por mãos d'Amor celeste formusura
Mares de gloria ao coração me envia,
Nise fas-me felis; he hoje o dia,
Em que dou passos á maior ventura.

Sinaes de terno amor, vejo em seo rosto,
Ouço da sua voz o tom precioso,
Seo peito a agazalhar-me está disposto.

Oh dia de prazer mais generoso!
Já mais senti banhar-me tanto gosto!
Ja mais eu tive hum dia tão ditoso.

SONETO

Os frutos da Razão, Amor, Ternura.

Se a mão, que os orbes fulgidos tem feito,
Por lei lhes assignou doce harmonia;
Se esta lei entre nós he sympathia,
Que hum peito vai unir a outro peito:

Como pode dos Ceos ser hum preceito,
Cautela contra Amor, isenção fria?
Ou neste ponto o Ceo se contraria,
Ou esta lei he da calumnia effeito.

Descança, Marcia, as luzes da verdade,
Não se eclipsão ao bafo da Impostura;
Ninguem pode embaçar-lhe a claridade.

A razão, doce amor, jamais censura;
Antes são, e serão em toda a idade
Os frutos da Razão, Amor, Ternura.

SONETO

Nasceo Amor, sorrio-se a Natureza.

Surto ha pouco do Nada, que era o Mundo?
Em contenda feroz em choque enorme,
Fervião turbilhoens de maça informe
N'hum pelago de trevas rouco, e immundo.

Resóa d'Attracção echo jucundo,
Torna-se então o Globo mais conforme,
Socega a brava guerra, e o mundo dórmee
Na paz, que lhe mandára o Ceo rotundo.

No meio desta Paz, que a Attracção gera,
Que dôr com tudo, que mortal tristeza,
O peito dos mortaes teimosa impéra!

Inda geme, inda geme a Redondeza....
Mas eis que immensa gloria reverbéra!...
Nasceo Amor, sorrio-se a Natureza.

SONETO

Dos dous sexos a mutua sympathia.

Já da amiga Razão o sopro aspira,
Lá vão vossos projectos sanguinosos,
Tremei, tremei, Tartufos audaciosos,
Tremei, tremei, Orac'los da Mentira,

Medroso o coração já não suspira,
Já não se esquivá aos laços amorosos,
Epocha santa! oh tempos venturosos!
Já da amiga Razão o sopro aspira.

Cahio por terra a detestavel torre,
Que o Fanatismo contra Amor erguia,
Já o homem ama, porque já discorre,

O mundo a recrescer, já principia:
Com livre fuga já a abraçar-se corre,
Dos dous sexos a mutua sympathia.

SONETO

*Aos annos de D. Anna Lamella, em idade já bem
avançada.*

Ergue-se á Dextra do potente Jove,
De turbilhões de estrellas solio augusto,
Onde o faminto Rei dos bronzes susto,
Horas, e dias em redondo move:

Da côr da neve que nos Alpes chove,
Pendem-lhe as barbas do semblante adusto;
Cahe a seos pés desfeito o impio, o justo,
Nem da belleza seo furor remove.

Ao seio deste Deos Amor revôa,
Em mimosos afagos se amesquinha,
E gemendo, esta voz tremenda sôa,

„ Que seja Anarda eterna me convinha. „
= Seja, responde o Tempo, a minha c'rôa,
= Vai faze-la dos seculos Rainha, =

SONETO

*Ao Padre, J. M. por ocasião de pregar na função do
Sacramento em S. Nicolau (Porto).*

Empavón-se, dança, ronca, espuma,
Cruza as mãos, fecha os olhos, tomba o rosto;
Do Ceo pinta o estellifero composto,
Do Inferno o turbilhão que o ar afuma:

Quantas flores dá Abril, todas arruma,
Arruma quantos pómos tem Agosto,
Tudo parece respirar bom gosto,
Eloquencia immortal, destreza summa:

Mas pobre fanfarrão! só move a riso:
He esteril a abundancia, o melhor falta,
Falta o decóro, a selecção, o siso:

Em vão a chusma dos plebeos o exalta:
Entre os homens de gosto, e de juizo,
Será sempre do pulpito um peralta.

AO SEU PROPRIO CASAMENTO.

Só isto he que he prazer, prazer perfeito.

Povos da terra, oh Deoses tende inveja,
A gloria que gozaes, he fumo, he nada;
Alma de Jove por amor coroadada,
Tu mesma ignoras o que gloria seja:

Gloria, Gloria, he só esta que flammeja,
Na minha alma em delicias engolfada;
A ambição de gozar está calada,
Calada em alguém mais, quem vio que esteja?

Eu nos braços d'Anarda! Senhor della!
As vozes da ternura ouvir-lhe ao peito!
Hu'a terna familia unir com ella!

Viver desta maneira satisfeito,
Só isto he que he gozar ditosa estrella,
Só isto he que he prazer, prazer perfeito.

*Feito por ocasião de ouvir cantar a D. Anna Augusta
na ocasião do seo casamento.*

Por negar-me o cantar tão gentilmente.

Não direi, que dos Cisnes a doçura,
Gentil gorgéia na garganta tua,
Nem que o velho Saturno a inveja crua
Desfranzira com gosto a catadura:

Não direi que a afflicção mais negra, e dura,
Rapida fuge, qual a sombra núa,
Nem que ao ouvir-te de prazer fluctua,
Pasmada a noite na sublime altura:

Que se abale encantada a redondeza,
Que sinta aquillo mesmo que não sente,
Não causa ao meo pensar maior surpresa.

Só o que agora vem á minha mente,
He praguejar a negra natureza
Por negar-me o cantar tão gentilmente.

A' mesma Senhora.

Crescer em mim o Amor qu'era infinito.

Aos encantos da mëllica harmonia ,
Já soberbas montanhas se arrasárão ,
Rudes, erguidos cerros se tornárão
Frescos valles, amêna pradaria :

Já deposta a selvagem tyrania ,
Os mais ferozes monstros se amansárão ,
E até as gargantas- tres já se fechárão ,
Do moustro que no Inferno atroz bramia :

Milagres disputárão assombrosos
Do doce canto no gentil conflicto ,
Lino, Orfeo, Amfião, mestres famosos.

Tu fazes inda mais do que está escrito ,
Porque fazem teos sons harmoniosos ,
Crescer em mim o amor, qu'era infinito,

SONETO

Cruel desgosto me retalha o peito.

O tempo, doce Amor, o tempo foge ;
Lançar mão dos prazeres é preciso ;
Rompa, borbulhe em tua boca o riso ,
E se esperas por tempo, tempo he hoje.

Qual o barbaro será que não se arroje
A expellir hum fantasma, hum prejuizo !
Que por vêr-se d'Amor no Paraizo ,
Do Inferno, e do Pavor se não despoje ?

Ah! consulta a razão , consulta o gosto ,
Vem dar-te do Prazer ao grato effeito ,
Pouse em meos braços teu gentil composto.

Mas ai! que ao Fanatismo tens respeito!...
Ao ver a côr do erro no teu rosto ,
Cruel desgosto me retalha o peito,

SONETO

Tem pena d'estas lagrimas, que choro,

Venceo Amor: já livre não respiro;
Adeos santa Innocencia, adeos Candura;
Sabia mestra d'Amor, a Formosura
Me ensina a suspirar, eu já suspiro.

Qual geme a terna Rôla no retiro,
Sinto n'alma gemer doce ternura;
Marilia, penetrou-me a seta dura,
Já te adoro, não sonho, não deliro.

Olha no peito meo a f'rida aberta;
Vê quem á exenção pagava o fôro
Como as primicias já d'Amor te offerta.

Compaixão, compaixão he que te imploro;
Pois tiveste em ferir a mão tão certa,
Tem pena d'estas lagrimas, que choro!

SONETO

A minha gratidão, minha Ternura.

Graças ao Ceo! Contigo rosto a rosto
Mimosos favos de prazer sorvendo,
Já d'antiga tristeza o véo rompendo
Sobi ao cume do mais alto gosto.

Não já entre os Heroes da terra posto
Me julgo, eternos Loiros recolhendo:
A mais me elevo, à minha gloria estendo
Até tocar do Ceo o azul composto.

Seja Deos, ou mortal a ninguém vejo
Chegar, como eu cheguei, a tanta altura,
Nem pode a mais chegar o meo desejo.

Resta-me só gozar huma ventura,
Poder mostrar em troco do teu beijo
A minha gratidão, minha Ternura,

SONETO

*A uma sociedade em que tocavão alguns Musicos de fama
em Guimarães.*

Dos Ceos vencem d'acorde melodia.

Em nuvens d'ouro, e azul do Ceo luzente,
Candidos Genios fulgurando decem:

Ei-los já nesta sala resplandecem,

Hum delles falla... ouçamos curva a frente.

„ Como a fraca, mortal, rasteira gente

„ Encantos goza, que no Ceo falecem!

„ Como instrumentos soão, que adormecem

„ Dos Astros a harmonia permanente!

„ Como do terreo globo miserando

„ Nascer pôde tão alta Jerarchia,

„ Que invejas dá no Empyreo veneranda!

„ Erguei-vos, vinde em nossa companhia :

„ Não devem ser da terra os que tocando

„ ***Dos Ceos vencem d'acorde melodia.***

SONETO

E's Marilia o meo Deos, meo Bem, meo Tudo.

Marilia, ao coração, ninguém resiste.
Elle manda adorar-te, eu obedeço:
Outro imperio no mundo não conheço,
E se existe, para mim não he que existe.

Meo Bem supremo só em ti consiste,
Tu és a Gloria de infinito preço,
Outra Gloria, outro bem aos Ceos não peço,
Que os meos desejos todos me cumpriste.

Rodem-me embora os echos roncadores,
Do hyppocrita boçal, Leão sanhudo,
Que intenta suffocar d'alma os clamores.

O meo pensar, meo coração não mudo,
Sim! só tu tens direito aos meos amores,
E's Marilia o meo Deos, meo Bem, meo Tudo!

Este Soneto não deve suprimir-se. Ha-de cheirar a impio a quem se não lembrar da que é a paixão e não a razão que falla. *Evang.*

(P. perdão do Edit.)

SONETO

Não tem que dezejar, nem mais dezeja.

Nas veias inda em borbotões de espuma
Ferve o nectar d'amor, que hontem gostára,
Revolvendo na mente o que passára,
Fluctuando inda estou em gloria suma:

Qual Deos he mais feliz? nem quando fuma
Nos Holocaustos victima preclara?
Governe Jove os mundos que formara,
Que seja mais feliz ninguem presuma.

Aquelle mimo! oh Ceos! quanto me encanta!
Não, mortal como eu sou, não tenho inveja,
Á que pisa as estrellas aurea planta.

Se for teu gosto, repetido seja,
Então minha alma absorta em gloria tanta,
Não tem que dezejar, nem mais dezeja.

SONETO

O Heroe Libertador da Europa inteira.

A paz que longas eras em seos braços
Arrolára dormiente a Luza Tropa,
Havia feito duvidar á Europa
Se novos juntaria, á Gloria, traços.

Hoje que, por seos brios, em pedaços
Vê comô o gran Colosso em terra topa;
Pasma; em pranto de gosto a face ensopa;
E mil, a cada alumno, cinge abraços.

Tiverão bem o sei, possante escora,
Wellington foi que abriu toda a carreira
Aos triunfôs que a Fama conta agora.

Mas sem a Luza Tropa audaz, guerreira,
Wellington tal qual he, talvez não fôra
O Heroe Libertador da Europa inteira.

SONETO

*A' feliz inauguração do Retrato de S. A. R. audazmente
mandado tirar do Theatro do Porto pelos Franceses
em 1809.*

Alardea outra vez pomposo vulto,
Traslado do meo Rei, dos Reis modélo;
Saudade, amor, dever, razão, desvélo;
Quer pôr-te os olhos, quer fixar, séb culto.

A nós, a nós roubado!... Ceos! que insulto,
E arrojou-se algum monstro a cômmetta-lo!
Oh lá Britão honrado, oh Patriozelo!
Ah! nunca mais hum só momento occulto!

Volve ao Zenith da Gloria, Astro sagrado;
Dous Polos te segurão na carneiral;
Londres augusta, e o Luso peito armado.

Se os vires balançar a vez primeira,
O termo á Natureza he já chegado;
A machina do Mundo cohe inteira.

SONETO

Ao mesmo assumpto.

Olhos em Ti, o coração saudoso,
Pelas ondas do Oceano velejando,
Muito além do Equador aprôa alcançando,
Lá vai a Real Mão beijar-te ancioso.

Onde estás, ó bom Rei, Pai amoroso,
Tão longe o Sceptro d'ouro manejando,
Por Ti a amante Lysia suspirando
Desfaz-se toda em pranto lastimoso.

Mas oh que immensos raios que fulgura
Sobre bases de eterna segurança
A gloria, nem que te engolfas, e a futura!

Basta o pranto não corre; o amor descança:
Prenderemos os olhos á Figura,
E o coração ao Tronco de Bragança.

SONETO

Ao mesmo assumpto.

Assim rompendo o Sol nuvem grosseira
Mais luminosa desencerra a fronte:
Restos de negrejante, aereo monte
Em fumo tomão rapida carreira:
Lysia foi, e será sempre a barreira,
Onde a audaz seta da Invasão desponte:
A Não c'o vento em pôpa... o Sena o conte,
Em que rochedos se esbarrou primeira.

Ao alto, se baxar t'ousarão, tortias:
De joelhos teo Povo firme, e terno
Bebe as delicias, que amostrado entornas.
Resta nesse, que he teo, lugar superno:
Em copia mesmo exercitos transtornas:
Trono que Affonso ergueo he Trono eterno.

SONETO

*Dos eixos desligado o Globo gira. **

Adeos Razão: adeos Moral Systema:
Globo infeliz, lá vai tua harmonia:
Não mais teos dedos nobre sympathia
Doiraráo para nós ditosa algema.

Tocou a decadência a méta extrema:
Vasto horror na garganta enterra o dia:
Convulsa a Natureza, em agonia,
Da sua duração não faz problema.

Metteo as posses todas o Egoismo,
Levou-nos de vencida: o Mundo espira:
Não he sonho, não he vão terrorismo:

Aos revoltóens, perdido o tino, a mira,
Já do Cáhos roçando pelo abysmo,
Dos eixos desligado o Globo gira.

* Por occasião d'um facto no Convento dos Franciscanos em Guimarães em 1820, no fim de Fevereiro, em que o Guardião dentro de 9 mezes dava empenhado o Convento em 860\$, as quaes contas os discretos não assignavão, pelo que houverão ameaças &c. &c. e por isso logo veio o Provincial que estava no Porto, a visita, e um dos seus deus é mote para este Soneto.

AO*VARELLA.

Newton em Lysia nos creou Varella.

Dos Annos quasi autor, da Noute, e Dia
Tanto em alçar o vôo ao Ceo contende,
Que em Normas nunca ouvidas Newton prende
Vaga até alli dos Astros a harmonia.

Pasma o Globo d'amplissima ousadia:
Nota, e do Sabio a trilha augusta aprende:
Já calcula, já mede, e luz acende,
Com que altas maravilhas presagia.

Assim os sons correndo dubia sorte
N'hum mar revolto sem polar Estrella
D'hum choque hião parar n'outro mais forte.

Quando em meio da turbida procella
Novo Astrolabio, novô Ceo, e Norte
Newton em Lysia nos creou Varella.

A HUM FAVOR.

Que hum mimo teo, só por ser teo é tudo.

Surgi, surgi do tumulto... este dia
Este ser, que me anima he prenda tua;
Tu com sangue o arrancaste á garra crua,
Que lhe cravara a atroz hypocondria.

Já nova luz meos olhos alumia,
Já a meos ouvidos novo som fluctua;
Meo sangue torna á antiga marcha sua,
E desperta minha alma que dormia.

•
Graças Marilia a teo imperio forte!
Só tu podias dar-me eterno escudo
Contra o negro rancor do fado e morte.

Meios de ser feliz já não estudo:
Dos Deoses mesmo não invejo a sorte:
Que hum mimo teo, só por ser teo é tudo.

SONETO

Nada se pode comparar contigo.

A Aurora quando surge apavonada,
E o sol, que no ar brilha, e campea,
Tudo a par de ti he sombra fea,
He chymérico fumo, he vento, he nada!

Minerva de sciencias adornada,
Brilhante Juno, que com Jove hombrêa,
A mesma bella Deosa Cytherêa,
Não pode ser contigo comparada!

As rosas, e os jasmims, que sempre alvejam
Em ameno jardim, em doce abrigo,
Ellas a par de ti todas negrejam!

Quam pouco me expressei! Quam pouco digó!
Seja cousas do Céu, da Terra sejam,
Nada se pode comparar contigo.

SONETO

Feito por occasião de eu visitar uma Menina, e achá-la gravemente enferma.

Paraiso d'Amor, sagrada alcôva,
Morada do meu Bem, eu te saúdo;
Aqui nadando em glória encontro tudo;
Tudo que o Deus dos Deuses no Céo provê!

Aqui arte d'amar, Lilia renova;
Eu de delicias novo alitre estudo;
Ella pronta me acode, eu pronto acudo,
Se ambos morgemos para vida nova.

Aqui alegremente passo as horas,
Mas que vejo! a molestia petulante
Lançou-te, Lilia, as mãos abrasadoras!

Que dor! que angustia para hum peito amante!
Piedosos Deuses! ou lhe dai melhoras,
Ou eu não viva mais nem hum instante.

A FRANCISCO BARROSO PEREIRA.

Isenta Guimarães goza mais gloria.

- Se lavra o Crime d'huma a outra plaga ,
Negro ferrete ao Seculo imprimindo ;
Se empolado fluindo , e refluindo
Hum mar d'horrores o Universo alaga ;

Nessa enchente geral , que o Orbe estraga
Que tudo vai n'hum vortice engulindo ,
Noto , que avante Guimarães surdindo ,
Nem do rumo desvaira , nem naufraga.

De jubilo exultar sincero , immenso
Ao revolver somente na memoria ,
Que hade a Barroso queimar novo incenso !

Que inda se ama a virtude , escreva a Historia.
Seja embora do Crime o imperio extenso ,
Isenta Guimarães goza mais gloria.

Ao mesmo.

Faz á Razão, faz á verdade insulto.

Poderas, meo Francino, empavonar-te
Vendo em torno de ti tanta grandeza,
Mas sabio indagador da natureza
Em sonhos vãos não deixes engolfar-te.

Hum celeste clarão veio mostrar-te
Aquillo, que a illustrada razão preza;
E esta luz, que sustentas sempre accesa,
Faz acima dos Astros collocar-te.

Grande he quem agasalha hum grande peito,
He quem ás letras não arreda o vulto,
He quem hospeda, como tu tens feito.

Tens portanto direito ao maior culto;
E quem te despojar deste direito,
Faz á Razão, faz á verdade insulto.

SONETO

Males que soffro , males que imagino.

GLOSA.

Solidão , vas ser minha sepultura ,
Vas d'hum mar de tormentos arrancar-me :
Depois d'aquella Ingrata assim tratar-me
Não me resta ja agora outra ventura.

Aquella Ingrata , cuja formosura
Parecia a existencia eternizar-me ,
He ella , quem me arrasta a victimar-me ,
Ostentando de falsa, de perjura.

Em vão me grita pródiga amizade ,
Qu' exacerbo o meo mal , que a dor afino ,
Imaginando mais , do que he verdade :

Com essa distincção já não atino :
E que importa ? se são na realidade
Males que soffro , males que imagino.

SONETO

Meos laxos membros nem soster já posso.

Relampagos de gloria fuzilando,
D'altaneira muralha flanqueada,
A mão de mil triunfos esmaltada,
As azas da victoria despregando;

Hias, gentil Dardania, levantando
Entre os Astros a fronte torreada;
Mas cahio sobre ti tremenda espada,
A morte a tua gloria vai toldando:

Eis-me aos pés dos cavallos arrastado;
Desengonça-me o turgido pescoço
O filho de Pelêo nunca domado:

Terno Pai... Cara Esposa... o amparo vosso...
O vosso Heitor ja terminou seo fado,
Meos laxos membros nem soster já posso,

SONETO

Ao Reverendissimo Fr. José de Lima, por occasião d'um Sermão do Sacramento em S. Pedro de Miragaya do Porto.

O Deos, que as pandas azas desdobrando,
Qual aguia aos filhos deo calor ao Mundo;
O Deos que em tórno aos pés roda iracundo
D'electricos bulhoens 'strondoso bando:

O Deos, que bambolear pestanejando
Os pólos faz do Globo auri-rotundo;
Qual cordeiro mansinho, alvo, e jucundo
Dá-se em pasto aos mortaes do Ceo baxando.

Reduz-se a hum ponto a illimitada Essencia:
O extremo golfão da baxeza toca;
Quasi perdes, meo Deos, tua Existencia!...

Mas aureo Serafim a tuba emboca,
Lima boiando em mares de eloquência,
Em pompa, e gloria teo rebuço troca.

SONETO

A Napoleão Buonaparte, tentando as terras do Turco.

Vejo hu'a Deosa sobre o dorso alçada
De gigantesca nuvem côr celeste,
Nevadas roupas roçagantes veste
De Mavorcios emblemas povoada.

Já dos bronzes a rouca esfusiada
Vomita ao longe salitrosa peste;
Já templos, muros remoinhando investe
Lavareda com fumo, e estalo ateada.

Conheço-a, he a Deosa Augusta da Victoria...
Mas silencio, que a rosea boca sua
Começa-me a entoar futura historia.

„ Soberba Porta em vão tanto se encrúa,
„ O Sena fará ver cheio de gloria
„ Eterno Eclipse na Othomana Lua.

SONETO

*A Buonaparte em resposta ao Soneto contra elle, que principia — Não mettas temerario em curva quilha.
(de D. Joaquim Forjaz.)*

Heroe que as chaves ambas tem da guerra,
Que na frente estampada traz a glória,
No mar abre campanhas de victoria,
Se de conquistas já transborda a terra.

Oh! como as garras em Neptuno enterra
O Leão Macedonio, exclama a historia!
Como se esmalta de vivaz memoria!
Como Asia altiva recalcando aterra!

Em vão, moderno Marte, em vão se esgota
Do Nilo á ronca voz Britano peito
Fogo arrojando á tua brava frota:

Cedo verá, quem mancha o teu conceito,
Quem pôr-te de vencido ousou a nota,
Que o mundo a teu valor he campo estreito.

SONETO

Por occasião de Festas Reaes, na boca d'um Actor.

De mil vistosas plumas guarnecido,
Co' resplendor d'Apollo coroado,
N'hum claro Cisne venho transformado
Cantar solemne canto nunca ouvido.

O Amor da Patria sou: agradecido
Venho mostrar-me, ó inclito Senado,
Pois que tanto te apuras desvelado
Em celebrar o Principe nascido.

Não d'outra sorte ao templo da Memoria
Os famosos Heroes se levantarão:
Amar a Patria, e o Rei foi sua gloria:

Não d'outra sorte honrados esmaltarão
P'ra assombro do futuro a sua historia:
Só amando o seu Rei se eternizarão.

SONETO

*Por occasião de Festas Reaes nascendo o Principe herdeiro
D. Antonio.*

A aurea sorte da Lusa Monarchia.

Nobres cinzas , que banha inda a saudade
Dos Lusitanos Reis , que a Patria honvárão ,
Que a gloria de seos feitos entalhárão
No Templo , aonde se adora a Eternidade ,

São illustre penhor da heroicidade ,
Que sempre ao Luso Trono os Ceos juntárão ;
Os monumentos são , que nos deixárão
P'ra honrar em todo o tempo a Magestade.

Erga-se pois a campã magestosa ;
E soltando os transportes d'alegria
Cantemos hoje a Lysia venturosa.

Ao ouvir-nos estremeça a Morte fria
Vendo com gloria eterna victoriosa
A aurea sorte da Lusa Monarchia.

SONETO

Por ocasião das mesmas Festas.

Assim subão também nossos clamores.

Se a gloria celebrar da Magestade
Pertence a hum peito illustre, peito honrado,
Se o mostrar-se por ella desvelado
He prova de maior fidelidade;

Quanto não brilha tua heroicidade,
Inclito Almada nunca assás louvado!
Não he lisonja vil, que ergue o seo brado,
He voz do coração, voz da verdade.

De adornos tua gloria não carece;
Mas se a lingua não canta os teos louvores,
O coração ingrato nos parece.

Deixa pois que até os astros brilhadores,
Bem como tua gloria sobe, e cresce,
Assim subão também nossos clamores.

SONETO

*Por occasião de 4 Sermões de quaresma que pregou Fr.
Antonio de Santa Catharina, conhecido pelo
Braguinha.*

Seculo, eis manifesto o teu desdouro:
Não mais podes vestir de gala o crime:
Trombeta augusta, Oraculo sublime,
Qual és, te mostra ao seculo vindouro.

No incredulo tremóla o infame loiro:
Despiedado Egoismo a patria opprime:
Sorri o Libertino, em quanto exprime
Veneno o Jacobino em frases de ouro:

E ousavas de bom gosto appellidar-te?
Ousavas ser da perfeição exemplo?
Que gloria, o véo dos olhos arrancar-te!

Mais util benefício não contemplo:
Devem, Sacro Orador, padroens alçar-te,
A Razão, a Moral, o Trono, o Templo.

SONETO

*A José Antonio Ferreira de Sousa Lopes, primeiro Actor
do Theatro do Porto, representando a parte de
Fayel da mesma Tragedia.*

Salvo da furia dos famintos annos,
Respeita-se inda nos annaes da historia
De Róscio o nome d'immortal memoria,
De que tanto se jactão os Romanos:

Co' nome deste Actor querem ufanos
Dos vindoiros riscar a fama, e gloria;
Mas debalde o pretendem, que a victoria
Já pender vejo sobre os Lusitanos.

Tu, que o bravo Fayel representaste,
Que tanto em cega furia, e raiva ardeste,
Que inda mais que Fayel, te abraziaste:

Só c' hũa carta, que cioso lêste,
A gloria dos Portuenses elevaste,
E o orgulho dos Romanos abateste.

SONETO

*Aos vivas do Equador assim responde**

Heroes Collegas meos, honrados Martes,
Que a fama a Roma, a Athenas desfolhastes,
Quando horrendos ha pouco trovejastes,
Valendo os peitos mais que baluartes.

Floreão já sem susto os Estandartes,
Que entre as barbaras hostes segurastes;
Em paz serena estas sagradas Hastes
Idolo são do Mundo ás quatro Partes.

Cumpre agora deixar de ser guerreiro
Nas Delicias da Mesa, aqui he onde
Marte depõem as armas prazenteiro.

Que viva Leopoldina! O viva ponde.
Lacerda dos Heroes Heroe primeiro
Aos vivas do Equador assim responde.

* Por ocasião de dizer-se no Elogio, que o Equador em pé dava vivas, houve quem se lembrasse do Mote acima, para exprimir, que o Exm.^o Snr. Brigadeiro Lacerda respondia com o lauto festim, que dava a seus camaradas, e d'hum modo tão jucundo e plausível.

(Evangelista.)

SONETO

*Representando a Actriz Josefa Thereza Soares, no
Drama — A Escrava de Mariemburgo.*

Fiel ás leis da critica severa

Eu não posso applaudir o inculto escripto,
Forçada acção, dialogo exquisito,
Que ás vezes no de Farça degenera.

Sim, Jozefa, o bom senso não tolera

Que se falte ao que a Historia nos tem dito:
Ver Pedro o Grande hum Pedro pequenito,
E ouvir baixa mulher ralhar tão fera!

Mágoa foi, (pelo menos mágoa minha)

Que empenhasses calor, talento, e arte
Na fria Escrava, producção mesquinha.

Porem ja nisso a industria teve parte:

Quizeste, dando brilho ao que o não tinha,
Dar-nos razão maior para louvar-te.

SONETO

Quem não ama desmente a natureza.

Pensa, Marília, bem; comigo pensa;
O mundo em toda a parte Amor pregôa:
Amor no centro das Cidades sôa,
Amor borbulha pela selva densa.

Amor brota do mar na espuma intensa;
Pelos ares Amor cantando vôa;
Amor no alto do Olympo os Deozes corôa;
Tanto sobe d'Amor a gloriã immensa.

E desprezas Amor? Oh Ceos! que escuto!
Olha que treme toda a redondeza,
E até se tolda o Ceo d'eterno luto.

Não desprezes Amor; quem o despreza,
Quem não ama he peor inda que o bruto,
Quem não ama desmente a natureza.

SONETO

A' morte do Dezembargador José Pedro da Camera.

(Non omnis moriar)

He morto o egregio Vate, o engenho arguto,
Que vós, Musas, por mimo a Lysia déstes;
E cingidos por louros os ciprestes,
Inconsolada o chora a Patria em luto.

Dos seus talentos precioso fructo
Restão com tudo producções celestes:
Pyrro, Ignez, Mariamne, Cinna, Orestes,
Sophonisba, Semiramis, e Bruto.

Debalde exulta pois de nossos gritos
A morte que gelou tão de repente
Na fatidica bocca os aureos ditos.

Camera não morreu inteiramente:

Se morto o corpo jaz, nos seus escriptos
Seu genio ha-de viver eternamente.

SONETO

Graças aos Ceos, que pude no teu rosto,
Entre favos de mel, depôr um beijo;
Sou feliz, venturoso; o meu desejo
Satisfiz, não aspiro a maior gosto.

Muito acima de Jove estou já posto;
Cobrio a face tua a côr do pejo.
Oh momento sem par! Já não alinejo
Tocar do ethereo ceo o azul composto.

Embora contra mim, sorte inaudita,
Mil tormentos desprenda a desventura,
Augmente por meu mal minha desdita,

Chegou ao seu zenith minha ventura,
E aspiro somente em tanta dita
Mostrar-te inda huma vez minha ternura.

QUADRA.

Santas leis da natureza
Que eu respeito, adoro, e sigo;
Felizes todos os entes
Se concordassem comigo.

GLOSA.

1

Quando attento os olhos lanço
Às vegetaes producções,
Nas minhas combinações
Que segredos não alcanço!
Vejo a terra sem descanso
A lidar só nesta empresa,
Hãa planta a outra presa
Em hásteas desabrochando,
Parece estar-nos dictando
Santas leis da natureza.

2

Aquelle arbusto viçoso,
Que ha pouco do chão sahio,
Como em breve produzio
Hum filhinho melindroso!
O seo germen precioso
Outro germen traz còmsigo;

Como não temem castigo ,
Que limite os seos prazeres,
Desempenhão taes deveres ,
Que eu respeito , adoro , e sigo.

3

Desta sorte mais ditosas
Do que nós, as plantas são !
Trabalhão na criação
Sem que sejam criminosas !
Não védão leis caprichosas
Suas paixões innocentes !
Se a lei que rege as sementes,
D'onde aureos fructos provem,
Regesse os homens tambem,
Felizes todos os entes !

4

Ah! Lilia, quanto melhor
Nos seria em caso tal
Ser na ordem vegetal
Terna planta , ou debil flôr !
Suaves mimos d'amor
Feliz gozára contigo !
Segue, Lilia, as leis qu' eu sigo...
Mas tu córas, tu receias...
Felizes tuas ideias
Se concordassem comigo.

*Por ocasião de recuperar a saúde, a Senhora
D. A. L. C. B.*

CANTATA.

As abobadas d'ebano aturdindo,
Himando de rancor ralada Inveja,
Sobre as mãos jura do Tartáreo Jove.
Derrocar por seos braços
Do Templo da virtude
A mais brilhante, mais estavel c'lumna,
E as lucífugas pennas
Da horrida Estige no empestado golfo
Tres vezes mergulhando
Possante esperta o arrebatado vôo,
Que a fugitivo ponto
Reduz os Reinos do funereo Dite.

§

Já neste tempo sobre os aureos tectos
Da formosa Analia,
Embrulhados no horror d'ondadas sombras
Os chilradores, agoureiros bufos
De susto arrefecção lassos membros.

§

Eis quando d'improviso a Furia infrene

No mais recluso da Sagrada alcova
Feroz ao Leito virginal se avança:
C'o nome de Plutão na boca turbida,
Reduplicando juramentos horridos,

As ensopadas guias
No peito lhe sacode;
Refervido veneno
No sangue lhe mistura;
Com o halito da boca
Viperino a suffoca:

E do fatal commettimento ufana,
Estufando fumosa
A funebre plumagem,
Da pallida Doença
Ás tenebrosas aras
A victima offrecendo,
No Averno se esconde.

Ai! quantos rostos o temor enfia!
Quantos aos pés do leito
Coração em pedaços se debulhão!
Nos espantados olhos
Quantos bulhoens de pranto se entumecem!
As desvalidas
Prendas luzidas,
Que em Analia Patrona, e vida tinham,
Da dor cortadas,
Desamparadas,
Nas mãos do susto,

Amarellecem , murchão , e definhão.

A Formosura ,
Que tantos damnos
D'entre os humanos
Afugentava ,
E tanto obrava ,
Que ás mãos de Jove
Furtava o raio ;
Hoje em desmaio
Reconcentrada
Em funda gruta ,
Qual fera bruta
Com seta hervada ,
N'alma enterrada
Quasi perece :

Formosura , ai de nós , não apparece.

§

Ninfas d'estes contornos ,
Oh ! se Analia perdeis ,
De quem aprendereis
A importante lição
De ternura innocente ,
E sisuda paixão !
A Irmãa da Razão ,
A modestia sagrada ,
Na infausta perda de quem mais a exalta
O sangue , o coração , tudo lhe falta.

§

Sentada sobre concavo rochedo,
Que para o Douro debruçado pende,
Em quanto a Noite no Zenith se empina

Em sonoro rebôlo

Amola o ferro Libitina dura.

„ A agúda voz já soa
„ Do gallo vigilante!
„ Teo derradeiro instante
„ Chegou, Analia, agora.
„ A meos golpes cortada
„ Por terra cahirás,
„ Não mais viverás. „
Assim regouga,
E de escuta-la
A mesma rocha
Toda estremece;
O crú alfange,
Que se enternece,
Por vezes cento
Embota o fio.
De medo o Rio
Gelando pára;
Tudo he pavor,
Tormento, e dor.

§

Princeza Augusta

Da Empirea Corte ,
Teo braço forte ,
Que tudo pode ,
Não nos acode
Nesta estreiteza
Neste arduo extremo !

Virtude Santa , por ti mesmo tremo :
Sim por ti mesmo teo poder invoco :
Eis se embaça o esplendor da tua gloria !
Eis se toldão de luto os teos altares !
Rasga-se ao meio a Divinal Cortina !
Balança o Templo em solapadas bases !
Lá cahe por terra o candelabro ardente !...
Oh Virtude ! O teo Templo ! ... Os teos altares !...
Mas Ceos ! que veloz Genio
A luctuosa Lira
Dos braços me arrebatá !

Que alegre fogo me electriza as veas !
Que nova côr a fantasia adorna !
Que estranho Sol em torno me allumia !
Ao som d'harmoniosos instrumentos
Estellifero carro vem descendo.
Embraçando gentil o forte escudo
Lá m'aponta a Virtude para o longe :
Ao longe vejo fulminada a morte
Contra seo lado retorquir o ferro ;
Nas medonhas voragens de Sumano
Retalhada de dor se enterra , e some.

Qual temerosa embravecida bala,
Que nos ares não tendo que espedace,
Espedaçando o mar no mar se afoga...
Eis ronca a Inveja, e o nunca ouvido ronco,
Que em quebrados trovoens desbrocha irosa,
Rebombando no centro das cavernas,
Faz saltar as paredes de seos eixos,
Dos quicios desconjunta as eneadas portas,
E do subito abalo sacudido,
Deitando a mão ja a hum, ja a outro tronco,
Ás arvores subindo Flagetonte
Areado não sabe a qual se aferre.
Que não pode a Virtude, que não vence!
Voou da terra ao Ceo, e do Ceo trouxe

A sacrosante Hygía:

Já dissipando os corrompidos ares
Salutifero balsamo se espalha.

Analia ja respira.

Do dictamo celeste o succo bebe.
Tornão seos olhos a allumiar o Mundo;

A bemaventurar-nos

Torna seo rosto de ventura cheio.

Felizes humanos

Que mais pertendemos!

De rozas, e myrto

As testas coroemos:

Vencerão-se os monstros

Do abismo já,

Ventura maior
No Mundo não ha.
He dia de triumpho,
Celebre-se o dia:
O Ceo nos envia
A sagrada Hygía.
Analia renasce,
Renasce com ella
A murcha bonina;
Com ella florece
Toda esta Campina.
Com ella nos vem
Tudo o que os Ceos tem
De mais estimavel.
A nossa ventura
Quem não cantará?
Ventura maior
No Mundo não ha.

§

Felizes humanos
Que mais pertendemos?
De rozas, e myrto
As testas coroemos.
A nossa esperança
Já vemos cumprida;
Deleitosa vida
A vida d'Analia

A todos nos dá :
Ventura maior
No Mundo não ha.

ODE

*A Madame Reinald, primeira Dançarina do Theatro
de Londres.*

Ai Reinald, ai de mim! que voraz fogo
Em turbilhão as veias me atropella!
'Scaldão-me as faces, fumegando accesas!
Meos olhos chamejantes,
São dous fachos de fogo!
Mesquinho desafogo
Aonde encontrarei? oh Ceos soccorro....
Ai Reinald, ai de mim, eu morro, eu morro.

Contra quem vibras teos mais fortes raios?
Porque ostentas assim teos attractivos?
Tratas acaso c'os Dragões da Hircânia?
Tens aqui por ventura
Algun bravo leão?
Não vês a mansidão,
Com que todos se abração, se festejão,
Como pombas, que amantes se bafejão.

Não vês partir-se ao meio o veo do pejo?
Dar-se a amor a virtude mais austéra?
Questões não ouves sobre quem mais te ama?

Ah! mitiga, mitiga,
O furor da Victoria;
Não fundes tua gloria

Em peitos a teos golpes retalhados;
Affroixa por piedade os teos agrados.

Porem não, não me attendas, que eu deliro;
Livre solta os angelicos encantos;

Retalha a teo sabor, este meu peito,
Se te apraz o ver sangue,
Neste meo coração
Ensopa a tua mão.

De quantos sacrificios se tem feito,
Nenhum té agora a amor foi mais aceito.

Lá se agita veloz, lá marcha airoza!...
Que doce inclinação da loira fronte!...
Cheio se ergue o sendal, em torno gira....

Memorias la apparecem....
Reinald a essa vista
Haverá quem resista?

Subi, subi ás c'lunas meos dezejós,
Abraços lhe enrolai, ardentes beijos.

Parabens, coração! que gloria immensa?
Mal respiro de gosto... que he o que vejo....

Paraizo d'Amor, tu em meos braços?

Eu a par do teu rosto?...

Este em que assim me enleio,

Não he, não he teu seio?

Não he tua esta mão com que me prendes?

Parabens, coração! que mais pertendes?

Reinald, deixa, deixa... a voz me falta....

Suspiros huns sobre outros me interrompem...

Cerrão-se os olhos... os meos membros tremem...

Estou cheio d'amor...

Q'extasis deleitozo....

Já nectar saboroso

Em minha alma se esparge, em meos sentidos

Que prazeres por mim são possuídos!....

Pondo a mão no teu peito... mas que peito....

Fugio-me... ah! onde está?... que Deus zeloso?...

Reinald imã d'Amor, onde te escondes?

Cruel para que soltaste

O vôo aos meos intentos

Se n'hum mar de tormentos

Me havias submergir, se d'hua esperança

Apenas deixarias a lembrança?

Desenfreadi-vos, monstros sanguinosos,

Surgi do Abismo a saciar a raiva...

Ahi está meu coração, sentenceai-o....

Reinald o sentencêa....

Manda que o sacrifiquem. . . .

Nem restos delle fiquem, . . .

Perca-se d'huã vez della a memoria,

Já que perde tambem a sua gloria.

ODE PINDARICA.

STROFE 1.ª

Se não he hoje, que torrentes d'oiro,

D'atropellada boca desvairando,

Electrico esgotando

De versos, peito meo, rico thesouro;

Se não he hoje, que arrebató a Apollo,

A que a fronte lhe esmalta immortal c'rôa,

Nunca mais no Parnaso pondo a prôa,

Da Gloria tentarei o esquivo pólo,

ANTISTROFE 1.ª

Mas, se nas azas vejo ondear as plumas,

Que as beneficas Musas insuflarão;

Se fortes me arrojarão

Do Orbe a sopear balizas summas;

Que receio sentar-me sobre o trono,

D'onde o Delfico Deos flâmas dardeja!

Eis-me no Trono: pertinace Inveja ,
Dize agora se úfano me apavono.

EPODO 1.º

Cravada de diamantes
A septissona lyra ,
Que Heroes cantando dos sepulcros tira ,
Que ás cordas chama os seculos distantes;
A lyra he , que ouzado ,
Bellissima Lapinha ,
Digna de teo louvor em alto metro
Dextro meneio corre Argívo plectro.

STROFE 2.ª

As montanhas da Tracia fraldejando
Torvo Leão , a juba sacudia ,
Roaz dente sacia ,
Selvagens homens , vivos devorando:
D'Olvyrrio sangue já Pangêo se alaga ;
Mas se a voz solta Orfeo encantadora ,
Trocando em paz a sanha abrazadora ,
Dobra as mãos , e lambendo os pés o affaga.

ANTISTROFE 2.ª

Tu mais podêste: os Astros namorados
Fixão ponto nas Orbitas redondas:
Volvem-se em paz as ondas,

O trovão roncador suffoca os brados,
Sobre as solidas bazes abalaste,
Os inconcussos, os penedos broncos,
Reverdecerão os já seccos troncos,
Á Europa os Elizios revocaste.

EPODO 2.º

Por entre a verde còma,
Aureas conchas pendentes,
Enrugadas as faces reluzentes
Musgoza barba gotejando assoma;
 Ás aguas sobranceiro
 Com despotico imperio
Os musicos Delfins arrebanhando
O Mondego assim falla venerando:

STROFE 3.ª

„ Onde estou! ...quem me eleva! ... quem do peito
„ O coração de gèlo me arrebatava?
 „ Quem pranto me desata
„ Do melico prazer suave effeito!
„ Lavra-me hum fogo, que extinguir não posso;
„ Rebentão d'alma ternos ais magoados,
„ De tantos sec'los já por mim passados
„ Não me accórdo sentir tanto alvorôço.

ANTISTROFE 3.ª

„ Quando pensei, que Amor podêsse tanto,

„ Que semeasse volções no reino ondozo!
Lá sóa armonioso,
„ Lá se ergue , oh Deoses , o celeste canto!
„ Daquella margem vem ferindo os ares
„ A voz divina , que me crava as setas ;
„ Ah ! voemos daqui , transpondo as métas ,
„ Adoremos Lapinha em seos altares. „

EPODO 3.º

Disse , e dando tres passos ,
Deposto o sceptro , e c'roa,
Eis d'hu'a seta , que a feri-lo vôa ,
Cahe semivivo dos Delfins nos braços.
Já de roxo se tinge
A espuma , que alvejava ;
Amor o quer : Mondego d'hoje em diante
Serás rio de sangue negrejante.

STROFE 4.ª

Forrados d'aço corações ferozes
Estas verdes campinas infestavão ,
Bravios suffocavão
As Leis d'Amor ; da Natureza as vozes ;
Chegou o tempo da feliz vingança ,
Repassa os peitos a farpada ponta ;
Triunfa Amor , Amor se desafronta ,
Já de Lapinha no poder descança.

ANTISTROFE 4.^a

Aos seos pés ás mãos cheias cahem loiros,
Hum volver d'olhos traz milhões de palmas,
Bandos d'accezas almas
São as alfaias, são os seos thesouros.
Que val a douta Sapho, Helena bella,
Corina illustre, Cleópatra famosa!
Lapinha terna, doce, espirituosa,
Esta he da Gloria, e da Ventura estrella.

EPODO 4.^o

Mas, ó vate indiscreto,
Quando hu'a Deosa canta,
A desabrida voz, qual Deos levanta,
Por mais que ardente se entusiasme o affecto?
No mar de teos louvores,
Sem Piloto, sem remos,
Já a branda Lyra co' naufragio lida....
Lapinha accode, restitue-me a vida.



ODE PINDARICA.

Com diamantinos cravos impedido
Da roda da fortuna o movimento
Ha-de estar firme, inda que o tempo corra,
Ha de viver, inda que o tempo morra.

Ulyssea de Gab. Per. de Castro : Canto IV.
Est. CXV. ver. 5.

STROFE 1.ª

Zeloso Cidadão,
Que as Venturas do Rei, que a Patria canta,
Sem que os Oraculos da verdade torça,
O vulgo não somente, o Sabio fôrça
Aos hymnos, que desfralda a furia santa,
O joelho curvar, curvar a fronte:
He então que senhor do Fado, e Morte
Em delphico transporte
Sonoras Leis pregôa do Universo
Aos Pólos ambos retumbante o verso.

ANTISTROFE 1.ª

Eu, graças aos influxos
Dos Astros, que ao nascer me abrilhantarão,
Nas faxas do silencio não me envolvo;
Da Luza gloria lia longo tempo volvo

Scenas, que ao Mundo o resplandor dobrarão.
Com pãsmo decifrar altos mysterios
Ao erguer João Sexto o Sceptro d'ouro
Viste-me ha pouco, ó Douro ;
E tu bem sabes, honrador Mondego ,
Que he cantar o meo Rei, meo doce emprego.

EPODO 1.º

Se nova estrella pois relampaguea
Nos braços de Carlota,
Se ás mãos cheias o Ceo com Lyzia esgota
Das Urnas da Ventura
Quanto cobiça a borbulhante idea :
Toca a meo astro alardear assombros
Do grave assumpto carregando os hombros.

STROFE 2.ª

Contempla-me se podes ,
Pallido Espectro , resequida Inveja ;
Sol , que esvaece borrascosa noite ,
Que espanca os mochos com dourado açoute ,
Meo genio vôador no ar flammeja ;
Altaneiros zimborios soto-pondo
Co' adamascado , ignivomo Horisonte
Vai topetar a fronte ;
E para ouvir-lhe energica Poesia
Emudece dos Orbes a Harmonia,

ANTISTROFE 2.ª

Sagrado Amor da Patria,
Os thesouros de Lesbos tu me entornas ,
Tu agrilhôas desatado Eólo ,
Tu do Cerbero bem que infune o collo
Horrisonos latidos amadornas ,
Tu me transmontas ao Paiz dos Deozes ;
Emplumados meos pés correm nos ares
Espheras a milhares ;
E sempre em cume tão excelso boio ,
Que o mar em baixo me parece arroio.

EPODO 2.º

Eu entro da Razão no grande Templo!...
Deoses! que maravilha!
A acolher-me benevolo se humilha
O venerando Numen ;
E logo o grande Rei , de Reis exemplo ,
João o Sexto mostra-me assentado
No Trono , que ella mesma tem alçado.

STROFE 3.ª

Parte de ambos os lados
Longissima cadeia horrenda , e dura ,
Que a dous monstros prendendo esmaga o pulso ;
De gelado pavor me poem convulso
Do monstro da direita a catadura ;
*

Lambe-lhe as tranças azul-negro fogo ,
Silvão-lhe as serpes com' stridor , que espanta ,
Na tabida garganta ,
E a fome que no peito os dentes ferra
Lhe chupa o sangue , que lhe escôa a guerra.

ANTISTROFE 3.ª

„ He barbara Anarchia ,,
A Razão Santa clamorosa grita :
„ Se Lyzia os ferros lhe estalasse agora ,
„ Se fosse ás que lhe dou liçoens traidora ,
„ Qual a vinva pelo esposo afflicta
„ A perdida ventura em vão carpíra ;
„ Rojando pobre , tenebroso manto
„ Em vão continuo pranto
„ Ao Ceo mandára em gelador desmaio ,
„ Que o Ceo em paga lhe mandára o raio.

EPODO 3.º

„ Esse que á esquerda temeroso brame
„ He o feroz Despotismo
„ Se a gloria desairando do Heroismo
„ Hum Rei largas lhe dêsse,
„ Melhor fôra cercear da vida o estame
„ A todos os Vassallos de hum só corte,
„ Que he peor mal a escravidão que a morte,

STROFE 4.ª

„ Tu vês como algemados
„ Não ousão bafejar o Luzo Trono:
„ O Povo como a hum Pai o seo Rei ama;
„ O Rei pelo seo Povo o peito inflamma;
„ E o Ceo agradecido he seo abonq.
„ O bom Povo, e o bom Rei feliz foi sempre.
„ Os bens, que d'hum ao outro se transfundem
„ Parece que os confundem,
„ Parece que n'hum Reino aventurado
„ Emparelha o prazer, Sceptro, e Cajado. „

ANTISTROFE 4.ª

„ Quem não vê desde a origem
„ Nadar em gloria o Luzitano Imperio!
„ Affonso! Affonso! não te abafa a urna:
„ Tu brilhas sob a campa, qual nocturna
„ Luzída estrella no aposento Ethereo.
„ Não morre á mão do tempo a tua fama.
„ Só méde a Eternidade tua gloria.
„ Inda em Lyziã a memoria
„ Nos Caspios Montes como ousaste, soa
„ De C'roas cinco engrinaldar a C'roa.

EPODO 4.º

„ Diniz! Sabio Diniz! grato o Mondego
„ Teos encommas marmura.

„ Tu fizeste correr a fonte pura
„ Da Sagrada Hypocrene.
„ De esmeraldinos agros pingue rego
„ Pelo teo braço fecundado airoso
„ Te acclama em alta voz hum Rei zeloso.

STROFE 5.^a

„ João Primeiro ! oh gloria !
„ Nome entre os Lusos tão ditoso nome !
„ Ainda estremecer a Iberia sinto !
„ João Segundo, João Quarto, e Quinto !
„ Qual he mais digno de immortal renome ?
„ Nem Grande Emmanuel te deixo em sombras,
„ Melhor que a minha voz o roxo Oriente
„ Te esmalta a excelsa frente,
„ E os Gamas, que á empresa se arrojárão,
„ O teo vasto projecto assás sondárão,

ANTISTROFE 5.^a

„ Mas dos Reis o maior,
„ O que he da Divindade véra Imagem,
„ O Mimoso do Cep, que o Ceo mais preza,
„ O que força a render-lhe a Natureza,
„ Não só Portugal, Santa homenagem,
„ O Rei, que mais que Rei, ama o ser homem,
„ Que até no peito seo prodigio novo !
„ Ergue um Trono a seo Povo:

„ Pasma, ó Grecia orgulhosa , pasma, ó Roma ,
„ Quanto mais alto a Lusa C'roa assoma !

EPODO 5.º

„ Esse aqui vês nos braços afagando
„ Recemnacida Infante ;
„ Argumento feliz , prova brilhante
„ De que o Ceo não se cança
„ Por mais que vá prodigios operando
„ De fazer que a Nação do Luso seja
„ De si mesma esplendor, das mais inveja.

STROFE 6.ª

„ Cada ramo , que brota
„ O portentoso Tronco de Bragança
„ He novo açoute ao pallido receio ,
„ He de venturas inconcusso esteio ,
„ Astro , que agoura perennal bonança.
„ Eu te devasso do futuro as trevas ,
„ Realça os olhos do Porvir á torre
„ Não vês como já corre
„ Turba de Reis, que gloria demandando
„ Vem com a mão offerecer-lhe o Reino, e o mando?

ANTISTROFE 6.ª

„ Não vês como soberbo
„ Franjando as praias de nevada espuma ,

„ Qual nunca outr'ora se empavona o Tejo?
„ Não vês o Sena recuar com pejo,
„ O Sena, que impios votos tanto empluma?
„ Não vês ao longe amarellar-se o Nillo?
„ Não vês como d'amor arrebatados
„ A milhões apinhados
„ Os Povos, onde o dia morre, e nasce
„ Vem d'Ulyssea dar incenso á face!

EPODO 6.º

„ Não vês! ... „ Porem calou-se a Deosa augusta,
Que os ouvidos me encantava,
O templo, que a meos olhos fuzilava
Subito desaparece.
A hum peito, como o meo, calar bem custa;
Versifico resfolgo ainda exhala,
Mas fallando a razão ninguem mais falla.



ODE Á GUERRA.

Arma, arma, tudo sôa, tudo Guerra;
Guerra o mar sôa, sôa Guerra a terra;
E dos valles repulsando nos oiteiros,
Respondem Guerra os echos derradeiros.

Queredo.

STROFE 1.^a

Estalou, de pavôr destemperada
 Ronqueja a minha lira:
Sobre as cordas cahindo desmaiada
 A santa Paz expira:
Ao longe alborotada tumultúa
De Mavorte feroz a prole crúa.

§ 2.

Fervendo em suor negro as brutas fronte,
 Nas fornalhas aos centos
Esbofados laborão çujos Brontes;
 Forçando os rijos ventos,
Que ao engilhado folle empresta Eólo,
Fazem subir a labarêda ao Polo.

§ 3.

Eis se amontoão cerros sobre cerros

D'horrisona armadura;
Comídos de ferrugem priscos ferros
Tomão nova figura:
Surgem obuzes, bombas, e bombardas,
Surgem lanças, espadas, espingardas.

§ 4.

Tinta de sangue a cauda desenróla
Tremebundo Comêta;
Qual trovão, que abalando os ares róla,
Rutilante carrêta,
Carregada co' bronze vai rodando,
Serras, montes, e valles abalando.

§ 5.

Alveja dos cavallos quente espuma
Em fofos vellos solta;
Das ventas nuvem densa o ar afuma;
E c'o fumo d'envolta
Sóbe d'espesso pó crasso negrume,
Que ergue a planta feroz, ferindo lume.

§ 6.

Longevos cedros, resinosos pinhos
Nos montes aprumados,
Não já acoitão das aves tenros ninhos;
A golpes de machados

Descendo a povoar salso elemento,
Em vez de rama, soltão pano ao vento.

§ 7.

Apinha-se das Náos empavezadas
O bosque inextricabil:
Co' as entranhas de raiva revoltadas,
A morte inexorabil,
Enroscando a cerviz em ferrea bola,
Quanto alcança derruba, rompe, e abola.

§ 8.

Estremece Neptuno ao rouco estrondo
Dos bellicos ensaios;
E as mãos convulsas nos ouvidos pondo,
Em frigidus desmaios
No mais fundo do abysmo cahe tremendo,
E lá mesmo rebomba o echo horrendo!

§ 9.

Que vejo, ó Ceos! que maravilha estranha!...
Nos eixos abalada
Balança horrendamente esta montanha!...
Já se abre espedaçada!...
Já rebenta o vulcão; e d'entre o fogo,
Oh! que espantoso monstro, aborta logo!...

§ 10.

Os olhos requeimados, e torcidos
Tetricos lhe fuzilão ;
Verdes Dragões na coma entretecidos,
Arquejando sibilão ;
Os hirtos braços hum canhão abrangem ;
E os rijos dentes amarellos rangem.

§ 11.

Onde quer que revolve a ingente maça,
Chovem montões d'estragos ;
A ruina, destroça, e despedaça ;
Fervem de sangue os lagos,
E depois de imprimir damnosa planta,
As cinzas envenena que levanta.

§ 12.

Oh! guerra! ó monstro horrendo ! que máo fado
A Lyzia te dirige?
Volve os passos atraz, volve apressado ;
Áquelle embora afflige,
Que folga de vestir lustrosa malha,
Que se nutre de sangue, e sangue espalha.

§ 13.

Vôa longe de nós, á Hircania vôa,

Lá o teo trono assenta ,
Lá tens de serpes asquerosa c'rôa ,
Lá com turba violenta ,
De indomitos Leões , embora cerra ,
E até o cotovelo o braço enterra .

§ 14.

Vôa longe de nós , não , não persigas
A quem te não persegue ,
Se não , a defender-nos nos obrigas :
Á sua sorte entregue ,
Deixa Lyzia dormir a solto somno ,
Vendo a Patria segura , e vendo o trono .

§ 15.

Em thalamos de paz deixa mimosa
Entre festoens de flores ,
Enleada c' o esposo a cara esposa
Gozar doces amores ;
Pois que o tempo he veloz , e he curta a vida ,
Não interrompas a amorosa lida .

§ 16.

Não ate as mãos na testa murmurando
Do damnoso tumulto ,
Da paz amigo , o velho venerando ,
Banhado em pranto o vulto :

Dos pobres lares o Pastor não saia :
Não clame pelo filho a Mãe na praia.

§ 17.

Mas se he força o tollher-lhe os cegos passos,
O' Lyzia, que fazemos ?
Sanguentem-se, golpeando, os limpos aços,
Às armas entreguemos
Do futuro socego a doce esp'rança :
Só pugnando, a perdida paz se alcança.

§ 18.

Das urnas se me antolha, que se ergueram
Albuquerque, e Castros ;
Que bem que tantos annos já correram
Sem ver a luz dos astros,
Não perderão dos seos inda a memoria,
Bem como não perderão inda a gloria.

§ 19.

A meos olhos o Heroe brandindo a lança
Na, da Patria, defença
Ao monstro aterrador feroz se avança ;
E sem que o rompa, ou vença,
Por mais que inexpugnabil lhe resiste,
Da gloriosa empresa não desiste.

§ 20.

Oh exemplo immortal! nós te seguimos;
Sim, oh povos! mostremos
Na guerra os claros troncos d'onde vimos;
Fortuna, e valor temos;
Se, astros da Guerra, os Castros no Ceo morão,
Nós Lusos somos, bem como elles forão.



ODE

Quaes scintillão do Sol co' a luz mimosa
Os astros diamantinos,
Co' facho de meos Himnos,
Assim Tircêa brilharás gloriosa,
E dos seculos transpondo a immensidade,
No templo irás surgir da Eternidade.
Campêl. od. pind. epod. 1.º

STROFE 1.ª

Esgote embora os sons da terna lira
O vate namorado,
A quem a Deosa da Cythera inspira
Ardil tão bem traçado,
Que nos fêrvidos mares da ternura
Faz com gloria boiar a Formosura,

2.^a

No jardim d'Amathunta colhia flores
O Doce Anacreonte :
Corrão as Graças , corrão os amores
A engrinaldar-lhe a fronte ;
Que o nectar , que distilla do seo canto ,
Não he da gloria o verdadeiro encanto.

3.^a

A citara sonora da Amizade ,
Que meritos pregoa ,
Que a voz do Coração , voz da Verdade
Nos seos hymnos entôa ,
Esta sim he do sabio o nobre enleio ,
He prenda , que dos Ceos mais rica veio.

4.^a

Escuta-a com respeito sobre o trono
O Monarcha empolado :
Escuta-a pelos campos o colono
De joelhos prostrado :
Jove a harmonia das esferas cala ,
Quando no Olympto o seo clamor exhala.

5.^a

Tal , ó Tirce preclara , em honra tua
Pulso augusto instrumento :
Verás como ao seo echo a Inveja crua

De todo perde o alento:
Verás como aturdida da verdade
Vem adorar-te a mesma Eternidade.

6.^a

Eis subito se muda a face á terra....
Nova luz me rodea....
Todo o arcano do Ceo se desencerra
Á minha ardente idea....
Meos cabellos, e os Astros se baralhão,
Os Deoses nos seos braços me agasalhão.

7.^a

Mares, e mares de Esplendor, e Gloria
Sobre mim se desdobrão;
Thesouros inmortaes abre a Memoria,
Onde apinhados sobrão
Os dotes, que teos annos alumião,
Que d'aureos cultos a ambição sacião.

8.^a

Do filho de Saturno a par me assento
Sobre o trono estrellado:
Engolfado em prazer nas mãos sustento
Hum codigo sagrado:
Que he obra da Verdade basta vê-lo,
Eis aqui da Verdade o proprio sêllo.

9.^a

As virtudes de Tirce, eu vos repito
Oh Deoses! quanto leio,
Hum campo são de flores infinito,
Que despedem do seio
Tão lisongeiro, tão fragrante aroma,
Que a alma com elle arrebatada assoma.

10.^a

Desate-se veloz do tempo embora
A furia incompassivel:
Por mais que se arremesse voadora,
Momento indivisivel,
Não, por Tirce jamais será passado,
Sem ser por feito singular marcado.

11.^a

Oh! qual no peito coração esconde,
Assombro de Grandeza!
Tão amplo golfão haverá quem sonde!
Parabens, Natureza!
Tu de todas as forças te esgotaste,
Mas humna obra infinita remataste.

12.^a

De quanto podes a medida certa
Jaz de Tirce no peito.

Alli tudo o que he grande se concerta
Em hum circulo estreito;
Celeste compaixão, beneficência,
Probidade exemplar, magnificencia.

13.^a

Junto della a viuva o pranto enxuga:
O velho desvalido,
Repassado de gosto desenruga
O semblante franzido:
Em dar soccorro, dar allivio ao triste,
He onde o seo prazer maior consiste.

14.^a

Que vejo! que magnifica pintura
Esta pagina offerece!
Em borbotões de vivida ternura
Caudal torrente desce:
Em duas grossas fontes se reparte:
Aos filhos hu'a, outra ao esposo parte.

15.^a

Aqui Jove supremo os olhos fita,
Mirrado em Santa inveja;
Só de Jozino a incomparavel dita
Faria que se veja,
No cume do prazer mais elevado,
D'hum prazer, d'hu'a gloria, inda privado.

*

16.^a

Que mimo encantador, que doce afago!
Que angelica doçura!
Banhado o coração torna-se hum lago
 Às ondas da ternura:
Do cheio coração transborda ao rosto,
Ternos orvalhos de exprimido gosto.

17.^a

Quantas vezes n'hum extasis de Gloria
 A alma toda embebida,
Conta, e reconta a memoranda historia,
 Das delicias tecida,
Desde o instante primeiro em que se virão,
Até que ao leito conjugal subirão?

18.^a

Quantas vezes d'amor lhe poem diante
 Os frutos adorados;
E vendo em cada toque do semblante
 Os paternaes agradados
Já n'hum gentil bosquejo reluzindo,
Os filhos beija, beija o Pai sorrindo.

19.^a

E por ventura o maternal desvelo,
 Aos filhos consagrado,

O passo embarga ao vigilante zelo,
Incançavel cuidado,
De dar-lhe a educação exacta, e justa,
Do mais alto saber empresa augusta?

20.a

Ah! se os povos corressem do Universo
A escutar-lhe as doutrinas!
Quantos Heroes cantára a Prosa, e Verso,
E quantas Heroínas?
Como do Cão renascera o mundo
Com semblante mais nobre e mais jucundo!

21.^a

Densa nuvem de leis ao ar se erguera
Da terra afugentada ;
Em fumo , em pó subtil se desfizera
Dos ventos açoitada :
Que bem das leis se escusão os cardumes ,
Onde mora a razão , e os bons costumes.

22.^a

Razão, e bons costumes são os pólos
Da social harmonia:
Livre com elles de traições, e dólos,
A esfera da alegria,
Em ambito dourado se revolve,
E parece que o Ceo á terra volve.

23.^a

Razão, e bons costumes são as prendas,
Em que Tirce se empenha:
Por mais que o teo farol, capricho accendas,
Generosa desdenha
Teos prestigios, teo brilho fascinante,
Em solido pensar sempre constante.

24.^a

Em cristalinos globos assentado
De fragil consistencia
Levanta ao ar o collo empavezado
Com fofa entumecencia,
O melindre do sexo, Divindade,
Nescia filha da molle ociosidade.

25.^a

Á voz de Tirce o invalido Colosso
Cahe por terra em pedaços;
Range o monstro debaixo do destroço
Mordendo em raiva os braços:
Por outras grita, que lhe dê abono,
Que hum braço heroico lhe arrasára o trono.

26.^a

Oh peito varonil, oh Tirce augusta!
Que invejada capella

A virtude immortal, em premio ajusta
 Á tua fronte bella!...
Deosa não ha de tão merecido culto :
Compraz-se Jove de incensar-te o vulto.

27.^a

Oh! que vistosas scenas o Futuro
 Agora me apresenta!
Seculos a milhoens de Gloria augúro....
 Mas que força violenta
Dos braços me arrebatá o livro santo!...
Mais não he dado, pônho termo ao canto.

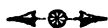


ODE EPODICA.

DEDICATORIA.

Vozes, que o patrio amor arranca d'alma,
Que o brado universal da gloria ajudão,
São hoje, como sempre, a teos ouvidos
Vozes dignas de Ti, são prenda acceita.
No meio da sem par, brilhante pompa,
Com que em triumpho a Welesley conduzes,
Quasi nos braços das nimosas Ninfas,
Ao templo que lh' ergueste da Memoria :

No meio dos solemnnes, gratos cultos,
Que ás Luzas armas fervoroso prestas,
Ao mar da profusão soltando os diques;
Versos não, mas d'hum peito comprimido,
Hum peito em ancias d'imitar teos rasgos,
Nas venturas da Patria extasiado,
Mesquinho desafogo a Ti dedico.
O nome d'Araujo he quem me arroja,
Este nome que a Fama aos astros sobe,
Nome caro á Nação, ao Trono caro.
Ao sabio, ao rude, ao pequenino, ao grande
Do Patrio amor sagrado archivo inculca,
Inculca o Cidadão em zelo acceso,
Inculca a Themis o mais firme esteio,
Inculca o Genio que ao nutante Solio,
De Minerva arrancando a luz, a força,
Do que o rijo diamante hombros mais rijos
Metteo, e segurou: o peso enorme,
Que Athlante acurvaria, não o acurva.
Lisonjas não pregôo; Lyzia o sabe,
E melhor do que Lyzia o seo Monarcha.
Por sympathico influxo logo affectos,
Affectos que são teos acolher debes.
O que meo parecer no teo o illustra,
E já meos versos serão versos d'ouro.



ODE

„ Soldados... huma affronta vingar cumpre.
„ Ás Herculeas balizas
„ Hide, vencei; no fundo do Oceano
„ O Leopardo expire.
Assim a Fera sobre a c'roa erguida
D'altaneiro rochedo
O ronco desatara que nos montes,
Nos valles inda echoa;
Aquella Fera, que no Estygio gôlfão,
Qual sorvedoura tromba
Dessedentando o bojo, o bojo inchara
D'esqualida peçonha;
Fera nefanda, a cuja horrenda vista
Ennoitados os ares,
Murcho o talento, e resequido o engenho,
N'hum momento se torna
Dos sabios a Nação, Nação de brutos.
Insana! e que projectas?
A que audazes destinos te abalança
A desbocada furia?
Contra que brio alardear teos brios?
Que! remontou pujante
Em vôo afortunado Aguia tremenda,
E das possantes guias

Já sobre o Oder, e o caudal Danubio
Torrentes e torrentes
D'horror, d'estragos, de ruinas, mortes,
Despeja, atira, espalha?
Mas o Ibéro Leão flamispirante
Que por cem bocas ruge?
Mas o Tamiza que empolado em gloria
Triunfos mil trasborda?
E as mimosas do Ceo e prenda sua
Sempre adorandas Quinas?
As Luzas Quinas!... acabaste oh Monstro:
Agora sim a morte
Aquella voraz vai eugasgar-te:
Para a antartica Zona
Passo que moves he degráo que range,
Que no teo trono estala:
Punhal que amolas, contra ti o amolas:
A que soltas faisca
Vai de Lyzia no Ceo girar tão viva,
Que as nuvens humia a huma
Electrizando intensa, incendios, raios
Ergue a milhoens, e todos
De rondão em teos membros esbarrondão.
Onde, que não te ampara
Essa esguia Politica assombrosa
Tão tua onde demora?
Com Luzos baralhar tuas Phalanges,
Teos perfidos systemas!

O Luzo peito no valor, na honra
 He peito de diamante,
He rocha donde o mar ao mar recúa,
 Torre que as balas cospe.
Sacratio de primor, de lealdade,
 Thesouro de nobreza
Por si, pelo seo Rei, pelo seo Templo,
 Se nos Sertoens da Lybia
Torrar o rosto o coração releva,
 Se ressuadas palmas
Convexos promontorios cavalgando
 Com a espada na boca
A braços com as ondas, com os ventos
 Encrespados, revoltos
Cumpre colher no Eufrates, Indo, ou Ganges;
 Se ao trilhado Hemispherio
Outro novo solar demanda a gloria,
 Cada Luzo he Menezes,
He Almeida, he Cabral, he Castro, he Gama,
 E cada Gama, ou Castro
He batalhão, que batalhoens descose.
 Eis de Ulyssea as portas
Já com horrida cauda açoitação Aguias
 Himpando de soberba.
Despejados no campo refulgurão
 Os arsenaes do Sena.
Furia, que n'huma mão veneno esconde,
 Ouro n'outra alardea,

Que ora iniqua semente esparge a furto,
Ora de suspeitosa
N'hum mar d'enganos subtil rede alastra,
Em frente rompe a marcha,
E a estrada apalpa ás aguerridas hostes.
O Luzitano Estado
Tão vasta alluvião suster mal pode.
Coalhadas as campinas
Messes ondeão de emplumadas frentes.
Ai! como que nos Fados
Agouro, oh Lizia, assustador ressumbra!...
Não, que os Fados ja força,
Fórça a victoria a submeter-lhe as palmas
O Brazão do heroismo,
Gentil flor de Albion, do mundo assombro,
Welesley o grande,
D'esperanças sem termo c'roa, e base.
De Bellona os arcanos
Abre de par em par, volve e revolve.
Nos orbes de Mavorte
Novo Newton descobre força nova.
Por seo punho brandido
O calculado raio jamais falsa.
„ Portuguezes ao campo,
„ Exclama trovejando... Ei-los em briga:
Não ja medonhós fossos,
Não ja bronzeas muralhas abarrearão:
Hombro por hombro os Luzos

Travão de envolta c'os heroes da Galia :
 Travão, e logo oppostas
Maças enormes, bem cerradas, firmes
 Ao recontro primeiro
Claro espaçoso aqui, ali abrindo
 Em tremulo balanço
Desajudadas dão de golpe em terra ;
 E naufragadas taboas,
Boiando á conta de alterosas ondas,
 Ou sem tino divagão,
Ou na furia d'hum vortice em rochedos
 Vão ao meio lascar-se.
Aguias, que fito a fito o Sol encarão,
 Das Portuguezas Quinas
Ao celeste clarão os olhos tapão,
 Azas encolhem, fogem.
A espaços largos folego cobrando
 Reabrem r'ombas unhas ;
Mas da vingança o inexoravel Numen
 Espanca, tempestéa,
Nem toma alento até que de Pirene
 Galgado o excelso pico,
Ferrando com tenaz affinco a hydra,
 Por tres vezes rodada,
Tão despachado a atira á derradeira,
 Que sibilante seta,
Arco immenso lavrando pelos ares
 Com troante fracasso

Sobre as margens do Adaur em pó, em cinza
Vai resaltar desfeita.

Hum ai retumba ja de desafogo
Em Lyzia, Iberia, Europa.

No peito o coração se amplia, expande.
Foragidos prazeres

D'entre as sombras do tumulto resurgem.
Embalsamado, e puro

Novo horisonte de esplendor s'enfeita:
Novo Ceo! nova Terra!

Parabens a razão presta á justiça,
Esta a razão gratula.

He connosco a virtude... Epocha santa!
O homem ja he homem:

A Nação he Nação: ha trono, ha templo.
Epocha santa! Salve.

Que em breve os planos teos se desmalharão
Feroz tartareo tigre!

Olha o quadro immortal, que a Gloria mesmo
Por suas mãos nos pinta!

Olha o ferrete de vergonha eterno,
Q'em teo nome se crava!

Olha milhoens de seculos vindouros
Sobre ti debruçados

O fel da execração verter em rios!..
E que pensavas? Lyzia!

Lyzia só cahe, se os mesmos Ceos cahirem.
D'ouro eterna cadeia

Em Ourique predeio da terra aos astros
O Luzitano trono,
Se quebrarem do Mundo os Polos ambos,
Suspensa Lyzia sobe,
E cercada de Sões aos pés de Affonso
Vai brilhar entre os Numes.



ODE PINDARICA

A D. Rodrigo de Lancastre.

Orna a verdade mas não mente a Musa.

Ant. Diniz da Cruz.

STROFE.

Se no cume do Pindo o som espraio
D'auri soberba lyra,
Não me diga a Calumnia, que delira
Qualquer que bebe do Apollineo raio.
Com cem grossos grilhoens sobre as espaldas
Já la ficão nas fraldas,
Servil adulação, fantasmas, sonhos.
Clara verdade, clara mais que a Lua

Só a tua cubiço, immortal c'roa :
Outro verso, outra voz em mim não sóa ;
Teos são meos versos, minha voz he tua.
Se da terra os Heroes ao Ceo levanto,
He só teo punho que me esfórça a tanto.

ANTISTROFE.

Sol que relumbras com terror dos Povos
No Sceptro dos Tyrannos,
Ante quem vibrão profetando damnos
Cauda fatal Cometas sempre novos ;
Por mais que dobres o clarão sublime
A borrasca do Crime
Negreja sempre ao denodado Vate.
Quantas vezes de olhar te horrorizado
Pronto as redeas revoltos aos meos Ethontes,
E o Pastor vou cantar que jaz nos montes
Ao tronco das Virtudes recostado!
O sceptro então envolve-se em horrores,
E o cajado matiza-se de flores.

EPODO 1.º

No meio do Universo
Então mortal pesado
Inda á face do Globo reatado
Já por modo diverso
Rodão os eixos da existencia antiga.

Fogo nas veas immortal circula ,
Aura celeste no refolego pula ,
O Tempo faz-se eterno , a Morte amiga.
De trevas esbulhado
Se me antolha o passado ;
E se as barreiras do futuro avanço ,
Tambem victoria alcanço :
Porque a prósida Musa que me inspira
Telescopio me deo de longa mira.

STROFE 1.ª

Tal hoje aos Heroes todos, dando inveja
No alcaçar da Memoria,
Gravado entre relampagos de gloria
Quero, Rodrigo, que teo nome seja.
O dia em que nasceste, illustre dia,
Sonora Poesia
Vai no Olympto gravar com sello eterno.
Ande e desande a Saturnina roda ,
Bronzes o turbilhão dos annos coma ,
Teo nome brilhador mais alto assoma
Teo nome pode mais que a força toda.
Heroe que da Virtude tem o escudo
Ou na terra ou no Ceo domina tudo.

ANTISTROFE 2.ª

Em Lyzia sempre alardeou com pompa

A arvore donde emanas,
Acçoens dos teos Maiores mais que humanes
Cantou da Fama a clangorosa trompa.
Como entre afagos o Leão Ibéro
Liso o aspecto severo
Da tua alta progenie as plantas beja!
Como Tamísa os resplendores conta
Que ás suas ondas teos Avós mandarão,
Da Historia o dedo com assombro aponta.
Mas se eu repito da Razão os brados
Tua gloria não vem de Alcoforados.

EPODO 2.º

De ti provem somente
De meos Hymnos a fonte:
De brillhantes acçoens vasto Horisonte
Corre á minha mente.
Que alegre oh Ceos! que magestosa scena!
Eis garboza Matrona vem marchando
Astros e flores senhoril calcando;
Nas maons hum livro que altas Leis ordena.
Prende as azas Eolo,
Neptuno abaixa o collo
Curvados a seos pés os Elementos
Fazem mil rendimentos.
Entre rugas floréa a face augusta
Tanto mais nobre quanto mais vetusta.

STROFE 3.^a

Quem he esta, quem he, Musa sagrada?
Quem, que tanto me encanta?
Já sei, a Natureza Sacro-santa,
Que vem das ternas filhas rodeada.
Aquella he a Humanidade, esta a Clemencia
Est'outra a Innocencia,
Silencio, oh Filhas do Supremo Jove:
Silencio: vai fallar a Natureza.
„ Brotarão de meos dedos flores belas,
„ Surge delles o Sol, surgem Estrelas
„ Mas a c'rôa inda resta da beleza:
„ Quando me esgoto do saber profundo
„ He quando o Homem apresento ao Mundo.

ANTISTROFE 3.^a

„ Que fiz? Que louca fiz?... Minha desgraça
„ Forjei eu mesma: ai triste!
„ O tigre ás minhas ordens não resiste;
„ O homem, esse sim, todas traspassa,
„ A Razão que lhe dei não o alumia:
„ Quer antes para guia
„ O Norte das paixoens, do erro o Espetro;
„ Das minhas filhas a mais cara filha
„ A sem ventura a pobre Humanidade
„ Ao jugo da feroz barbaridade

*

„ Qual mansa rêz á foice o collo humilha,
„ Dobra-se o pranto aos olhos infelizes
„ Sangrentão-se de novo as cicatrizes.

EPODO 3.º

„ Que mal fazes, Clemencia,
„ A quem tanto te odeia?
„ Feroz orgulho, rabida impaciencia
„ Te esmaga, te sopea.
„ Alçar fingindo a vara da Justiça
„ Coração de metal, peito de fraga
„ Assim o natural impulso apaga
„ Sacrilega Ambição, brutal Cubiça.
„ He da Razão amigo
„ Providente castigo,
„ Mas por ventura perdoar o crime
„ Sempre á Justiça o resplendor reprime?

STROFE 4.ª

„ E que vezes rebenta do Cocyto
„ Fervendo em raios e peste
„ Infrene monstro, que ardiloso veste
„ A Innocencia com trajes do delicto!
„ Intriga, de que gloria te não cobres
„ Quando a verdade encobres,
„ Quando te avultas com defraudo alheio!
„ Ceva os olhos, la vai para o desterro,

„ La vai ao cadafalso o innocente.
„ Inda que o Raio com furor ardente
„ Partir-te jure o coração de ferro ,
„ Basta ser a Innocencia filha minha
„ Para ter, ai de mim ! sorte mesquinha.

ANTISTROFE 4.^a

„ Dest'arte n'outro tempo me carpia
„ Mas tu, sabio Rodrigo ,
„ Tu ja me recobraste o lustre antigo ;
„ E mais me déste do que então havia.
„ Tu, meo sagrado Codigo aprendeste
„ E o esteio te fizeste
„ De minhas Leis, minha immortal doutrina.
„ Verdadeiro philosopho, ao meo peito
„ Do bom arrezoar fartaste a sede,
„ Nem a Aguiã que do Sol a altura mede
„ Tão alto vóa como o teo conceito :
„ Nem ja mysterios encerrados tenho
„ Porque o veo lhes rasgou teo raro engenho.

EPODO 4.º

„ Da Grandeza á Virtude
„ Oh que distancia immensa !
„ Não vês no mesmo altar onde te incensa ,
„ Fumo que outros illude !
„ N'hum Polo ás vezes a Grandeza mora

„ N'outro a virtude separada existe;
„ Tu estes Polos tão de perto uniste
„ Que ninguém estremal-os pode agora.
„ Esta gloria só basta
„ Esta aos Heroes afasta
„ Dos mortaes golpes a total ruina,
„ Esta na Campa ensina...
Calou-se a Natureza: eu tambem calo:
Já não cumpre cantar, cumpre adora-lo.

*Traducção da Ode de Sapho, segundo a
versão franceza de Lille.*

Feliz aquelle, que a teu lado geme,
Que sobre si attrahe tão lindos olhos!
Essa tão doce voz, terno sorriso
Á dos Deoses simillha.

Labareda subtil de vêa em vêa
Me corre ao coração, quando te vejo;
Minha alma se perturba, se extravia,
A voz me desampara.

Não ouço: cahe hum vêo sobre meos olhos;
Já me arrebatto aos Ceos, já desfaleço,
E perplexa, sem folego, perdida
Deliro, tremo, e morro.

ODE HEROICA.

O' et præsidium, et dulce decus...

== *Horat.* Odar. lib. 1.^o Od. 1.^a ver. 2.^o ==

Verdade augusta que me pesas n'alma
Assalta em borbotoens ao vulto, aos labios.

Relampagos sonoros

Da gratidão as azas

Caminho te abrem pelo Ethereo campo:

Dos orbes ao redor divaga, e trôa.

Rubras as faces, declinados olhos

Do Baculo (ou do Sceptro) a froxo trava

Despeitosa Modestia:

E em defeso recinto

Invicta sofre a resonante Lyra

Em sons dourados echoar seo nome.

Indomita explosão rebenta, estoira:

Flammi-voma espedaça rochas, bronzes:

Dos estalados diques

Fumegantes rebolos

Rolando em turbilhoens nos ares negros
Desabão sobre o mar, e o mar rebomba.

Chocão sem tino aos revoltoens as maçãs.
De encontro com a luz baqueia a noite.

Incompescível Furia

D'innato jus ufana

Do Globo em cinzas, se he preciso, o Chaos
Na arrebatada arremettida arranca.

Sangui-negro furor nos torvos olhos,
Vulni-cola avidêz nas secas fauces,

Nos hombros azulados

Vulcaneo carregume,

N'hum vortice de raios a Coragem
Circumvolvida, atordoada gira.

A perda universal, a quem faz Côrte
Vendada confusão, enfuna em tanto

No coração presago

Á atroz desejo as velas:

Ordem, Prudencia, Lei, Corôa, Reino,
Submerso conta em sorvedouro eterno.

Lysia! Lysia infeliz! a taboa illustre
Que do naufragio quiz primeiro alçar-te,

Ousando intempestiva

Com giganteos embates

Marachoens repellir, cachopos, ventos,
Hia contigo de mergulho ao fundo.

Subito á tua voz, sagrado Chefe,
Á voz sonora d'attracção se embandão

Os soltos elementos:

Rainha do Universo

Harmonia os anneis, refaz mais firmes:
Em orbita prefixa as forças rodão.

Grande sem par miraculoso acerto!
(Guardai, ó Musas, no melhor do peito

De tão nobre thesouro

Tão rico esmalte he digno)

Jove na mente procreou Minerva:
Emula a Patria te acclamou Regente.

Genio, que nos Lyceos não vira Athenas
D'audaz combinação no mudo cofre

Em ordenadas peças

O Universo concentra.

Corriges, soldas, regeneras, crias:
Em novo Mundo, novo Norte cravas.

Já de fortuitas, apinhadas turbas
Tremendas brotão marciaes cohortes;

Electrica torrente

De fila em fila estala,

Arde no coração pugnaz braveza,

Na mente repousado jaz o acordo.

Já tresplantado pelo undoso argento
De honra ás maons flammispirante bosque
 Britanico ardimento
 Generoso peleja:

Ei-lo nas praias: e as que o Sol encarão
D'armadura ao fulgor se encolhem, Aguias:

Já para o Tejo convergindo fluem
Do Douro, e do Tamisa enchentes largas;
 Momentos de remanso
 Não consente Belona:
Vermelhas fumão bronzeadas bocas,
Abortão montes turbilhoens de fogo.

Ao da trombeta horrisono retumbo
Remuinhão trovoens, refervem golpes:
 Sangrenta tempestade
 Ás rajadas recresce:
Rijo balanço os batalhoens da Galia
Por terra atira escalavrados, mortos.

Lá se torcem no chão partidas serpes:
Torres d'astucia esboroadas ruem:
 Cahe o dólo, a impiedade:
 Roxo tepido lago
Se empoça aqui, ali, onde a milhares
Agonizando barafustão monstros.

Elmo emplumado de illusoens nefandas,
Por escudo ambição, por cota enredos,
 Por alfange Rapina,
 São d'hum bosque a Politica.
A morte mesma vai cerrar com ella:
Os membros esmigalha, o craneo escaca.

Exercitos, cadaveres, carretas,
E pó, e fumo, e sangue, tudo em monte,
 Cavallos, Cavalleiros,
 Bandeiras, armamento,
Tudo vai de rondão, varrido ás azas
D'illustre acesa, energica Vingança.

Ante-posta, belligera Phalange
No campo já não ha: e o Patrio Marte
 Serenar-se não pode:
 Labareda entranhada
Lhe torra o coração, lhe escalda a fronte;
Golpea ainda, e corre, e freme, e espuma.

Sobre a ruina das cortadas hostes
Eis as sagradas Lusitanas Quinas
 Rasgando o ar, e os vivas:
 Salpicadas de sangue,
Ainda tremolando, sangue orvalhão:
Nos braços a Victoria as toma e beja.

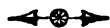
Do cabo Occidental clarim sonoro

A Fama aponta ao Guerreado Arcturo :
Ao estrondo dos feitos
O Vistula, o Danubio
Atando as maons na envergonhada fronte
Contra seos fados, seos heroes dão urros.

Da nunca havida portentosa gloria,
Da gloria d'acurvar-se ás Regias plantas,
O Equador todo ufano
Mais alto se empavona,
Promettendo-se agora abrir segunda
Ao mesmo que a trilhou Real passagem.

Plano sublime! Quem te urdio he homem?
Remonta do saber tão alto ao cume!
Os horisontes limpos!
Desassombrado o Templo!
Em culto as Leis! em segurança o Trono!
Escravos hontem, somos livres hoje!

Peito, que salva o Rei, que a Patria salva,
Se por força hade ser mesquinho o Sceptro,
O Rei não galardôa.
Mas eu te congratulo,
Veres salvo o teo Rei, a Patria, o Templo,
Tal era o premio teo, tal he teo premio.



ODE FUNEBRE

A' morte de José Correa de Mello.

Quis desiderio sit pudor, aut modus
Tam cari capitis ?

Horat. Odar. lib. 1.º Od. 20 ver. 1.º

Nem esperança nos resta... emfim he morto:
Raio da guerra, Lusitano Marte,
Bravo Heroe, que arrostando da morte o sceptro
Cedeo á lei dos fados.

Oh Patria! oh minha Patria, quem poderá
Na perda infausta de Correia illustre
Ter hum peito de bronze impenetravel
Aos golpes da saudade!

Á froxa luz, que pallida tremúla,
Na tocha sepulcral já se descobre
Triste cadaver, Victima funesta
Da voraz corrupção.

Jaz entre sombras quem nos Marcios Campos,
Audaz vibrando despiedado ferro,
Á frente posto d'inclitas phalanges
Immortal parecia.

Envolto em rolos de sulfureas nuvens
Entre o bravo estridor de canhoens roucos
Trovejando levanta a voz terrivel,
Enfurece os soldados.

Joven Heroe no peito leva a imagem
Do caro Rei, da Patria que defende...
Arme-se o inferno todo, não 'stremece,
Não perde a côr do rosto.

Destemido leão s'avança aos muros,
Lá cahem por terra flanqueadas torres,
Lá s'aluem trincheiras, baluartes:

Que montes de ruínas!

Fuzile embora raios sanguinosos
Contrária aos Lusos tetrica Bellona:
Com as azas da morte não se cobrem

As Lusitanas Quinas.

Nem tu, monstruosa Galia, que sangrentas
Com perfido punhal o mundo inteiro,
Que á força de traiçoens, d'enormes crimes

Arvóras Estandartes;

Nem tu que ufana dos Estados todos
Volvendo a Urna a sorte lhes destinas;
Contra o bravo furor não te atreveste

Do invencível Correia!

Já não existe... destemperadas Caxas
Troando roucas o pranteão morto!..

Ah! quantas vidas n'hu'a só arrancas

Insaciavel Parca!

A quantos Cidadaons agradecidos
Passaste a ferro lacerando os peitos,
Que amorosa homenagem consagravão
Ao Defensor da Patria!

Inda os vivas retumbão, inda sôão
Os echos d'alegria, que se erguerão
Nessas margens do Douro, quando invicto

Triunfador entrava,

Semeão-se de flores os caminhos,
Embandeirão-se as Nãos, bombardas troão,
Sonorosos clarins, carros pomposos,

Excessos d'alegria...

Que digo! oh Ceos piedosos! tudo sombras,
Tudo sentidos ais, lutosos brados
Hoje... ah ingrata fortuna, que depressa

Fausta roda desandas!

Já não lhe cingem magestosa a frente
Verdes c'roas de loiro triunfante,
Só verde-negros funebres cyprestes

O tumulto lh'adornão.

Quanto se engana quem se fia credulo
Se hu'a vez lhe surri maga ventura!
Qual murcha folha sobre as maons do vento

O homem he seo ludibrio.

Infeliz quem vivendo obscura vida
Preso ao cepo da vil ociosidade,
Comsigo leva o nome despojado

De posthuma memoria.

Tu, Espirito fliz; ligeira sombra,
Que do pó sacudindo as leves azas
Voaste altivo á região dos astros

Sobre doirada nuvem;

Bem que de nós tão longe te ausentaste,
Tua imagem se volve em nossos olhos:
Eterna he a tua gloria, assim não fôra

A magoa de perder-te!
No silencio fatal da campa dura,
Despedaçado á força de suspiros
Preso o coração tens, coração nosso
Que fiel te acompanha.



ODE SAGRADA

A' Virgem das Dores.

Do rasgado peito, oh virgem,
Cruenta seta dispara;
E com ella a Canto aügusto
O meo coração prepara.

Voando a Ti sobe tanto
A idea, tanto se exalta,
Quanto desce envergonhada
Philosophia a mais alta.

Huma só das que annuncias
Sapientissimas liçoens,
Faz riscar quanto escreverão
Os Socrates, e Platoens.

Eis de rojo pela terra
Revoltas paixoens rebramão,
Emquanto minhas entranhas
Em sacro fogo se inflammão.

Lei do peso, lei geral,
Meos membros inda reveste ;
Mas a alma d'essencia livre
Esfera suprema investe.

Novo calor me repassa,
Novo elemento respiro,
Quasi espirito sou todo :
Virgem, vejo-te, ou deliro!

Vejo-te: he certo o que vejo :
Mas como n'hum mar de pranto?
Como! á força d'agonia
Arquejando tanto tanto?

Tu, que se Deosa não és,
És por alta maravilha,
Porque assim mesmo lh'aprouve,
De Deos Mãi, Esposa, e Filha!

Rainha de Cherubins,
De Tronos, e Potestades,
So te fazem triste Côrte
Amarguras! anciedades!

Ceos! que lugubre painel
Se desenrola tremendo!
Que ensanguentadas Pinturas
Vão os meos olhos correndo!

Lá vibra sagrado Velho
Reluzente fina espada,
Com futuro que te agoira
T'a deixa n'alma cravada.

„ Esse Filho q' a teo Seio
„ Tenra fronte agora inclina,
„ Será d'alguns salvação,
„ Será de muitos ruina. „

Lá sôa fatal Decreto:
Tanto berço ênsanguentado
Só para ver se teo Filho
D'envolta vai immolado!

Estremecem-te as entranhas
Ao nome, á sombra d'Herodes:
Lá foges espavorida,
Só assim salva-lo podes.

Mas tão longe!... por desertos!...
Huma Mãi tam delicada! ..
Sem auxilios!... sem aprestos!...
He muito!... cruel jornada!

Ai! que energico suspiro!
Quem ouvi-lo poderá!
Perdeste teo doce Filho,
Ninguem te diz onde está!

Cada momento que passa
He seculo para Ti:
Oh! quem me dera dizer-te!
Alviçaras, ei-lo aqui!

Que! Tu mesmo he quem o mostras!...
Melhor fôra não acha-lo,
Não te succedêra agora
De tal maneira encontra-lo.

Longo robusto Madeiro
Em hombros tenros, gentis!
Rijas cordas espremendo
No colo as vêas subtis!

Roxas nodoas pelo rosto!
Vergoens nos mimosos pés!
Desfeito em sangue, em suores,
Quem o Ceo, a Terra fez!...

Eis a bruta Soldadesca
Pelas fraldas da montanha
Redobrando os empuchoens
Vai fartar a infrene sanha.

De rastos rasgando as Carnes
Aqui sobe, acolá cahe:
D'espumante sangue aos rios
Ensopando a encosta vai.

Já do Golgotha no cume
Estendido sobre a Cruz ,
Pregado de pés , e maons ,
Se eleva ao ar teo Jesus.

Ei-lo em ancias, em arquejos ,
No extremo lidar da vida!
Lá vem do alto seos olhos
Dar-te a final despedida.

Tudo quanto estava escrito
Agora se completou :
Inclinou a Sacra Fronte:
Já não tens Filho! expirou!

Expirou! mas não a raiva
Dos monstros desenfreada ;
A seo peito , ou a teo peito ,
Lá se arroja outra lançada.

Virgem : a minha ternura
He faculdade mortal :
Se inda tenho de ver mais
Poderei ver tanto mal!

Que he isto! Eu tremo d'horror!
Teo Filho morto nos braços!
Teo Filho, que mal conheces!
Teo Filho feito em pedaços!

Oh Heroe d'Arimathea!
Oh generoso Varão!
Já que o tiraste da Cruz
Tira-lh'o agora da mão.

Contar hum a hum a Chagas!
Ver saltar do meio os ossos!
Em cada órgão estragos!
Em cada Membro destroços!

Onde se imprimir quizeres,
Teos roxos Labios extinctos,
Onde ha de ser que não fiquem
Teos Labios de sangue tinctos?

Eu ouço o estrondo da Campa....
Lá t'o arranca honrada Mão....
Fechou-se na Sepultura:
Eis Virgem na Solidão.

Já debalde olhas teos braços ,
Que inda ha pouco o sustentárão :
Já não lhe encontras o peso
Doce peso que encontrarão.

Volvem-se nuvens, e nuvens
Do Futuro, e do Passado :
Tudo são punhaes violentos
No teo Peito atribulado.

Virgem Mãi, estás sozinha ! ...
E esses tantos que adoptaste ,
Ingratos filhos que he delles ! ...
Não mais, Virgem : baste... baste...

Não que eu queira que não quero
Poupar a minha ternura ;
Antes minha justa dôr
A tua dôr só procura ;

Mas peço-te por hum pouco
Me deixes forças juntar ,
Para vir com novas forças
As tuas Dôres chorar.

ELOGIO.

Ao nascimento do Infante D. Miguel.

— 1802. —

Quanto póde a seo Rei hum fiel Povo!
E hum bom Rei quanto póde!
Queres, ó Lysia, testemunho novo?
Liberal nos sacode
Dos seos braços o Ceo ao nosso Trono
Mais hum penhor, mais hum seguro abono.

Largo Oceano, que fervendo empola
Em montanhosas serras,
Que em si já não cabendo, ainda enrola
Os regatos das térras,
Até que trashordando sorve as praias;
O' Gloria Lusitana, assim te espraia.

Grande te virão os primeiros Lusos,
Rasgado o Ceo ao meio,
Cahir do alto em circulos diffusos
D'Affonso ao Regio seio.
Avultas desde então tanto em grandeza,
Que he teo vulto maior que a redondeza.

Cada Monarcha que nos pinta a Historia
Tanto Esplendor derrama,
Tanto se ensopa no clarão da gloria
Tanto o pregôa a Fama,
Que os mais Reis, não podendo equipara-los,
Antes ser quererão seos Vassallos.

Quando os olhos em fogo a Inveja fita
Nesta Lista sagrada,
Por mais blasfemias que o rancor repita,
A pensar he forçada
Que ou Philosophos sempre governarão,
Ou sempre sabios Reis philosopharão.

Venturas a milhoens borboteando
Prazer, Doçura, Riso....

Eis aqui o retrato venerando
Do almo Paraíso:
Dos Sabios a Nação imaginada
Ei-la nos Portuguezes realizada.

Seculos seis arrósto que alardeão
Faustissimos reinados:
Monarchas vinte e cinco se encadeião

D'eterna gloria ornados:
Mas com magico enleio a fantasia
Ás virtudes se prende de Maria.

Qual peito de ternura não se alaga
Tão doce nome ouvindo!

Se podéra sentir a rija fraga ,

A fraga repetindo

Fôra aos ouvidos todos clamorosa :

„ Maria he terna Mãi , he Mãi piedosa. „

Mal que o Sceptro dourado toma em punho ,

Graças á Divindade!

A clemencia he o primeiro testemunho

Que dá da Magestade:

A vez primeira que o seo Mando entôa ,

Á masmorra o perdão ligeiro vôa.

Amor , amor ao Povo a todo o instante

O Coração lhe brada ,

Por mais que a chamma cresça devorante

Inda a julga apagada:

Mirrado , em santas cinzas já desfeito ,

He de amor inda pouco satisfeito.

Huma lagrima só , que hum triste solte ,

„ He preciso , diz Ella ,

„ Que dos seos olhos ao meo peito volte ,

„ Onde d'amiga Estrella

„ Encontre logo prospera influencia

„ Enxugando-a a Real beneficencia.

„ Se os Povos a meo mando estão sujeitos

„ Por legitimo imperio ,

„ Estes Povos tambem tem seos direitos

„ Vindos do Assento Ethereo :
„ Se a Dextra o Ceo me armou d'altos poderes,
„ Tambem aos hombros me arrojou deveres.

„ Justiça, corre igual por toda a parte
„ Com os olhos vendados :
„ Mas ah! não deixes nunca de lembrar-te ,
Qu' entre os ferros alçados ,
„ Entre os duros horrores do castigo,
„ Póde a Clemencia ás vezes ter abrigo.

„ Ternura, vòa em torno a Lysia toda :
„ Qual pomba enternecida
„ Com beneficos pios accommoda
„ Toda a raça querida :
„ E se hum filho gemer vires enfermo ,
„ Aos carinhos de Mãi não haja termo.

„ Terra, despe a dureza, abre o teo seio :
„ Florecei, muchos troncos :
„ Máres, ás velas dai franco passeio :
„ Estalai rochedos broncos ,
„ Das montanhas correi ao Muro, ao Templo :
„ Servi aos Povos, que Eu vos dou o exemplo. „

E subito os rochedos se despenhão
Das montanhas fragosas :
Ventos, e Mares a levar se empenhão
Faías mil alterosas,

E de frutos pujante a terra culta
Pergunta ao Mar donde mais bem resulta.

Subito os Hospitaes se desafrontão
Do peso do tributo:
Já tantos contra a morte auxilios contão,
Que ao ver tamanho fruto
Gritão que o Ceo em dar esta Rainha
Deo tudo quanto em seos thesouros tinha.

Portugal melhor tempo nunca víra ,
Se a nossa alta ventura
Ao Trono João Sexto não subira ;
Filho, que na ternura,
Nas virtudes d'hum Rei o mesmo he vê-lo,
Que ver a Augusta Mãi dos Reis Modêlo.

Jão nestes Contornos inda os brados
De exultante alegria ,
Com que do Porto os Cidadãos honrados
Celebrarão o dia,
Que a vez primeira levantára o Sceptro ,
Lyras pulsando com Argivo Plectro.
Inda o Douro as melenas sacudindo
Sobre a arenosa praia
Chama das Ninfas o rebanho lindo,
Manda que Protheo saía
Arcanos do futuro revolvendo ,
Virtudes inauditas predizendo.

E acaso te enganaste, Illustre Douro?

Ah! que ainda não sabias

O valor remontado do thesouro

Que feliz possuias!

Agora sim que seo governo vemos

Mil vezes Semi-Deos lhe chamaremos.

Se elle não fôra, truculento Marte,

Ao teo feroz insulto,

Ruinas dardejando em toda a parte

O chamejante vulto,

Talvez que os nossos Templos, nossos Lares

Em pó voassem pelos tristes ares.

Talvez murchasse a tão soada gloria

Dos Nunos, e Pachecos,

E abafasse huma só funesta Historia

Da Fama tantos echos;

Que a fortuna das Armas, que tivemos,

Não he hum fôro, que nas Armas temos.

Talvez.... Mas João Sexto o fogo apaga

C'o sopro da Prudencia:

O dragão da Discordia aos pés esmaga,

C'o bastão da Sciencia:

A fronte por Minerva illuminada

Mais inda aterra do que á cinta a espada.

Brazão este será, ó Rei supremo,

Que aos vindouros ensine

Onde chegar da gloria pode o extremo:

Que o premio determine

Aos Reis, que julgão para o bem da Terra

A Paz mais util, que a mais util Guerra.

O' Patria, se o teo punho levantasse

Durador Monumento,

Que tão heroico feito eternizasse,

Onde a todo o momento

João co' a Paz nos braços se adorára

E não Rei, Deos de Paz se appellidára!

Ao menos tenha a Gratição em tanto

Mesquinho desafoço;

Mas se a Estatua faltar não falte o canto

Em Pindarico fogo

Ardendo immortalize o Luso peito

Dos Reis o maior Rei, que o Ceo tem feito.

Por Mestres tão sublimes doutrinado

Rêcem-nascido Infante,

Que novo Heroe em Lysia levantado

Não vai raiar brilhante!

Renova as pennas desvelada Historia:

Clarins aprompta a sonora Gloria.

Não he prole o Falcão da terna rola:

Aguias de Aguias se gerão.

Assim, quem nasce, quem se instrue na Escola,

Que os Lusos Reis erguerão,
De João Filho, de Maria Neto,
Ha-de ser como os Pais da Gloria objecto,

Oh! como novos élos alongando

Vão a Regia Cadeia!

Oh! como entre nós outros roborando

Se vai d'hum Rei a ideia!

Entre o Povo, entre o Rei, que aurea harmonia!

Mais feliz hum Mortal onde seria?

Tu foste, Portugal, sempre o primeiro

No Regio acatamento:

O Ceo com graças mil, que he verdadeiro,

Faz ver teo sentimento:

He elle quem teos dias felicita

He quem te faz Credor de tanta dita,

Deleitosa união pinte-se embora

Com lisongeiras côres;

Que por mais que o engenho se afervora

Em sonhos brilhadores,

Perfeita não existe sociedade,

Sem que a governe Sabia Magestade.



ELOGIO

A S. M. Fidelissima.

— 1818. —

Saudade cada vez mais insofrida
No crysol d'amor fino aprimorada,
Breve pausa ao afôgo presentindo,
Sobre o mais alto da soada serra
Das horas a carreira atalaiando
C'os veladores, almejantes olhos
Pelos balcoens da Aurora dá rebate.

Abobadado pavilhão nubloso
Entre as sombras ja raras ver se deixa.
Já d'arrebol as bibulas cortinas
Traspassadas a froxo s'apavonão.
Eis o dia no centro, e logo á força
D'energicos relampagos de gloria
O docel, o espaldar esvaecendo
Em diluvio de luz alaga os orbes,
Oh dia de João! do Rei dos Lusos!
Saüdem-te nos Ceos benignos astros!
Saüdem-te na terra aves e flores!
Debrucem respeitoso colo os montes!
Silencio, oh Aquiloens, silencio, oh Mares!

Tabernaculo augusto, oh Natureza,
Comprazendo-te fausta em seos encomios
Solemnes roupas roçagantes roja.

Lysia como em teo seio gloria tanta!
Que digno altar exalçarás em honra!
Que grato aroma queimará teo punho!
O sangue, oh Rei, dos Reis Lição, e Inveja,
O sangue inda em bulhoens, inda fumante
Por ti vertido desde o Adour ao Tejo,
Sangue de corações, que o perdem todo
Por não perder da lealdade hum ponto,
A joia he só com que enfeitar ousamos
No teo Natal teo magestoso trono.
Transumptos mil d'heroes, d'Heitor, d'Achilles,
Que dar vida por ti tão bem souberão,
Vê como nas amêas pendurados,
Sóes de eterno fulgor teos muros dourão!...
De mais rico matiz onde ha bandeiras?
Com mais diffuso, atroador rebombo,
Pregão do teo poder, onde estrondea?
Sarcófagos, honroso sacro encerro
De votadas a Ti mimosas cinzas,
As aras sejam que enfloremos hoje.
Oh! que incenso d'alli se expande ao Mundo!
Quantos sobindo em successivos rolos
Primores de heroismo em paz, e em guerra!
Que adorabundas victimas do trono!
Do geral sorvedouro a nós superstes

Quantas invejas seo bom fado crava!
Qual aos Reis holocausto he mais aceito!
Qual citara melhor desfere canto
Que a taciturna voz destes moimentos!

Que grande o Rei não he quando se escora
N'hum qual foi este esboroado pulso!
Oh! se o houvera n'alta Roma Augusto!
Ou n'Asia Cyro, ou Alexandre em Grecia! ...
Só assim a Real grandeza avulta:
Qual do Libano o cedro agigantado,
Qual monte audaz que sobreleva as nuvens.
Trono em base d'amor he trono eterno.
Sceptro só de clemencia, de justiça
Entra nos corações a rogo delles.
Filtrão-se as leis com o sabor do nectar.
O que imperio já foi he gosto agora.
Obdecem como obdecem Lusos

A Rei que he Pai amante, e Pai amado,
Mais que hum dever cumprir, he sorver todo
Favo de mel que a liberdade espreme.

Teo Nome, João Sexto, só teo Nome
Na boca d'hum dos Lusos resoando
Basta a accender d'amor Vezúvio intenso.
A idea de quem és sopra em nós outros,
Faisca que electriza os seios d'alma,
Que o sangue em ondas faz rever nas faces,
Que escalda a mente, e que alvoroa os pulsos
Para affrontar por ti mil mortes juntas.

A idea de quem és mais alta sempre
Ao Globo, que a teos pés, teo Mando roda.
He eixo d'ouro, eixo inconcusso, eterno.
Huma lagrima só d'um desvalido
Do teo Manto Real á sombra enxuta
Com mais affinco o teo Poder robora
Que o castello roqueiro, bronzear torre.
Teo Sceptro para erguer-se sobre os Lusos
Vir d'Affonso, ou dos Ceos, não carecia.
Tu és Rei per ti mesmo. A Realeza
No teo Merito augusto inda primeiro
Se ostenta aos olhos todos, que no sangue,

Que he ser Rei, não he ser Pastor dos Povos!
Salva-los de cruentas alimarias!
Em paz rege-los, abundar seos pastos!
Dar-lhes livre respiro em ares puros!
Abrir de largos bens torrentes largas
Na mansa posse de direitos sacros,
No atilado resguardo a leis celestes!
Leis!.. Pôde Athenas aventar as tuas?
E mais que as Leis não pode o teo Exemplo!
Ha paixão por mais doce á fibra humana
Que a teos pés conculcada não arqueje!
A ambição aos Monarchas tão fagueira,
Tão ceo aberto nos Reaes conceitos,
Da C'roa afigurada a melhor Pedra,
Afigurada a melhor Luz do Sceptro,
O Realce melhor, Grandeza, e Pompa,

Essa mesma não jaz de rasto em ferros!
Vencedor de ti mesmo não se espelha
Nos feitos do seo Rei os teos Vassallos!
Ha ahi costumes mais gentís, mais doces,
Ha ahi de Leis, d'Archontes menos mingoa
Do que quando a Virtude está no Trono?

Quantas sublimes Prendas florescêrão
Desde o primeiro Affonso até á Primeira
Sempre adoravel, e immortal Maria
Nessa d'egregios Reis Teia fulgente
Juntas em ti não refflorescem todas!
No amplissimo horizonte de teos feitos
Telescopio haverá de longa mira
Que ao Sol da tua Gloria mancha aponte!..

Oh! vivas sempre em todo o andar dos annos!
Não só de bem reinar és o Modelo:
Na nossa adoração és quasi hum Nume.

Ah! se outra vez afortunada a Europa!...
Se a America não mais que os cerros d'ouro
Guardasse para si!.. Se justo o Oceano
O que o Tejo emprestou rendesse ao Tejo!...
Ah! Tu és Pai: no peito bem entranhas,
Bem lá mettes no fundo d'alma os pios,
Saudosos pios de afastados Orfaons
No Patrio Ninho de gemer ja roucos.
Se inda cumpre sem Pai que vivão filhos,
Cumpra-se o teo Querer, e o seo Destino.
Dulcissima Illusão, Cópia sagrada!

Ao menos tu nos vérté o alento, e a vida,
Dia dos annos seos solemne Dia
Tu ao menos de jubilo nos banha:
Tu ventura cabal em Lysia entorna.
Honra eterna a João, á Regia Esposa,
Á Prole Augusta, a seos Augustos Annos!



ELOGIO

A El-Rei o Senhor D. João 6.º

Silencio... Humilhação... Amor... Respeito...
Eu te adoro, gentil, sagrada Effigie:
Ao ver-te o coração aos olhos sobe,
Sobe d'alma o fervor, sobe ella mesma.
Quanto sou, quanto penso, quanto sinto,
Tudo se embebe, se extasia, engolfa
Nos circulos dourados, nos reflexos;
Que a sempre Augusta Magestade tua,
Pyramide de luz, dardeja, expande.
Jão Sexto!... Que gloria!... Em copia mesmo,
Coração Portuguez, da honra esteio,
Da fé, do amor ao Rei, do patrio zelo,
Venerando exemplar, archivo illustre,

Em copia mesmo, quando alcanças vê-lo,
Quaes teos affectos são! Quaes teos transportes!
Na face a todos labareda estala,
Nas veias de tropel vai sangue, e fogo;
D'acesa gratidão ondas com ondas
Aos resaltos no peito se amotinão.
Inda á pouco por ti sangue vertemos,
Quem nos dera por ti verter mais sangue!
Por hum Rei que he Rei homem, Rei amigo,
Rei Pai, Rei todo amor, delicias todo,
Que bem se perde, se se perde a vida!
E tão doce prisão, que a ti nos liga,
Tentava o Monstro lacerar ao meio!
Ao peito Portuguez provar abalo!
Contra o zelo a seo Rei sonhar tentamos!
Oh! raiva! De furor espumão inda
Entalados da afronta o Douro, o Tejo.
O Monstro em mil pedaços descosido
Lá vai aos repelloens de Lysia fóra,
Novos Pachecos, Albuquerquees novos,
Sousas, Silvas, Coutinhos, Castros, Nunos,
Leoens avanção, leoens garras, dentes
Ferrão nas torpes, caudalosas Aguias,
E os palpitantes, lacerados traços
De rijo arremeção á força immensa
Do Tejo aos Pyrineos vão esbarrar-se.
De lá n'outro empuchão esmigalhados
Sobre as ondas do Adour dão baque horrendo.

Gloria em torrentes das montanhas róla,
Gloria ferve em cachoens, trasborda, alaga
Cidades, Villas, Cortezoens, Pastores.
Pendoens da liberdade hasteão praças,
Roupas d'independencia arrastão muros.
Mais que o Sol no zenith relampagueia
Desafrontada a Sob'rania illesa.
O Trono ao Templo congratula os louros,
Congratula a Victoria o Templo ao Trono.
Affonso, que as promessas vê cumpridas,
Que jurara, que ouvio do Ceo as vozes,
Sorri Affonso no clarão do Olympo:
E jubilosas cá na terra as cinzas
Retravando entre si sussurro brando
Saltar anhelão pelas urnas d'ouro.
Mas não pára inda assim o Luso brio;
Nobre orgulho tremer faz inda os queixos;
Tão bem nascida colera os semblantes
De verde e d'amarello tinge ainda.
Que armas se atrevão contrapôr-se ás nossas:
Embora..... Nossas armas ja levamos
Do tumulto do Sol do Sol ao berço;
Desenrolar porem do arrojo as vellas,
Athe querer deslealdar os Lusos!
Oh! raiva! Este descôco, esta insolencia
O Tempo, a Morte, a Eternidade mesma
Da memoria raspar não póde nunca.
Aqui, onde o primeiro dos Monarchas

Se embalou carinhoso, aqui lie, onde
Primeiro sôa da vingança o brado,
Retumbos do trovão não troão tanto,
Tremêrão do Universo os Polos ambos, .
Tremeo Lusbel, e o Sceptro, e C'roa sua
De degrão em degrão do Solio tomba.
Boreas, que espanca as condensadas turmas
Foi ver o patrio zelo a ferro e fogo
Varrendo as bastas insolentes hostes.
C' a morte nas espaldas mal seguros
Se escoão de roldão sangrentos restos.
Aos echos da victoria alvorotados
Postos em pé o Vistula, o Danubio
Nova refrega esbravejando gritão =
„ Portugal esmagou á Hydra as testas,
„ Cumpre ás outras Nações partir os membros. „
Disserão, e cumprirão.... Que mais resta?
Ah! Porque os mares não repassas prompto!
Porque aos filhos não vens limpar o rosto!
Oh! que se ás praias d'Ulyssea abordas,
Se inda ver-te huma vez! mas vives, basta :
Guimaraens da saudade he grave o peso?
Levanta os olhos..... Aqui tens, respira. —



ELOGIO

Ao anniversario da Archi-Duqueza d'Austria

O' Paz , ó flor do Olympto , ó Diva excelsa !
Não só deve acatar-te o Mundo inteiro ,
O Ceo mesmo colmar-te d'honras deve.
No rodopío de esbofada guerra
Desmantelado cabecéa o Globo !
Fitos os olhos , estirada a guella ,
Entrado ja na orbita , o momento
D'engoli-lo d'hum sorvo espreita o Cahos !
Eis tu possante mettes punho aos Polos ,
O balanço refreias , o eixo escoras ,
Harmonia lhe embebes , leis lhe encravas.
De ti em desdobrada catadupa
Jorrão bens sobre bens , em ti somente
A planta social raizes prende.
Só teo alento lhe fecunda o germen ,
O tronco lhe frondea , a copa enflora.
O' Paz , mimo do Ceo , do teo regaço
Prenda só tua , como vem donoso ,
Pelos amenos do horisonte alvoro
Espraiando-se fausto , evaporando-se
Em orvalho dulcissimo , em aromas ,
Rasto após si de magestade , e pompa ,
Clarão de gloria antecedendo longo ,

Brazão dos Ceos, da natureza esmalte,
Primor das eras, este augusto Dia!
„ Sou eu, exclama assiduo, e os astros parão,
„ Sou eu d'entre milhoens d'infundos evos
„ Que dei a Leopoldina a luz primeira.,,
O' Danubio, que nome!... Bem te vejo
Sacudir madrugada as verdes tranças
D'algun resto de pó cahido a Marte:
Pelos ares delir balsamo puro
Recemfendidos de infectadas Aguias.
Bem te vejo acoçado inchar o bojo
Á clangorosa, mosqueada concha;
Ninfas, Tritoeus arrebanhar de golpe,
Com elles adorar saudoso Berço,
Berço, que mil virtudes embalarão,
Da Heroína sem par, que te esclarece,
Que rebrilha per si sem os reflexos
Da torrente lucifera, que espalha
D'Austria e Lorena o amalgamado Tronco. —
D'alli se foi, daquella praia ao longe.....
Marquem vestigios seos padroens de jaspe,
Cravado n'alma remurmura ainda
Aquelle adeos suave, heroico, e terno,
Que a pranto move, mas reprime o pranto,
Qu'inspira magoas, mas respeito infunde,
Que affectos leva, mas liçoens nos deixa;
Aquelle adeos... Viudouros, com que assombro,
Com que assombro ouvireis troar seos echos!

Bem te vejo... Mas oh! como a teos cultos
Reune o culto seo o Tejo absorto!
„ Eis o dia dos seculos inveja,
„ Honra eterna, retroa sonoro,
„ Á Vergonteia gentil, que brota ovante,
„ Qu' o Germano esplendor apura, e dobra!
„ Doçel Imperial lhe presta a sombra,
„ Presta-lhe amiga luz radioso Sceptro:
„ Mil palmas, louros mil em torno crescem:
„ Borrasca alli não ha, que o Ceo lhe enturbe,
„ Nem ousa Eólo suscitar tumultos,
„ Partilha he sua, efflorescencia eterna,,
Ei-la nos braços, Jove assim o ordena,
De Lustros cinco discorrendo os mares:
Dobrando o colo respeitoso Oceano
Acceita em paz risonha a turba fervida:
Da estranha maravilha alvorotado
Em pé nas ondas o Equador dá vivas,
Respondem „ viva „ os Hemisferios ambos:
Na praia surtem de Cabral invento.
Lá c'hum ramo immortal da sempre clara,
Sempre adoranda Bragantina 'stirpe
Se trava, se entre-laça, se entre-aperta;
Nelle a existencia confundida enlea,
Nelle respira, nelle a vida alenta.
Quer dos évos por vir, quer dos ja vindos
A mais gloria Hymeneu ja não aspira.
„ Celicolas, diz elle, neste Alcaçar

„ Mais alto, que até qui, me cabe assento;
„ A obra rematei da mor grandeza;
„ Vinculei para sempre em meos altares
„ D'Austria a Princeza, e o Principe da Beira.
„ Hoje he Dia natal d'esta Heroína;
„ Para a mão lhe beijar á terra desço....
Ceos! que estranho esplendor me cahe na mente!
Flama divina me faisca n'alma!
Pisão terra os meos pés, mas ja da terra,
Nem pensar, nem sentir deriva agora!
Salve, quadro immortal! Verdade, salve!
Qual se mostra, Janeiro, qual se mostra
Essa augusta Porção do melhor sangue,
De cadeia d'Heroes Aunel fulgente,
D'Avoengos sceptigeros sem conto,
Pasma, Veneração da Europa inteira,
Prole d'um Semi-Deos, de Pedro Esposa?
De tão excelso grão descendo, sempre
A todos meiga, carinhosa, affavel:
Hombro por hombro a humanidade mede:
„ Esta maça he commum, acima desta
„ Só razão clara, só virtude sobe.
Manto rutila, que a indigencia ampara:
Não chora a viuvez, não chora o Orfão,
Nem desvalido o merito definha.
Não póde a sombra tolerar do crime,
Mas se encara no Reo, divisa o homem.
Em honra sua acclamações bem ouve

Do Luso, e do Germano Trono dignas.
Troa o trovão na embandeirada torre:
Lustrosa em tremolantes galhardetes,
Empoladas ao vento as velas todas,
Soberba não no salso argento arfando,
Respondendo incessante, estrepitosa,
De bombordo a estibordo he fogo he fumo.
O rouco trom da esfusiada ronca,
De serra em serra reverbéra horrendo.
Larga o cajado o pegureiro incauto,
Arrancão fuga atordoadas rezes,
E a pavida donzella ouvidos tapa.
Terror, e enleio aos olhos marcias filas
Ante os Paços Reaes relampagueão;
Entre sonoros retumentos rufos
Os sagrados pendoens ao chão se acurvão;
Pelos duros fuzis assacalados
Successiva alegria em chammas corre;
E mais ardente nos briosos peitos
Energico alarido aos astros guinda,
Mas o viva, que sahe lá da masmorra,
Pelos ares trepando enfraquecido,
O viva á protecção, ao Regio amparo,
Que do leito da dôr mal se esvoaça,
O viva da desgraça, e da indigencia
São a seos olhos mais jucundo applauso,
Mais pompa festival, mais Realeza.
Verdade, solidez, pensar seguro,

Inexhausta, geral beneficencia,
Que digna Esposa de tão digno Esposo!
Do Ceo de Lysia que mais digna estrella!
Futuro, se os arcanos teos me abrisses!
Que Rainha! Que Mãi! Que Regia prole!
Rainha! Oh magoa! Oh perda! ...arcanos fecha...
A par de Pedro, a par de Leopoldina
Eterno vivas, João Sexto, vivas.

ELOGIO

A El-Rei D. João Sexto

— 1821. —

Vinde, sentai-vos na Curule eburnea,
Clarissimos Varoens:... e que! não vedes
De rosiclor pintado o niveo Globo?
Do centro delle dadivoso Nume
Das venturas por vir aos Lusitanos,
Porque digno me crê, m'outorga a Urna.

Ceos! que prodigio! .. hum Monte em dois se rasga!
Sobre a minha cabeça extasiada

Labareda Heliconia cabe a prumo:
Amor da Pátria; ei-la no peito ainda
A, que ao nascer me dardejaste, flecha.
Pátria! que doce Nome!... ser teu filho!...
Eu me ufano, empavono, e devaneio.
Quem todo a Ti se dá, só esse he Grande,
He Nobre Cidadão, he Sabio, he Justo.

Oh! que bem que te adita João Sexto,
Que extremos de fineza, que alardea!
Bonissimo João, Honra dos Sceptros,
Filosofo Monarcha, Idolo amavel,
Que Nome a par do Teo a côr não perde!
Em que Trono jamais tão altos feitos?
Deos de ruinas, Deos de fogo, e sangue,
Bem vejo, que paineis me desenrolas.
Espada empunho postejando Mouros
Emulo teu bem reconheço Affonso:
Limites receiando além dos Mares
Heroísmo gentil, João Primeiro
Temerosos Pendoens affinca em Ceuta.
Africano! Africano! ainda tóa
Da Fama no Clarim o Quinto Affonso:
Treme d'horror Alcaçar, treme Arzila,
E Tangere grilhoens acceita, e beija.
Neptuno em sanha, Adamastor aos roncões,
Furor brutal d'estupidos Cocares,
Teo preconceito, Emmanuel ditoso,

Do arreigado Discurso não des-eixa.
Qual na mente a correras, tal já corre
Sobre insolitas ondas estendida,
D'onde o Sol nasce, até que morre, estrada.
Inda he pouco: haverá hum Mundo novo!
Mundo novo a teos pés do Cahos surge.

Mas carecem bons Reis d'alheios Reinos,
D'estrageo de Naçoens, sangrentos loiros!
Ser grão Monarcha, he ser invicto Cezar?
Embora.... e quem nos campos de Bellona,
Mais palmas colhe, que João o Sexto?
Se cumpre a Lusitania pôr em cobro,
Se perfida invasão lhe empana o lustre,
O maximo dos bellicos triunfos
Não he seo, não nos salva, e salva a Europa,
Europa, que gemia em luto, em ferros?...
Estava longe!... mas de longe a idéa.
Mais golpes dava que de perto a espada.

Silencio, que a Razão nos falla agora.
D'espesso fumo vortices medonhos
Lá vão rodando alem das Lusas raias.
Cahe dos olhos o véo, raia a Verdade.
Que sereno, que fulgido horisonte!
Tudo he luz, tudo paz, grandeza tudo.
Grão Rei, já vês quem és, e quem he o Homem.
Homem dos seres todos he o primeiro

Acima d'Aguia, acima do Sol mesmo,
Senhor de si, livre senhor do Globo:
Tu és Homem melhor, que os outros homens.
(De Rei não desces, quando em homem sobes.)
Mais, que na tua, na maior ventura,
Ventura do teu Povo lidas sempre.
A Vontade, o Pensar lh' espreitas firme,
Seo Pensar, e Vontade he Regra tua.
Assim juraste, e assim te exaltas, onde
Até agora mortal algum se alçára.
D'altos Monarchas na pomposa Escala
O primeiro degráo he teu somente.
Mais, e mais remontando-se o teu Trono
Vai topetar com as estrelas mesmo.
• Tempestades em roda não remugem,
Se remugirem, não d'Atlante os hombros,
Dos Lusos coraçoes hum só te escora.
Rei, que attenta d'hum Povo á dignidade,
Que não Vassallos, que respeita Filhos,
Que habituaes, herdados pundonores
Á luz adversos do saber sem nuvens,
Postergando magnanimo levanta
Mais alto a Lei, do que a Coroa altiça,
Não tem par no Universo, he só na terra,
E faz da terra hum Ceo, de que Elle he o Centro.
Oh Gloria, eu nado em Gloria... aquellas ondas
Que respeitosas se enovelão mansas!....
De ricas velas mosqueado o Pégo!....

No meio campeando Náo dourada!...
Que Náo he esta? Quem acolhe dentro?
A Ventura na prôa vem sentada:
A Prudencia na pôpa o leme empunha.
De bombordo a estibordo enfileirados
Cantando remão divinaes Affectos.
Alcyónios Dias nas antenas folgão,
Qual cardume d'insectos sussorantes,
Já Votos, já Prazeres a milhares
Pelos mastros se enroscão, sobem, descem.
Que Náo he esta!... quem acolhe dentro?
He Elle... não me engano, he João Sexto.
O Codigo sagrado, que jurára,
Com as maons ambas apertando ao peito
He Divisa Real... nem já quer outra.
Lusos vinde, arrojemo-nos aos mares,
Não sobre os mares, sobre os nossos hombros
Venha em triumpho o maior Rei do Mundo.



Pregão na Festa dos Estudantes de Guimarães, chamada de S. Nicolau.

Oh Lysia! oh dos Imperios flor amena!
Que pouco te importou, que inchado o Sena
Trasbordando feroz o pezo ingente
Desenrolasse da tremenda enchente

Sobre teos campos, teos estados, praças
Rolando em cada onda mil desgraças!
Que pouco te importou que o feliz Marte
Que arrazou de Dantzic o baluarte,
Que ás maiores naçoens arrima o hombro,
E as maiores Naçoens cobre d'assombro,
Sobre teos muros trovejasse horrendo,
Em odio, em vingativa raiva ardendo!
Heroe tiveste, que os Heroes esmaga,
Augusto morador da excelsa Plaga,
Que a frente d'immortal 'splendor matiza,
E as Estrellas aos pés sagrados piza.
Mimo de Jehovah, mimo daquelle,
Que os Orbes todos assoprando impelle;
Rei dos annos, Senhor da Eternidade,
Maior, inda maior, que a immensidade:
Foi elle, ninguem mais, foi, eu o juro
Quem contra a Gallia ergueo bronzado muro:
Elle qual Boreas, que o negrume espalha,
Faz em pedaços a infernal canalha.
A aguia feroz de sangue tinge a pluma,
E açoitada na terra em raiva espuma.
Guimarães! Que se segue? o grato fogo
Em gratos Coraçõens não rompe logo?
Haverá entre nós algum ingrato,
Que em culpada inacção fique insensato?
Não, assim não será; os seos louvores
Eu ja passo a ordenar. Rufem os tambores.

A sua Guarda de Honra nós compomos ,
Ministros do seo culto só nós somos ;
Silencio respeitoso... Ordem do dia...
„ Será sem Lei Escolastica folia.
As ruas correndo a Juventude solta
Quanto lhe agrade levará d'envolta.
O condigno ornamento das janellas
Damasco não será , serão as Bellas.
Aos Ginjas que tolherem que ellas fallem
Mil praxadas nas costas logo estalem.
O sordido taful , o áudaz Caixeiro
Que á Funcção se metter de prasenteiro
Ha-de limpar-nos com a lingua as botas ,
E levar as costellas meias rotas.
O Rendeiro a não estar bem preparado
Ha-de ser no Toural arcabuzado.
O official maior fica incumbido
Do que mandamos a mostrar cumprido.
Cubirão-se as testas , o clarim se enboque.
Marchemos... O tambor ao Bando toque. „



*Pregão para a Festa de S. Nicolau, que
fazem os Estudantes de Guimarães,
para o anno de 1818.*

Vem, Grande Nicolau, vem do teu trono
Mostrar que só tu sabes ser patrono.
A tenra juventude desditosa
Á sombra da Cadeira carunchosa,
Qual sombrã a quem o sol jamais consola
Definha, e morre no salão da Escola.
No mar Tyrrheno, ou no volcão de Troia
Já a cabeça perdida não vê boia.
Martello aos golpes na tenaz bigorna
Verbo, e Caso no ouvido estala, e torna.
Esgota o sangue, a paciencia, o tino
Tanto genero neutro, e feminino.
Lá vem Sanches, Vernei, lá vem Prisonio
Para o nó desatar de Suetonio.
Mais alto lá do Rostro papagueia
Apostrophe!... immortal Prosopopea.
Barbilongo o Senhor Quintiliano •
Com flores para a frase em todo o anno.
Mal haja a sua magica loquela!
(Bem rhetoricas dão os pais sem ella)

E qual não trava alli tenaz guerrilha
Da Razão a chamada melhor Filha!
Lá vai murro no pobre Sylogismo
Por hum termo de mais.... Surge do abysmo
Co' as cangalhas nas ventas Peripato;
„ Que vai cá nestas eras! que he do pacto,
„ Que fiz com Autems, Ergos, onde existe?
„ O moderno Pensar em que consiste?
Eis n'hum valente Objicitur esbarra,
E no abysmo outra vez de chofre marra.
Ai de nós tristes! que fatal açoite!
Peza arrobas de chumbo cada noite.
Peza mais do que o Mundo cada dia.
Só de Ti, Nicolau, vem alegria.
Só Tu ao coração prestas alento.
Ha hum anno sem ti, murcho, sedento,
Coitado!... já se expande, ja resfolga,
Já vive,... Oh Socios meos, á folga, á folga.
Dá férias Nicolau: em hora sua
Nossos festejos veja o Sol, e a Lua.
Guimaraens toda alastre-se de flores,
Maons de neve ás baquetas dos tambores,
Bucéphalos gentis 'spumem, rinchem,
E jaez poueo airoso fóra pinchem,
Mil farças, mil visagens appareção,
As Bellas mais que nunca refflorecção.
Desta vez Fanatismo cahes por terra.
Hypocrisia, vai ferir-te a Guerra.

Hoje Archonte não ha insulso e pêco,
Que tolha das facecias o embelêco.
Podem as Ninfas de apurado gosto
Mostrar a bel-prazer seo lindo rosto.
Tomar hum ramo, fomenta-lo ao peito,
Como vindo d'Adonis tão perfeito:
Ou aquelle aceitar insigne pomo,
Que a Tantos escrever fez mais qu' hum tomo.
Que gloria ter aos pés hum Estudante
Finezas de morrer rendendo amante!
„ Eis aqui, minha Bella, o teo escravo
„ Faz-me sorver d'amor o doce favo.
Que gloria não he a tua, oh Sexo amavel,
Em ouvir confissão tão respeitavel!
Hum Estudante he a flor da Sociedade,
Tem graça, tem primor, tem gravidade.
Tudo o de que ellas tem maior dezejo,
Nem d'armas lhes fallece o bom manejo.
Estudante! ... sobre tudo neste dia!
Joia alguem mostrará de mais valia!
Alguem de tão boças, longas orelhas
Com elle tentará correr parelhas?...
Orá ahi vai a Lei!... tomaí sentido:
Bem alto fallo para ser ouvido.
Funcção de Nicolau he Funcção nossa.
Só ella he que os trabalhos nos adoça.
A ninguem mais se outorga cabimento.
Se alguem contravier ao mandamento,

Confisco logo da cabeça óca
Para della em Vallongo fazer troca.
Pernas, e braços para os caens do açougue,
Quadra esta pena, como ao gafo o azougue.
A Vós da Ronda valoroso Bando,
Escolta de valor, e bom commando,
A Vós, a quem nenhuma força vence,
Deste Decreto o = *Cumpra-se* = pertence.
Viva, e reviva o lepido Estudante...
O Rendeiro que estoure, que he tratante.



Outro Pregão para 1819.

Que viva!... eis finda o Sol tamanha volta...
Correo os Signos doze á redea solta,
Mas essa para os Mais veloz carreira
Para Nós foi tristonha vida inteira.
Que viva!... que a Função dos Estudantes
Ei-la torna galharda como d'antes!
Ai de Ti, Guimaraens, ai que seria
Se não fôra a Grandeza deste Dia!
Não he ja outro de mais guapa fronte
Este que em torno vemos horisonte!
Matiz de nova côr não traja a Terra!

Écos de gloria não rebomba a Serra!
Por maons calosas até aqui ferido
Não vai hoje o tambor todo garrido
Ao ver-se em maons de neve, maons mimosas
Dignas só de esfolhar jasmins, e rosas!
Não se afadigão já pelas janellas
Em tremulo reflexo como estrellas
Os olhos de formosas Dulcineas
Setas d'ouro apontando ás nossas veias!
Por ser na Villa, e ser nos ao-redores
Dia de Nicolau, Dia d'Amores!
Que esperaes, claros Filhos de Minérva!
Erga-se o remoinho, a guerra ferva.
Do arruido estremeça a praça; a rua,
Folgança, e mais folgança nua, e crua.
Hoje hão de remoer de raiva os Bonzes,
Quaes perros gemem co' a ferruge os gonzos....
Vêde como ja foge para os matos
Estupida caterva de insensatos.
Do Escolastico açoute sacudidos
Urrão aqui, alli d'horror tranzidos....
E que pensavas tu, boçal basbaque;
Que na cachola vãa forjando ataque
Áquella, a esta Dama presumias
Iguaes a Nós fazer cavallarias?
O quê? sem pagar fôro á Palmatoria
De Venus aspirar ao Cinto, á Gloria!
Tu és, Crastino Dia, o Varredoiro

De tanta vil relé, tanto besoiro.
Resurge Aurora Sexta de Dezembro:
Dos saons arranca o gangrenado membro.
Das maons não largues válida joeira,
Que ha muito joio, que enxotar na eira.
Quem soffrerá hum parvo encodeado
Porque ao Domingo sahe embonecrado
Todo em bicos de pés, todo farfante
De Braga seja vindo, ou d'Amarante, *
Porque lhe deo na tonta andar á moda
Querer com Estudantes fazer roda?
Querer armar das Damas á conquista
Sonhando que não ha quem lhe resista?
E como se espénica!... se espanja!...
Ao Norte como, como ao Sul bordeja!...
Ámanhã o verás pateta bronco.
Quando a manopla te alimpar o monco.
Não te lembrava este tumendo Dia?
Nem palavra, nem huma cortezia,
Se consente ámanhã: ou seja pobre
A Dama, ou seja rica, humilde, ou nobre,
De qualquer geração que a Arvore seja,
Ou só propria d'Heroes como a Palmeira,
Ou de todos commum como a Oliveira, *

* Moço Capateiro. tal qual o pinta o A.

* Allude á Oliveira; mulher publica de Guimarães.

Tudo he só nosso, tudo he reservado
Ao Filho de Minerva encaretado.
Lei primorosa! Lei sublime, augusta,
Que tantas lidas, e suor nos custa!
Premio dos premios mais que o Nectar doce
És oh Sacro Direito, e antiga Posse:
E então hade perder-se?... O sol primeiro
Nos bigodes d'hum Turco prisioneiro
Estrebuchar veremos qual na tea
D'Aranha a mosca até morrer pernea.
Temos fino *cutedau* tão cortadoiro,
Que apenas apontado estira hum toiro.
Temos lança Achillea, Herculea clava
Catapulta feroz, Balista brava.
Ha largo Chafariz para o mergulho,
Ha sobejos torroens para o entulho.
Escolastico murro o queixo escacha,
Hum pontapé ao meio as costas racha.
D'altas vinganças o momento he este,
Tremei, Casquilhos... se esta Tropa investe...
Austro, nem Aquilão não cahe mais forte
Das nuvens entre a horrisona cohorte.
Nicolau sim quer paz, mas quer respeito:
Quer sempre elle só ver nosso direito.
Quer a ponto ver pagas as medidas
Co' aquellas honras, que nos são devidas.
Qual pisco ao ver a rubra ventoinha
Quer que ao Rendeiro trema a passarinha

Mal que á Renda n'hum Coche tremebunda
Chegar Sua Excellencia rubicunda, *
Seja assim, Guimaraens, Villa formosa.
Façamos todos a Funcção gostosa.
Ouça alegre a Manhãa, a Tarde, a Noite
Sempre folgaz, não justiceiro açoite.
Por honra tua, e bem do teo toutiço
Assiste com mudez, e olhar submisso.
Tal he deste Pregão toda a materia.
Sentido oh lá!... depois não haja léria.
Só fallar pode a Moça esbelta, e linda,
Que por muito que falle, he pouco ainda.

Outro Pregão para 1822.

Tudo em torno de Nós, tudo he ventura.
Surgimos da mais torpe sepultura.
A campa de tremenda opacidade,
Que abafava a Razão, a Liberdade
Estalou por cem partes: nós já somos

* He hum Cureiro da Collegiada vestido de Cardeal, em cuja presença se reparte a Renda aos Estudantes.

Nação d'Heroes, como outr'ora fomos.
E a quem senão a ti, Nicolau Santo,
A quem senão a ti se deve tanto?
Tu nos despiste dos grilhoens os pulsos;
Tu déste ao coração nobres impulsos.
Dos Sabios Protector Sabios armaste;
Com elles a Victoria coroaste.
Leis nascidas no Ceo mandaste á Terra:
O Mundo agora hum Paraíso encerra.
He Portugal, oh Reino venturoso,
Como te ergues ufano e glorioso!
Todos a Nicolau devem dar graças,
Porque elle anniquilou geraes desgraças.
Mas tu, ó bella, Illustre Juventude,
Que a Sapiencia cultivas, e a Virtude,
Tu que já da mais alta antiguidade
Usas especial festividade
Para honrar Nicolau, qual neste dia
Não se deve ostentar tua alegria?
Onde acharás magnifico festejo
Igual ao teo vivissimo dezejo?
Aqui, alli exalçarás vistosos
D'Emblemas cheios arcos magestosos!
Carroças de triunfo adamasçadas
D'instrumentos sonoros carregadas
Pelas ruas com pompa irão rolando
Os olhos, os ouvidos encantando!
Ingenhosos foguetes crepitantes!

Pintadas luminarias scintilantes !
Ah! Tudo he pouco: a Gratidão no peito
Regozijo demanda mais perfeito.
Huma idea só ha que satisfaça;
Só ella fecha em si grandesa, e graça.
Sois vós, ó Sexo amavel, vós ó Bellas,
Do mundo social ricas estrellas,
Sois vós, que de maons dadas c'o Estudante
A Função mais completa; mais brilhante;
Qual nunca se tem visto, fazeis hoje.
Vinde ligeiras porque o tempo foge:
Deixai os vossos fastiosos lares,
Vinde livres folgar em livres ares.
Eis de myrtho ja promptas cem capellas,
Festoens das flores mais gentis, mais bellas.
Adornadas assim, assim floridas,
Quaes as Ninfas de Venus mais queridas,
Que dança festival não travaremos?
C'os pés, co' as niveas maons eia exultemos:
Caia hum pouco no hombro o airoso rosto,
Resumbrando na côr ternura, e gosto.
C'os ventos fogem os cabellos d'oiro
Por entre as rosas, e o viçoso louro.
A furto ás vezes no travado enleio
O seio d'elle toque d'ella o seio.
Palpite o coração, core-se a face,
Ou desmaio subtil a côr embace.
Agora sim: mil vivas revoando

Com pleno gosto os polos vão tocando: •
Nosso dezejo agora he satisfeito:
Isto sim he prazer, prazer perfeito.
He funcção sem igual, funcção d'arromba,
Aqui reviras tu, Inveja, a tromba.
Aqui, oh Caixeirinho, que pensavas,
Que hoje do mel d'Amor favas chupavas,
Qual na força da calma hum figo pêco,
Morres mil vezes por lamber em sêco.
Coitado! porem queixa-te da sorte:
Sempre o fraco cedeo ao que he mais forte.
Oh! como Dulcinêa bem se enlaça!
Em Amaryllis que donaire e graça!
Ferva a dança outra vez: os altos feitos
De Nicolau cantemos satisfeitos.
Libertou Portugal do Despotismo.
Sumio rançosas leis no horror do abysmo.
Eia, Turba escolastica, em memoria
Façamos Guimaraens nadar em gloria.
Mas não turve este gosto audaz pedante,
Que, se o fez, feito em pó he n'hum instante.
Temos lei: ignorancia não se alegue:
Para que esta noticia a todos chegue,
He que á voz do tambor, que vai troando,
Vou eu ao ar este Pregão lançando.



EPINICIO.

Onde do Cancro o Tropico he trasposto,
E do Austral o Imperio origem toma
O vento mudo, em suspensão as ondas,
N'hum extasi os Delfins, sobre hum rochedo,
Obelisco do mar talvez primevo,
Harmonicos primores gorgeando,
Serêa Americana assim cantava:
„ Vem, dourado baixel, desdobra as azas,
„ Vem d'alta Gloria magestoso Nuncio:
„ He seculo o momento, em que não chega
„ Do melhor Rei o Sim ao melhor Povo.
„ Não vens de Colchos; Velocino d'ouro
„ Da Grecia espanto, não ancêa Lysia.
„ Da Olympia Zona a Prometheo devassa
„ Não desces rico d'altaneira prenda;
„ Lume dos Astros não perfaz seos votos.
„ Thesouro de venturas nunca extincto,
„ Urna adoravel de propicios Fados,
„ Gloria sem termo a Geraçoens sem termo,
„ Diploma Augusto da Sapiencia Fonte,
„ O amor d'hum Rei em súmmula transcripto,
„ O Real Coração, que na ternura,
„ Na Grandesa Longanime extra-alcance

„ Da humana esfera só a Jove cede ,
„ Baixel soberbo no teo bojo encerras.
„ Voa em cima das ondas , voa , voa.
„ Já rubra a face , afogueados olhos ,
„ Em coche d'ouro do Oceano á boca
„ Almejando por ti te espera o Tejo.
„ Rompe já dos Castellos igneo fumo ;
„ Pelos Mastros das Náos empavezadas
„ Matizados Pendoens c'os ventos folgão.
„ Portugal! Portugal! Oh Flor dos Reinos!
„ Todo o prazer do Ceo chove em teo seio.
„ Não cabes em ti mesmo , exulta , exulta.
„ Do teo Rei a vontade he só a tua.
„ Tu imperas no Rei , que em ti impera.
„ Por milagre d'amor és Rei , e és Povo.
„ Só mede a Eternidade os teos limites.
„ He Grandeza do Ceo tua Grandeza . ,

Fez pausa a divinissima Cantora ,
Edentro já da apavonada nuvem
Solta ainda esta voz „ Baixel ufano ,
„ Voa em cima das ondas , voa , voa . ,

Recitado pelo irmão de Francisco Barroso Pereira na
noite de 5 de Maio de 1821 por occasião do festejo ao Ju-
ramento da Constituição , que deo no Rio de Janeiro El-Rei
D. João 6.º , e annunciando a sua vinda para Portugal.

* Esta peça , e a outra que principia = O Codigó

EPITHALAMIO

*Por occasião dos Desposorios de D. F....
com o Medico F....*

Genio immortal, doce Amizade, salve.
Que demandas de mim! o sangue! a vida!...
„ Quero que ostentes de bons versos hoje:
„ Este que empunho tremolante raio
„ Da quarta Esphera gentilmente brota:
„ O Delio Numen, que passeia os Signos,

immortal que sobranceiro =, e a 3.^a que principia = Vinde, sentai-vos na Curule eburnea =, que forão pedidas a instancia de pessoas de muita authoridade, e de obrigação para os meos sentimentos, forão escritas no tempo da Constituição, em que não era possivel escrever de outra maneira; v. g. na Ode aos annos d'El-Rei disse eu = Habituaes, herdados, pondonores postergando altivo =, e hoje diria, em vez de = pondonores = direitos. Na peça = Congratulação = a essencia da peça toda a faço consistir no gosto, que Portugal concebe, por ver que seo Rei approvára, e jurára a Constituição, donde he clara a conclusão, de que os Portuguezes sem a vontade do seo Rei nada querem. Afóra as obras deste tempo bem se pode colligir do resto quaes são os genuinos sentimentos do A.

„ No seo peito o geron: ei-lo to envia.
„ Queime-te o coração fogo tão nobre;
„ Aturdido de espanto o Mundo escute
„ Cantares de Hymeneu tão alto a gloria, „
Prompto obedeço; aos ares me abalanço.
Nas azas da escaldada Fantasia
Não só se altea o auri-plume Cisne,
Que o Bosphoro gemente soto-punha.
Milagroso poder possues, oh Estro!
Aguia dobrando as esforçadas guias
Não vinga o alto, que eu agora vingo.
Túrgidos monstros da vaidade escravos,
Idólatras do orgulho, da soberba,
Os olhos envesgai, ardei de inveja.
Mal vos extremo a subrojar no lodo.
Que distancia entre mim, e vós medea!
Eu entre os Deoses todo luz, e gloria,
Folheio arcanos, penetraes devasso.
Serve-me hum Genio, que ante mim precorre:
Da mais reclusa, respeitosa sala
Joye lhe confiou as chaves d'ouro.
Sobre lustrosas immortaes Visagras
Gemem rolando as diamantinas portas.
Tudo a meos passos se franqueia... eu entro.
Eu entro!... que prodigio! os olhos vagos
Em assombroso Labyrinto ondeão....
Deoses aqui, e ali.... Coros de Numes....
Desencerra-se o veo: Jove apparece ...

Revolto em fumo, rico aroma vòã.
'Spumoso nectar pelo ar goteja.
Eis a Celeste Mensageira se ergue :
Faz signal a silencio, e feito exclama :
„ Oh do Olimpo famosos moradores :
„ Jove quer repartir devidos premios ;
„ Quem digno se julgar feitos exponha. „
Muitos querem fallar, mas vence aquella ;
He a Deoza da Attracção, dêmos ouvidos.
„ E quem, oh Jove, mais do que eu te servè ?
„ Não mais: sou a Attracção, isto me basta.
„ Folhea a Historia do nascente Mundo.
„ N'hum tenebroso mar jazia tudo,
„ Informes da materia os elementos
„ Em contenda feroz se repellião.
„ Da luz fugia a luz, da terra a terra.
„ Monstruoso Embrião surgio do Nada.
„ Então emboco estrepitosa tuba ;
„ Da confusão se desembrulha logo
„ Espantada d'ouvir-me a Natureza.
„ Desvairados os Entes approximo :
„ Atomos huns aos outros encadeio :
„ Formas dou, laços teço, leis prescrevo ;
„ Balizas marco ao torbilhão das ondas :
„ Valles no fundo das montanhas pouso :
„ Sementes crio, crio flores, fructos :
„ Invólucro ao terrestre Globo estendo :
„ Ondas de fogo sobre fogo enrolo,

„ D'onde Planetas , d'onde Estrellas brotão :
„ D'aqui as Estaçoens , d'aqui o dia.
„ Da perfeição , que tens nas obras tuas
„ Eu sou e ninguém mais , eu sou autora.
„ Que mais desejas , Celestial Monarcha !
Feitos da Sympathia Esta responde :
„ Serviços dignos d'elle , e de mim dignos.
„ Não nego que a Attração com mão robusta
„ Em vez do Cahos concertára a ordem ,
„ Mas sempre agrilhoou grosseiras maçãs :
„ Só brutas maçãs subjugou triunfante.
„ Eu mais util empresa audaz commetto.
„ Ao Iman não arrastro o duro ferro :
„ Convoco os Coraçoens ao doce enleio :
„ Homens selvagens homens torno puros :
„ Affectos com affectos emparelho :
„ Em doce paz ideias equilibrio :
„ Desvaneço o feroz character rude :
„ Semeio afagos , harmonia assento.
„ Decide agora tu , Juiz Excelso ;
„ Se os homens prézas mais que os outros entes ,
„ Meos serviços tambem prezar mais deves .
„ E se a extrema fineza ouvir dezejas ,
„ Fui quem Anarda aproximou d'Alcino.
Jove quasi annuo ; porem raivoso ,
Batendo c'hũa seta Amor no solio
Lá grita c'hũa voz amarga , e forte :
„ Do Mundo a vida n'estas mãos encerro.

„ Que! Sem Amor o Mundo viveria!
„ Que emporta que Elementos se amalgamem,
„ Que rebentem as flores, Astros brilhem:
„ Se falta Amor á Terra o Cêllos torna.
„ Podes muito Attração: porem qu'importa,
„ Se do teo cego impulso o gosto he longe?
„ Nem tu, ó Sympathia, te empavones:
„ Sim, trazes a se unir remotos peitos,
„ Duas distantes avisinhas almas:
„ Mas no começo fica sempre a obra;
„ Mais nada fazes, tudo o mais eu faço:
„ Eu douro essa união, eu a prospéro,
„ Eu venho de prazeres coroa-la:
„ Apenas abres hua estrada rude,
„ Eu a aplano, eu a alizo, eu a amacio,
„ Eu de mil flores a alcatifo, e bórdo.
„ União sem Amor he fugitiva,
„ Hum momento a conclue, outro a dissipa;
„ Hum encontro a gerou, hum sopro a leva.
„ Podes unir, mas deleitar não podes;
„ Podes, confesso, afugentar o odio;
„ O deleite he só meo, he obra minha;
„ Nasce d'hum beijo, d'hum abraço, hum mimo,
„ De altos segredos, que os amantes sabem.
„ Testemunha tu, Jove; tu me abona.
„ Que nova gloria aferventou tua alma
„ Quando em teos hombros collocaste Europa?...
„ Mas o remate de meos feitos ouve,

„ Dos meos serviços o maior contempla ,
„ Baxa os olhos á terra, a terra espreita :
„ Vê que illustre união! que honroso enleio!
„ Anarda, Alcino em hum estreito abraço!...
„ Que scena! oh Deozes! que invejada scena!
„ Esta empreza, quem sou assás pregóa.
„ Dos que te servem sou o Deos mais util,
„ Se doura a gratidão tua grandeza,
„ Da tua gratidão o premio espero, „
Mais quizera dizer, mas em tom grave
O Sagrado Hymeneu o atalha, e clama :
„ Não te engrandeças mais, Filho de Venus;
„ Quanto podes no mundo reconheço;
„ Ou Deoses, ou Mortaes, tudo avassallas;
„ Franqueas ao prazer douradas portas:
„ Mas no alcance dos bens que males fervem!
„ Teos frutos a final são amargosos :
„ Mimoso véo gentil serpes abafa;
„ No calix do prazer ondea a morte :
„ Quantas vezes, Amor, tal-fogo accendes,
„ Que depois vai mirrar Palacios, Templos!
„ Quantas vezes da pyra não resalta
„ Faisca mais fatal, mais perniciosa,
„ Que a que rebenta do Mavorcio facho!
„ Certo prazeres dás, mas o fastio
„ He a coroa final dos teos prazeres.
„ Gostos, que não se murchão, não definhão,
„ São os gostos por mim santificados:

„ Eu abenço os sazoados fructos,
„ Eu eterno prazer nos peitos planto;
„ Eu Ventura immortal dos Ceos derivo;
„ A raiz dos meos bens no Ceo he posta.
„ Oh Deos, dos Deoses Pai, tu me defende;
„ Que suaves delicias não te engolfão
„ Des que teo braço uni de Juno ao braço?
„ A ditosa união, em que Amor falla,
„ A união da linda Anarda a mim pertence;
„ Se Amor a aferventou, eu a eternizo,
„ Eu a engrandeço, condecoro, exalto;
„ Não vacilles, o premio a mim só cabe.
Jove intenta fallar; silencio augusto...
„ Pois bem: premiarei os quatro Deoses,
„ Porçoens repartirei ignaes aos feitos;
„ Mais que Amor, Hymeneu será attendido,
„ Sympathia, e Attração menos ainda.
„ Mas primeiro que tudo cumpre agora
„ Aos dous Esposos celebrar as ditas.
„ Qual de vós a cadente Lira toma? „
Eis-me, vate immortal, ao canto prompto;
Perdoem Deoses, e perdoa Jovê.

Nas azas d'Amizade suspendido,
Da chamma que m'influe incendiado,
Posso entre os Deoses desfraldar meos Hymnos;
Posso cantos abrir do Olympo dignos.
Abobadas eternas escutai-me.
Anarda deo a mão ao terno Alcino,

Retumbem altos brados d'alegria;
Entôa, ó lyra, tão pomposo dia.
Anarda, Mai das Graças, da Belleza,
Alcino, Honra, e Primor da Natureza
Do Sagrado Hymeneu nos rozeos braços
Eternos cerrão venturosos laços.

Anarda, eu te saúdo, eu curvo a fronte.
Como te vejo tão viçosa, e bella!
A verde mocidade mal rebenta
Pelos teos labios, pelas faces tuas.
Nunca Amor recolheo no seo Thesouro
Fructo mais temporão, mimoso, e tenro.
Nos teos olhos, nos gestos, nos discursos,
Do berço a graça virginal pullula.
Melindroso cristal sempre brilhante,
Jámais te bafejou do crime o sópro.
Por mais que aguda vista apure a mira.
De nodoa nem hum só signal se encontra.
Da virtude nas mãos Amor te nasce,
Da virtude nas mãos Amor rematas.
A primeira paixão, que te acommette
He a ultima paixão, que te acompanha.
Teo nobre coração teve hum só Dono,
Amaste, e quem amaste he teo Esposo.
Se déste o Coração, logo a mão déste.
Só Alcino beber vai os teos mimos...
Oh! ditoso mortal, tanta ventura

Quantas invejas não semea, e crava!
Retumbem altos brados de alegria,
Entôa ó Lyra tão pomposo dia.
Anarda, Mai das Graças, da Belleza,
Alcino, Honra e Primor da Natureza,
Do Sagrado Hymeneu nos rozeos braços
Eternos cerrão venturosos laços.

Oh ditoso Mortal, ditoso Alcino!
Tu das margens vieste do Mondego
Aos miseros pastores deste Clima,
Roubar a melhor flor, o melhor Astro.
Flor mais viçosa não matiza os Campos;
Estrella mais intacta o Ceo não doura.
Compraz-te, que he razão, com tanta gloria:
Tóme-te o peito racional vaidade:
Formosura enlaçada co'a pureza!
Perfeição no semblante, e em todo o resto!...
Talvez muitos não gozem, mas tu gozas.
Attenta Alcino bem, gozas Anarda,
Fructo da educação mais pura, e santa.
Seos Pais, que os sentimentos lh'inspirarão,
Ao vê-la tão amante, e virtuosa,
As lagrimas lhe vem do rosto em fio.
A ternura do Pai, da Mai o afago
Em suspiros de gosto se evaporão.
Attenta, Alcino, bem, elles t'a doão,
Dando-te Anarda, dão-te o sangue, e a vida.

Ah trata bem seo sangue, a vida trata,
Desta planta, que põem á sombra tua,
Aos Pais, ao justo Ceo és responsavel.
Empenha o teo bom genio, a honra empenha,
Toda a tua virtude empenha, esgota....
Mas oh delirio meo! perdôa Alcino,
Perdôa o zelo meo, os meos dezejos.
És sabio, o teo dever assás conheces;
Assás da Probidade as Leis revolves;
O bem de que és Senhor, assás estimas;
Ao que he digno d'amor, amar bem sabes:
A Razão t'illumina, Amor te escuta,
Sempre Minerva te enlourou a fronte,
Sempre o bom gosto te morou no peito.
De ti só gloria, só prazer espero...
Aqui, ó Jove, ponho termo ao canto:
Cantem os Deoses, que eu não posso tanto.
Retumbem altos brados de alegria;
Entoem Lyras tão pomposo dia.
Anarda, Mai das Graças, da Belleza,
Alcino, Honra e Primor da Natureza,
Do Sagrado Hymeneu nos rozeos braços
Eternos cerrão venturosos laços.



*A' Senhora D. Joaquina Maria da Con-
ceição Lapinha. (em Coimbra)*

CANÇÃO.

Lá vai dizendo adeos : oh Ceos ! que escuto !

Verdejantes campinas,
Como vos não toldaes de espesso luto !
Ingratas agoas, como cristalinas
Vos vejo inda correr, correr serenas !

Como á força de penas
Não estalas tremendo, ó Ponte dura !
Onde estás, que não vens, ó noite escura !

§

Lá vai dizendo adeos ! Alcina parte !

A meos olhos se esquiva !
E não vem, coração, despedaçar-te
Do voraz monstro a foice decisiva !
E posso a sangue frio dar ouvidos

A seos ternos gemidos !
Ver de longe os acenos extremosos,
Derradeiros signaes d'amor saudosos.

20

Ah! não fujas ainda! Alcina espera,
 Consente, que primeiro
 Arranque do punhal, que amor me dera,
 E n'alma de hum só golpe o crave inteiro.
 A furia, que aos estragos me persuade
 Não he, não he saudade,
 A Desesperação he quem me azeda,
 He quem dos olhos toda a luz me arreda.

2

**Longe de mim resquícios d'alegria,
 Longe esperanças de gosto,
Carregada d'horror a fantazia
Só negro espectro ondêa ante o meo rosto.
Fervendo irado contra a irada sorte,
 Meo sangue pede a morte;
Se respiro, he veneno que respiro;
Recebe, Alcina, o ultimo suspiro.**

22

Mas onde se esconde ella? já a não vejo!...
 Já p'ra mim não existe!...
 Debalde por acha-la inda forcejo!...
 Des'pareceo emfim; ai triste! ai triste!...
 Atando as mãos na desgrenhada fronte,
 Nos olhos viva fonte

De lagrimas ardentes borbulhando
Eis as Ninfas se carpem ullulando.

§

Arquejando feroz desfaz-se em brados,
O sensível Mondego;
Arrepella os cabellos prateados,
Os braços morde furioso, e cego,
Furtando-se á tragedia assustadora;
No horisonte a Aurora
O manto apavonado recolhendo
Lá se vai entre nuvens escondendo.

§

E eu, que não merecidos mil favores,
Gozei d'Alcina bella,
Na falta de seos mimos, e primores,
Em que mostro a paixão, que me desvella?
Oh raio vingador, corre de veras,
Enroscai-vos ó feras,
Ensopai no meo sangue os torvos dentes,
Tragai-me Stígias, lugubres correntes.
Canção, meos ais saudosos,
Que já no horror da sepultura ouviste,
Assim mesmo no tom funebre, e triste,
Leva d'Alcina aos braços preciosos:
Saiba, que hum peito grato aos bens, que alcança,
N'ausência tem mais viva inda a lembrança.

NENIA.

A' morte de Marilia na boca de seu Pai.

Piedade, oh solidão do pranto amiga,
Piedade, a minha dor vem implorar-te:
Da turba dos ditosos fugitiva
Vem no ponto central dos teos horrores
Dar livre fuga aos comprimidos brados.
Acolhe a minha dor: ... Ceos!... já respiro!
Entalado ate'qui o ancioso peito
Já largo espaço ao desafogo encontra.
Desabafados ja meos ais se esprião.

Dos insofridos olhos

Caudaes rebentão represados rios.
Ciprestes, aparai os meos suspiros;
Funebres plantas retratai meos males.
Toldai-vos rochas de saudoso manto:
Tartarea cerração cerre este bosque.
Marilia!.. oh nome caro!.. oh doce filha!..
Ah scena afflictta que a memoria volve!
Lá vem, lá vem após de ti a Morte!
Pende-lhe o alfange do encurvado braço!
Como se inflama em carniceira raiva!

Que envinagrados, truculentos olhos!
Que horrisono bater dos rudes queixos!
Ceos! tu cahes a meos pés!... a mim te encostas!..
Ei-la te alcança, ... ei-la te aponta o ferro.
Suspende oh bruta Fera... a mim oh Morte...

Ai que o sangue já salta!

Já range o golpe no rasgado peito!
Oh dôr! oh ancia! que espectáculo, oh Numes!
Cada vez mais borbulha o quente sangue.
Vai-se em pedaços escoando a vida:
Hu'a só gota mais apaga o resto.
Querida Filha, já teo Pai não ouves?

Enfiou-se o semblante,

Parou a convulsão nos frios membros.

Ennevoarão-se os olhos,

O peito não arqueja,

O halito acabou.

Eis nos meos braços balançando a fronte,
Só a governa da materia o peso.

Debalde á sua testa soto-posto

Rijamente batendo,

Quer o meo coração romper o peito.

Debalde a ensopo com esteril pranto,

Debalde ao Ceo piedoso os olhos ergo.

Nem a minha afflicção, nem Ceo, ou Terra

Torna a dar-lhe hum momento

Para ante ella perder primeiro a vida....

Oh vida! oh peso enorme! tu esmagas,

Tu acabrunhas os sensíveis membros.

Hum Pai, que perde tão amavel Filha

Tolerante não póde.

Sem Marilja viver não he ter vida,

He morte, he mais que morte,

Que fazes em reger inda o meo sangue!

Que fazes em mover inda os meos olhos!

De hum Pai desventurado

A desgraça só dobras, só ternura.

Foge, foge de mim... ligeira voa.

Nada perco em perder-te.

Hum livido cadaver

He mais feliz do q'eu... não sente, eu sinto.

Eu sinto... E que pezar! que angústia acerba!

Que desesperação me queima as carnes!

Que dor me rala, me desfia os nervos!

Oh funesto Hymeneu!

Se tinha de perder tão doce fruto,

A que fim as cadeias me lançaste!

Antes nunca os Altares te incensara!

E tu, oh Ceo, que os meos afflictos votos

Aparaste cruel em bronzeo escudo,

Se tanto a filha minha ambicionavas,

A que fim de ser Pai me deste a gloria!

Ou porque tanto me entranhaste n'alma

A paternal ternura!

Ternura paternal! que fina espada!

A nome tão infausto.

Crivar-se o Coração de golpes sinto;
Sinto mirrar-me hum turbilhão de raios.
Ternura paternal! hydra sedenta
Com meo peito cosida,
Que a longos sorvos o meo sangue chupa...
Que horror! que escuto! que arruido horrendo!
A Morte a rouca voz empresta aos bronzes!
Pelos ares tremóla
O pallido clarão
Das catacumbas ornamento triste.
Cara Filha, onde vás! quem te arreбата!
Quem te arrastra ao Sepulcro!
Oh Feretro! 'inda em ti affinco os olhos:
Ao Cadaver que levas
Junta do Pai o coração saudoso.
Oh Feretro! conheces o thesouro,
Que vás sumir na terra?
Ah! não, não he Marília a filha minha,
He a honra, a obediência, a probidade,
He a mestra da virtude, a minha mestra:
Nas liçoens dos deveres
O primeiro fui eu, depois foi ella;
Oh Feretro!... Escondeo-se,
Ávida a Terra a desatar-lhe corre
Os inertes ligames;
Ai de mim, que pavor!
Que sombras, que fantasmas se enovelão!
Que trémulo rugir de estranhos monstros!

Que horrisono estalar de annos troncos!
Que rochedos do alto se despenhão!
Que desdobrada cataratas troão!
Que balanço! que horror por todo o bosque!
Oh Natureza, desandaste ao Cahos!
Que he isto! já meos pés não tem apoio!

A corrente m'os leva;

Eu sinto-me nadar n'hum mar de trevas...

Ah já conheço! já não sou da Terra.

He este o Antro da saudade eterna:

Aqui o pranto mora, a dor, e a mágoa.

Salve, sagrado asylo.

Graças a quem me abriu tão útil róta!

Aqui sim fartarei o meo tormento.

Aqui por ti, ó Filha,

Meo alimento será pranto eterno.



NENIA.

A' morte de José Pedro de Miranda Pontes, Medico do Porto, cordeal amigo e collega do author.

Quam ergo honorem, quam statuum tibi
Ponemus: ó cui non alium parem
In arte Phebus, se remoto
Aut oriens videt aut recumbens!
Sic veterum stetit
Secura fama sic praeivit
Hippocrates, meruitque Coelum.

Durini ad. obit. Bur. Ser.

Que vêm! que vêm meos olhos!
Que pavorosos, que tremendos grifos!
Que furia me traçou tão negro aviso!...
O' mortê! que me annuncias!
Estas letras são tuas!
He esta a firma do teu magro punho!
Que fria convulsão me corre os membros!
Que amarello pavor me embaça a vista!
Roubando-me a razão, roubando o alento,
Ai! que presagio a meos ouvidos zune!...

Coração, que será do teu amigo! ...
Será certo o que li, ou foi receio?...
Enganou-me talvez a fantasia!...
Ai! de mim mesmo serei eu verdugo!...
Serei eu quem nas trevas o soçóbro!...
Tórno a lâr: esperança lê comigo: —
„ Jozino já não vive „
„ A fria terra se embrulhou com elle; „
„ Abafa-o noite eterna: „...
„ Só dos amigos na memoria vive. „...
Arreda-te de mim tartarea Carta:
Memoria!... Amigos!... que funesta-idea!
Que estragador, que sangüinoso alfange!...
Que vida he esta que sustento agora!
Infernal dor, quem pode tolerar-te!
Oh desesperação, oh fel, oh peste!
Ceo tiranno, se tinhas de punir-me,
Se tinhas de fazer comigo alarde
De toda a tua omnipotente raiva
Porque horridos vulcoens não me engolirão,
Porque não me torrarão
Milhoens de raips do teu braço vindos?
O ferro, o fogo, a peste, as furias todas?...
Ah! bem sabías que o maior dos males
He a perda de Jozino.
Jozino já não vive! esta lembrança
He serpe roedora,
Que no meo coração se enrosca, e farta,

He a colera da morte,
Que ao peito me bafeja, e o sangue azeda.
He do Ceo vingador a mão terrivel,
Que da minha alma no mais terno ponto
Raios atea, raios solta, e estafa;
Mão que solapa da existencia os eixos,

Ou talvez os roborar

Para dar ao tormento mais esteios.

Jozino já não vive!...

Oh dôr que sobreleva as dôres todas!

Oh perda que mil mundos não reparão!

Oh vida preciosa,

Que arrancavas da mão da morte as armas
Para o fio alongar dos dias nossos!...

Debalde da intrincada natureza

Negros misterios se abarrearão fortes;

Tu devassas o Arcano, e os fados pasmão:

Oh vida inextimavel!

Deos que em vulto mortal a essencia abafa,

Parecias na terra,

Quando sobre as mirradas roxas faces

De frios moribundos

As maons cheias vazavas

Da sacrosanta Hygia as taças d'oiro.

Davas á Esposa o já perdido Esposo,

O Filho ao terno Pai, o Pai ao Filho!

Com igual passo, com igual semblante

Filosofo corrias

Misera choça, adamascado leito.

Ah! triste humanidade!

Minou da Parça o ferro a tua escora:

Os Seculos vindoiros

Atando as maons na testa

Sobre a campa virão mirrar-se em pranto.

Ah Jozino! morreste!

E não fui abraçar-te moribundo!...

E não fui recolher-te o ai extremo!...

Toda esta scena de mim longe passa!...

Só com pranto, com magoas, com suspiros

He que pode salvar-te o teu amigo!...

Oh! Fado, que o roubaste,

Para sempre maldito, ó Fado, sejas!

No teu seio, ó Mondego, no teu seio

He que este golpe receber havia!

Tu és quem me prendeste,

Quem o officio me tolhe mais sagrado.

Oh! toldem-se de negro as aguas tuas!

Rolem de envolta c'o as Estygias ondas!

Revolto furatoens a paz te roubem!

Aqui mesmo Jozino

Apertava em meos braços:

Aqui mesmo no horror da fria morte

Pesadas reflexões tecia ás vezes...

Quam depressa cortou teos bellos dias!

Nossas finezas acabárão hoje.

Morreste!.. nunca mais tenho de ver-te,

Nem tens da minha dôr noticia ao menos,
Nem á custa do sangue de mil vidas

Posso salvar a tua!

Nem posso... Oh Ceos que horror, que borrascosa
Pejada nuvem atabafa 'os ares!

Na mortalha da morte o Ceo se embrulha;
Lampeja apenas a amarella tocha.

Aos seos tremulos raios

Vejo abalar-se hum pavimento ao longe,
Lá se volve hũa Campa, lá se mostra
Da sepultura a tabida garganta.

Entre rolos de vermes, pó, e cinza,
Lá vem roçando a rangedora ossada
Inteiriçado, frigido cadaver.

Ei-lo balança o descavado cráneo!

Desengonçados bamboleia os membros!...

Quem és? .. mas lá me acena,

Para o horror do jazigo lá me aponta.

Sim, eu corro; he Jozino,

Eu corro a revolver-me nessas cinzas:

Feliz eu, que inda posso dar-tê agora

Huma prova de amigo,

Feliz eu que inda trago meio vivo

Hum terno coração para offerecer-te:

Sem ti o Mundo não prezava em nada.

Eu sim lá tenho do meo sangue ainda

Porçoens queridas, que me rasgão a alma.

Ternissimos Irmaons, Mãi adoravel;

Mas perdoe-me a sagrada natureza,
Arraste-me a amizade á Sepultura:
Vivemos ambos, morreremos ambos...
Das horas o silencio he favoravel...
Eu vou... eu vou contigo.

EPISTOLA

De Ramos á Faimeir.

Ah doce Amor! quem dissera,
Que as letras, que me enviaste,
Serião duro punhal,
Que na minha alma cravaste!

”

Quem dissera, que esquecida
Do meo amante transporte
Com teu punho lavrarias
Fatal sentença de morte!

”

Oh como vòu ligeira
Minha risonha Ventura!
Que depressa m'abysmei
No pelago da amargura!

Tú de mim, vás separar-te
Com outro Amante enlaçada!
Elle o triunfo alcançou,
Meo amor não vale nada.

”

Funesto. Hymeneu t’espera:
Oh Ceos! em tão negro dia
Verás d’espanto aturdida
Occultar-me a Campa fria.

”

Não, doce Encanto, eu não posso
Sofrer me sejas roubada,
Antes quizera q’ a vida
Me fosse hoje arrebatada.

”

Minha gloria, meo prazer
Só nos olhos teos fervia:
Teos olhos erão o trono
Da minha doce alegria.

”

Na ternura do teu peito
O meo halito encontrava,
Com elle vivia alegre,
Junto delle respirava.

Se já mais gostei do Mundo
Foi só vendo-te ao meo lado:
Então sim, julguei que tinha
Da gloria ao cume chegada.

”

Tu tantos votos forjaras,
Tantas promessas fazias,
Q'eu cheguei a persuadir-me,
Que nũa me faltarias.

”

Mas ah cruel! foi engano:
Vejo hoje a tua traição,
Meos desvelos desprezaste,
Calcaste meo coração.

”

Para fazer um feliz,
Fizeste outro desgraçado:
Eu, porq'era o mais amante,
Fui por isso desprezado.

”

Vingança, Amor: solta os raios:
Porem não: piedade imploro:
Piedade imploro por ella,
Porq' inda a estimo, inda a adoro.

Ingrata, ao menos escuta:
O adeos de meo Coração:
Vai, vai... mas sabe que fico
Morrendo cá de paixão.

„

Quando fores... que tormento!
Dar a meo Rival a palma:
Lembra-te que despedaças
Em mil partes a minha alma.

CANTO NOCTURNO.

*A' partida do Illm.º Snr. José Francisco
Maciel Monteiro para Pernambuco.*

Navis, quae tibi creditam

Debes.....

Reddas incolumem precor,

Et serves animae dimittam meae.

— Horat. Od. liv. 1.º Od. 3.ª ver. 5.

„ Das trevas feita abobada medonha,
„ Só eu, diz o Silencio, só eu reino,
„ Levando á boca o prepotente dedo,

„ Os mais revoltos Entes amadorno.
„ Bravoso o mar estremecendo embaça.
„ Os ventos de rondão se escoão mudos.
„ Marte a lança depõe, Ceres a foice.
„ Quantas Cidades, quantos longos reinos,
„ A meo aceno de pavor languecem ?
„ Perdeo-se o movimento, o som perdeo-se ;
„ Concedo apenas, porque assim me cumpre,
„ Lá sobre a torre aos vigilantes bronzes
„ Do tempo adusto a compassada marcha,
„ Alta voz pregoar d'espazo a espazo.
„ Teme-me o forte, o sabio me respeita,
„ O sabio mais que todos me idolatra.
„ Só tu, mortal sacrilego, te arrojas
„ A traspassar profano os meos preceitos ?
„ Nescio ! minha vingança não te assombra ?
„ Justa a dôr, que te rasga, embora seja :
„ Esse correr de lagrimas a mares,
„ Esse estrondo de energicos suspiros,
„ Esse cruzar de mãos, partir de vestes,
„ Bater das fontes ; arrancar das tranças,
„ Tudo são crimes, que me aggravão n'alma ;
„ Guarda-os longe de mim : o sol os veja.
„ Mando, obedece, ou a vingar-me parto,,
Bradou-me assim, e d'improviso forjá
De calar minha dôr triunfoso alvitre.
Servo o mais habil de Morfeo convoca :
Com fatigante soprada massa

Meo rosto borrifar lhe ordena prestes.
Erão tres horas da funesta noite,
Oh noite do mortal despedimento!
Quando a meos olhos vem pousar o somno,
Sobre a janella que ao Mondego se abre,
Onde com ais dilacerava o peito,
Como quem chora d'hum amigo a ausencia,
Dos extremos alentos exaurida,
No esquerdo braço me cahio a fronte.

§

Mas de saudade o coração ralado,
Bem que os sentidos em lethargo jazem,
Hum só momento por ventura dorme?
Então he que a memoria nos embanda
De espectros frios successivos rolós:
De hum vortice confuso atordoada
Huns após outros nos enfia horrores:
Já hum eterno adeos, já tempestades,
'Stridor de Boreas, de Neptuno rôncos,
Rotos os mastros, as antennas rotas,
Rijos balanços escalando o lenho,
Pronto a tragar os amarelllos Nautas
Roncador sorvedouro, e já entre elles....
Longe o agouro, Fantasma, eu te maldigo.
Então he que no peito a dôr mais viva,
Represada rebenta impetuosa.

§

Eis a Saudade, de Plutão ministra,
Roucas pulsando fusquilouras pennas,
Subito a mão aos meos cabellos lança,
Retórce-m'os três vezes regougando,
Tres me revira, e ao alto me arreбата.
Envolto em pavilhoens de espessas nuvens
Vou rodando nos ares, té que solto,
De golpe á terra me despenha o Monstro.
Na arêa sou, que lambe o Tejo Augusto.
Ergue-se aqui abobadada furna,
Cujo convexo coruchéo, algozo,
Prolixos mares descortina ao longe.
Afouto subo á rocha, o cume vingo,
Nelle me firmo, nelle espraio os olhos.
E que vejo! ai de mim! quem nunca o vira!
Já veleiro baixel se apresta á rota;
A prôa já de longe pondo a mira,
Ora baqueando a testa, ora surgindo,
Quer insofrida cavalgar as ondas.
„ Este o baixel, exclamo furioso,
„ He este o baixel perfido, que arranca
„ O sangue do meo peito, o meo Jozino;
„ Oh barbaro! que furia desalmada,
„ Te arrimou tão sacrilega ardileza?
„ Que entranhas infernaes ha tão malditas,
„ Que tanta audacia fomentar ousassem!

„ Sabes a quanto te abalanças, monstro!
„ Ouve-o da minha bôca, ouve o teu crime.
„ Olha no Douro, como soão roucos,
„ Os gemidos dos Orfãos, das Viúvas!
„ Ceos, que alarido, que entenece os bronzes!
„ Que rostos se macerão, se definhão!
„ Quantos olhos correndo sempre em fio!
„ Quantos de angustia corações se partem!
„ Olha o Mondego espedaçando as urnas,
„ Revolvendo na arêa a irada fronte!
„ Olha o sagrado Tejo como freme!
„ Ei-lo surge a vingar o affrontamento:
„ Ei-lo na arêa affinca os pés nervosos,
„ E as costas d'aço fino á prôa aferra:
„ Retrocede, te diz, infame lenho,
„ Roubar não ouses á afflictiva Europa
„ O Nume tutelar dos desgraçados,
„ Olha como a avareza já se empola,
„ Que até aqui por Jozino recalcada,
„ Lá nos antros dos bosques se embalsava:
„ Hoje o teu trono recupera altiva.
„ O orgulho foi um ponto, hoje é um mundo.
„ Ah! Jozino, faltaste, faltou logo,
„ Terror aos vícios, á virtude esteio,
„ Oh barbaro! és tão duro que os ouvidos
„ Cerres a tantos ais, tantos lamentos!
„ Mal haja a terra, que engrossou teu tronco;
„ Mal haja o ar, que respirou a rama:

„ Mal haja o fluido , que bebeste outr' hora ,
„ Mal haja o raio , que do Ceo não veio
„ Mirrar-te , esboroar-te , anniquilar-te.....
„ Ai! que os olhos me saltão pelos ares!
„ Que vejo! leva-se a ancora... lá fuge,
„ E Jozino lá vejo , lá me acena...
„ Adeos , me diz , Adeos... Ventos piedosos...
„ O' ondas esperai , quero hum momento ,
„ Hum só momento nos meos braços tê-lo!
„ Piedosos ventos... amoveis ondas...
„ Esperai , que Jozino por mim chama.
„ Recebe-me ó baixel , quero ir com elle :
„ Ondas , ventos , estrellas ajudai-me. „
Disse , e do alto da soberba rocha ,
Sem tino , de mergulho , ao mar me arrojo ;
Abre-se com estrondo o mar bramando ,
E circulos sem numero se alastrão.
Desperta a concussão os meos sentidos.
Vôa ligeiro o mal seguro somno :
Engolfado outra vez na dôr immensa ,
No tormentoso pégo da saudade ,
Com rouco pranto , com mortaes gemidos ,
O silencio da Noite a romper tórno.



ENTHUSIASMO DEVOTO

Pela Festa do Natal em 1819.

Silencio oh Povos! Silencio...
Mudez, Respeito profundo
Abafe algum tempo as lidas
O reboço do Mundo.

Nem sulque as ondas a Prôa,
Nem campos lacere a Enchada
Extasi divino absorva
Toda a Machina creada.

No ar livre solta a Ideia
Arranca veloz carreira...
Oh! se os sentidos poderão
Seguir-lhe a luzida esteira!...

Ei-la tanto mar transpondo
Já pouza na plaga Eóa.... (1)
Onde estamos!... não he esta
De Sion a excelsa c'roa!

Aquelle lanço de muro
Não he da Santa Solima!
Não he Siloe esta Fonte (2)
Que Ara Sacra tanto estima!

Montanha das Oliveiras
Não he esta, e o Moia aquelle!
Aqui não he que a Torrente
Do Cedron ondas propelle!

(1) Figura-se humra Viagem ao Oriente, começando no Monte Sion até Belem, pintando-se os objectos como hoje são, segundo as ultimas noticias do bem conhecido sabio, e viajante Chateaubriand.

(2) Fonte nas fraldas, ou valle immediato a Sion, onde Christo fez o milagre de dar vista ao Cego. Os Levitas aspergião agoa de Siloe sobre o Altar nas Festas dos Tabernaculos cantando = *Haurietis aquas in gaudio de fontibus Salvatoris.* =

Ah! que dita nos espera!
Mais longe hum pouco voemos;
De Misterios profundissimos
Que scenas encontraremos!

Este dia o rumo ensina.
Convem Solima deixar:
Posta só no Austro a mira
Cumpre o Norte postergar.

Da Judea os altos Serros
Nos guião pelo Occidente,
Mar Morto, e Arabicos Montes
Nos seguem pelo Nascente.

Oh Cidade de David!
Oh venturosa Belem!
Hoje de entrar no teo seio
Haveremos parabem.

Somos na estrada direita,
Já quasi ás portas batemos:
Annuncios de que és já perto
Diante dos olhos temos.

Eis o Rochedo em que Elias
Das fadigas repouzava ,
E a Oliveira, a cuja sombra
O rosto desencalmava.

Agora os campos de Rama.
Dos Filhos sorte cruel
Inda parece que chora
Neste tumulto Rachel. (3)

Vedes este longo Valle
Pedregoso, avermelhado!
Figueiras nesta colina,
Oliveiras d'outro lado!

Reparaes como no meio
Não alto Monte domina!
Nelle mora a que buscamos
Belem, Cidade Divina.

(3) Aponta-se ainda em forma de Mesquita o tumulo de Rachel = Vox in Rama audita est, ploratus, & ululatus multus: Rachel plorans filios suos, & noluit consolari, quia non sunt = S. Math. Cap. 2. v. 18. Jerem. Cap. 31. v. 15.

Tudo em torno he solidão,
Estragos, ruínas, danos:
Tudo meios nus selvagens,
Ou descritos Musulmanos.

Tudo he barbaro por fóra:
Mas dentro em seo seio a terra
Oh que Encantos, que Grandezas,
Que Maravilhas encerra!

Subamos ... somos no Templo
Em forma de Cruz talhado,
De Columnas, obra prima
Do Sinzel Corinthio ornado.

Templo augusto, quantas vezes
Por bruto ferro aluído,
E quantas outras aos Astros
D'entre as ruínas erguido!

Altar dedicado aos Magos
Nos mostra o alto da Cruz:
E oh! como do Altar na baze
Marmorea estrella reluz!

Esta estrella corresponde
Ao ponto exacto do Ceo
Em que dos Magos a Estrella,
A carreira suspendeo...

Mas desçamos sem demora
Aquella escada espiral:
Por ella se desce á Gruta
Que d'hum Deos he Chão Natal.

Já do Orgão magestoso
Resoa a harmonia rara:
D'ella o Arabe attrahido
Seos camêlos desampara.

Coração, que vás tu vêr!
Podes ter gosto de ti:
Mas ai! responde primeiro:
És digno de entrar aqui!

Será d'Alexandre, ou Cyro,
Ou d'algum Profeta o berço!...
Ou he do Deos dos Profetas,
Do Rei dos Reis do Universo!

Lá fóra paixões infames,
Fataes dilicias do Mundo...
Cabe aqui só da Innocencia
A flor, e o nectar jucundo.

Cherubins e Serafins
Aqui forão a milheiros;
Se a alguém mais entrar he dado
He a Christãos verdadeiros.

Ou a mim, que em dor partido,
Que em pezar rasgado o peito
Por tanto funesto engodo,
Tanto erro, tanto máo feito.

Á funda, azul negra chaga,
Que n'alma se abrio medonha,
Balsamo venho buscar
Contra o mal, que m'empeçonha.

Ai! Que horror me toma todo!...
Como os cabellos se estacão!
Como convulsos, e frios
Os membros todos afracão!

Eu ver! Ceos!... E dais-me aos olhos
Tão mais que muita licença!
Eu indigna mesquinhez
Aos pés da Grandeza Immensa!

Eu ver!... sim vejo, eis o marmor,
Que o Chão, que as Paredes orna:
Eis as bellezas, que a Mão
Liberal d'Helena entorna.

Alampadas trinta e duas
De Monarchas brinde augusto
O lugar me estremão onde
Nasceo por essencia o Justo.

Marmor com jaspe embutido
Argenteo círculo em volta
Com raios ao centro vindos
He hum Sol, que raios solta.

No fulgor dos seos contornos
Diz o letreiro esculpido:
„ Aqui da Virgem Maria „
„ Jesus Christo foi nascido.,

Em terra, joelho em terra...
Por esse Chão nos prostremos,
Por elle roçando os labios
Osculos mil arrastemos.

Coração: d'aqui não sahes...
Onde achar melhor estrella!
A que eterna te alumia,
Te esclarece, olha he aquella.

Jesus Christo aqui nascido!
Foi, foi aqui o Curral,
Foi alli a Mangedoura
O bafio do irracional.

Que reflexões, que suscita
Este Sitio Sacro-santo!
Vérge a mais altiva Idea
Ao pezo d'assombro tanto.

Como assim nascer lh'aprouve
Dos Ceos, da Terra o Author
No desprêzo mais obscuro
No abatimento maior!

O Christo ha quatro mil annos
Por Profetas promettido ,
Figurado em Ceremonias ,
Por Justos appetecido !

Sello da Eterna Alliança ,
Arco Iris verdadeiro ,
Não esse que as nuvens pintão
Na materia, e côr grosseiro !

Aquelle Unico que a Deos
Gloria restitue roubada ;
Que brinda os homens com paz ,
Paz até li não gozada !

Que do Culto exterior ,
Rejeita o pomposo fausto,
Preferindo o culto d'alma
Ao cruento do Holocausto !

Que do Judeo, e Gentio
Huma só familia forma ,
Barbaro, e Grego emparelha ,
Scythã e Romano conforma !

Conquistador de Judá,
D'Israel Libertador!
Deos Incognito em Athenas!
Dos Povos Legislador!

Que une a Terra com o Ceo
A carne santificando,
A carne em quem a grangena
Sem remedio hia lavrando!

Jesus, Gloria do Universo!
'Splendor Maximo dos Ceos!
Eterno Filho do Eterno!
Jesus homem, Jesus Deos!...

E os Ceos então não se abrirão
Quaes sobre o Sinai outr'ora
Tecendo de milhoens d'astros
Estrada rutiladora!

Ao clangor d'aureas trombetas,
Ao rebombo de trovoens
Não annunciação os Anjos
A sua Vinda ás Naçoens!

Tremem do Cenac'lo os eixos
Mal sentem sua Presença;
E o Presepe sem abalo
Acolhe a Grandeza Immensa!

Sim: porque mais a soberba
Suas victorias não dobre,
Quiz ser de Cezar escravo,
Quiz nascer humilde, e pobre.

Quiz ensinar-nos qual he
A verdadeira grandeza;
Que cegos nossos sentidos
Chamão grande o que he baixeza.

Que no gozo dos prazeres
Assenta mal a ventura
Porque logo ao encetallos
Nos trava fêl, e amargura.

Que a Razão he temeraria
Quando ao Mysterio se arroja;
Que he só justa, se das azas
Em honra á Fé se despoja,

Que o das Eras promettida
Não he Messias carnal
Seo Culto, Gloria, e Doutrina
He tudo espiritual.

Em novo Altar, novo Templo
Poem Victima, e Sacerdote;
E quem he! He Elle mesmo;
Porque as finzas esgote.

Oh amor d'hum Deus só digno!
Quem te pode apreciar!
Toda a Eternidade he pouca
Para tanto amor louvar.

Pullulam dentro em noss'alma
Novas virtudes tambem;
De mil paixoes sacrificio
Complete-se hoje em Befem.

Esteril he quanto vemos:
Esteril nossa jornada,
Se por fruto não tiramos
Huma vida reformada.

Eia honrados Socios meos:
Ou sempre aqui nos fixemos,
Ou d'hum Deos nascido o affecto
N'alma jamais apaguemos.

Cantemos Anjos do Ceo,
E jámais se julgue assás:
A Deos Gloria nas Alturas,
E na Terra aos Homens paz.



DISTICOS

*para a Eça no Funeral de S. Magestade
a Senhora D. Maria I.^a*

1

Quernis cifrar, oh Seculos vindouros,
D'immensa historia immensa maravilha!
Cifrai assim: Maria a Sabia, a Justa,
Mãi de tal Filho, e de tal Pai a Filha.

2

Nunca meos hombros a de ti fiassem,
Oceano cruel! ... exclama o Tejo...
E nem ao menos enflorar a Urna
Negro Fado permite ao meo desejo!

3

Arrasta , Portugal, dobrado luto ,
N'hum mar de pranto he justo as faces molhes :
Perdeste a melhor Mãi, e no teo seio
Sagradas Cinzas nem sequer recolhes!

4

Bronco rochedo á sua voz estala ,
Rompe a testa a montanha, fontes correm ,
Das feras mansa ovelha apaga o rasto ,
Alma Ceres loureja , abrolhos morrem.

5

Em furna escura agrilhoado o crime
Nunca tão rijo suportou flagello ,
E nunca tão suave o criminoso
Vio difundir-se o Maternal desvelo.

6

Guimaraens, que primeira foi na Gloria
D'embalar a nascente Monarchia ,
Primeira he hoje em lamentar a Perda ,
Funesta Perda da immortal Maria.

7

Propicia Estrella foi, a cujo influxo
No monte o pinho, a faia os Ceos tocava,
E d'alli para os campos de Neptuno
Carregado de frutos velejava.

8

Onde quer que soar tão doce nome,
Onde quer que luzir tão cara imagem,
Será Pranto, Respeito, Amor, Saudade
Por seculos sem fim nossa homenagem.

9

Filha, quanto te devo!... adeos oh Filha!
Leva este Adeos ao Nume Sempiterno:
Cala-se a Religião, Maria sóbe
Do Trono Portuguez ao Trono Eterno.



HYMNO PATRIOTICO

*Aos Soldados Portuguezes depois da guerra
peninsular, em 1814.*

Oh sempre claros
Deoses da Guerra,
Que encheis a terra
E o Ceo d'horror:

Oh sempre invictos
Lusos tremendos ,
Raios horrendos
No Campo hostil.

Com que alvoroço
Em riso, e em pranto
Vos vai no manto
Lysia envolver !

Com que torrentes
De gratidão
Remido chão
Vai alagar !

Ás vossas plantas
Eis já mil flores ;
D'aureos labores
Telas subtis.

Ninfas, Napeas
Abrem os braços ,
Ternos abraços
Apromptão já.

Em remoinho
Vivas revoão,
Echos resoão
D'alto louvor.

Aqui se aponta
A torre illesa,
Que avara presa
Fôra sem vós.

Ali zombando
Já de ruínas
Gemem Campinas
Com frutos mil.

Se o primo alento
Da terra veio,
Depois desteio
Foi vossa Mão.

No molle berço
A tenta infancia
Grita com ancia
Que vós sois Pai,

Encanecido
Pasmado Velho
Curvo o joelho
Arroja ao pó.

E remarcando
Tanta fortuna ,
Bem opportuna
Lagrima cahe.

A Liberdade
Que espavorida
N'huma bastida
Se encurralou ,

Sahindo a campo
Desafrontada
A mão sagrada
Vos quer beijar.

Lá 'stão nas raias
Sacros Direitos
Os vossos feitos
A recontar.

De tantos loiros
O carregume,
Nobre ciume
Das mais Naçoens,

Não vos demore,
Claros Guerreiros,
Voai ligeiros,
Voai, voai.



COLLOQUIO

à Virgem das Dores.

Eis-me oh Virgem a teos pés...
Antes fogir-te quizerá;
Mas onde longe de Ti
De teos olhos me escondêra?

Onde quer que eu m'apresente
Os meos crimes vão comigo:
O remorso que me punge
Priva-me de todo o abrigo.

Eu erguer aos teos meos olhos!
Eu ao pé do teu Altar!
He desdouro á tua Imagem,
He teu Culto profanar.

Com peito de nódoas cheio,
Com tão negro coração,
Como insolente me arrôjo
A rogar-te Protecção!

Entrar em tão ricas Vodas
Sem vestido nupcial!...
Deves d'aqui afastar-me,
Não sou digno d'honra tal.

Thesouro das tuas Graças
Para mim está fechado,
Porque o fechou por seu gosto
Meo coração obstinado.

Sim, tens lagrimas que podem
Amolgar hum marmor duro:
Eu mesmo me abalo hum pouco
Mas distrahir-me procuro.

Quando me lembro que és Mãi
D'hum Filho, que morrer viste,
D'hum Filho, que era Senhor
De tudo aquillo que existe:

D'hum Filho, que sem embargo
Das penas que te causava,
Por ser nosso fino Amante
No alto da Cruz se crava:

He verdade que a minha alma
Naturalmente sensivel
Bem quizera consolar-te,
Quanto lhe fôra possivel:

Mas se a Fé, e se a Razão
Mostrando qual he o meio,
Me diz que arranque as paixões
Que brotão dentro em meo seio.

Bem que d'isso me convença,
Bem que agradeça o conselho,
As Paixões de novo rompem,
E não dispo o homem velho.

Faço o que fazer não quero :
O que quero não o faço :
A Lei do Espirito esqueço :
Á dos Membros satisfação.

Huma vontade sincera
Reina ás vezes na minha alma ;
Mas se chega a Occasião ,
A Occasião leva a palma,

Feroz dragão do remorso
Então me roe as entranhas ;
Cahe o pranto, como cahe
Grosso rio das montanhas.

Mas inutil rio he este,
Porque as nodosas não me lava ;
Porque as cinzas não extingue
Do Volcão que chamejava.

Tudo he sterile commoção :
São huns affectos ligeiros,
Que cedem logo do crime
Aos afagos lisongeiros.

Nem devo dizer, Senhora,
Que eu quero, mas que não posso:
Com este pretexto o fel
Dos meos males não adoço.

Posto que a bem regular-se
Custe assás á liberdade;
Não culpo só a fraqueza,
Culpo inda mais a vontade.

Mas oh Virgem, tu és Mãe,
Mãe d'hum Filho omnipotente:
Deste attributo parece
Participas igualmente.

Podes logo se quizeres
Corrigir minha vontade:
Eia, faça este milagre
Tua triste Soledade.



À NOVA MESA DE S. TORCATO

Termo de Guimaraens.

Do Mar vermelho alem posto na praia,
Resgatado Israel cantando espraia
Hymnos sonoros em cadente lyra
Ao Deos, que o mar em serras dividira,
E passagem segura ao Povo dando,
Sobre o inimigo o fez cahir rolando.
Assim a Renda do Immortal Torcato
Livre da escravidão, do desbarato
Por influxos de nova honrada Mesa
Subindo cada dia a mor grandeza,
Medrando a par da honra e da Virtude,
Esmagado a seos pés o int'resse rude,
Hoje por tantos bens agradecida,
Em pelagos de Gloria submergida
Acatadoras maons ao Ceo levanta,
E louvores sem fim bradando canta.



CONGRATULAÇÃO

*recitada em Guimaraens a 3 de Maio de
1821, por occasião de prestar ElRei
o seu consentimento á Constituição.*

O Codigo immortal, que sobranceiro
Ao vôo excelso de Solon, Lycurgo,
Mais acima que o Sol, que o Ether puro,
No mais alto do Olympos se acclamara
Do Cerebro de Jove Omni-sciênte
Sagrada Emanação, nova Progenie
A Minerva segunda, o Esforço extremo
Já tinhas, Portugal, pois que o juraste.
Já rutilando em remontada esfera
Vias o Lusó a par dos Deoses quasi:
Do teo ameno Ceo para mais nunca
Despintado huma vez o Erro, o Crime:
Debaixo de teos pés que Segurança!
Dentro do peito que Grandeza d'alma!
Sobre a cabeça que montoens de Gloria!

E porque então no mar de tantas ditas
Não soltavas ao vento as velas todas?
Porque os olhos erguendo á Obra prima

Dos Seculos Assombro, & sempre augusta
Piramide eternal, que erguêra o Doiro,
Raiar em tórno de seo cume excelso
Consumado prazer não vias sempre!

João Sexto, és bom Pai, mas nós bons Filhos;
Sem ti descahe, desfolha a melhor dita:
Trava nos labios o mais doce nectar,
Em quanto o Regio voto, o Sim Augusto...
Que escuto!... ei-lo já sóa, ei-lo troando
Pelos Paços Reaes com vivas, vivas.
Das Varandas volvendo sobre a Praça
Do Augusto Sim reverberos sonoros
Quantas delicias, quantas mil venturas
Milhoens d'ouvidos d'hum só trago bebem?

Eólo, que nos braços ledos o acceita,
(Jove assim decretára a bem de Lysia)
Eólo aos ventos centuplica as azas;
D'hum salto ao Equador, d'outro a Ulyssea,
A hum tempo os Lusos extasia todos.
Eis tocado o Zenith da gloria extrema:
Hum apice não ha, que addir se possa:
He comnosco o bom Rei, seo Voto he o nosso.
„ Liberdade, e Razão, Honra, e Virtude,
„ Da Natureza o jus intacto sempre... „
E que outra idea a discrição dos Lusos
Do Modelo dos Reis forjar ousava!

Monarchas do Universo! deste lance,
Divino lance de João o Sexto,
Os olhos não tireis, e inveja tende.
Reinar n'hum Povo livre he que he ter Reino:
Sobre Escravos reinar he só de Escravos.
Corôa de Leão não cumpre aos Homens.
O estrago d'Azia, o Macedonio Raio
Sobre horror, que bem foi da Natureza,
Foi a vergonha de seo sabio Mestre.
Agora sim, na Eternidade agora,
Portugal venturoso a base assentas:
Poder não ha que o teu Poder arrote.
Povo, e Rei n'hum só corpo, huma só vida!...
O Mundo em seos Annaes jámais encontra
Povo mais forte, nem mais firme Trono.
Que mais desejas, Portugal ditoso?
Nada te resta, Portugal, és tudo.

PROCLAMAÇÃO.

— 1808. —

Às armas, Cidadãos, he tempo, às armas.
Lysia, a Flor das Naçoens, a Mãe da Gloria,
A Patria dos Heroes, a nossa Patria

Em triste desamparo, infeliz Orfã,
Ei-la nas unhas empolgada grita
De truculentas, sanguinosas Aguias =
Filhos! meo coração arqueja, estala.
Por momentos se escôa o sangue todo:
O Trono já cahio! O Sceptro Augusto
Por compaixão de generosas vagas
Que lhe dobrarão respeitoso collo,
N'outro Hemisferio fôï dar honra illustre.
Surta das Cinzas de Cabral a sombra
A estrada lhe apontou, valei-lhe agora.
O Templo, ai triste! O Templo bambalea,
Vai mão subtil as bases solapando;
Cedo desabão as paredes santas,
Cedo o Thesouro Celestial... Oh filhos!
Filhos dos Nunos, Albuquerque, Castros!
Que val a vida a par do Trono e Templo!
Não são melindres de fogosa mente,
Não são de Gabinete ávidos planos,
Enredados, politicos mysterios,
Não são faiscas de Troiano incendio;
Limpa de Nuvens resplandece a causa,
Sou eu que estou ferida, o Trono, o Templo.
Ás armas, Cidadãos, he tempo, ás armas.

Quem tem com mais afinco a paz amado?
Que sacrificios que já fiz por ella!
Cuidava que a innocencia, que a virtude,

Que a minha rectidão, que a honra minha
Escudos erão contra a hostile audacia.
Tudo o Tyranno postergou intruso.
Torrentes de illusão o Sena entorna.
Em circulos se alastra ao Tejo, ao Douro.
Beijando as praias ardiloso finge
Curvar á terra supplice joelho.
Eu me dou pressa a recebe-lo affavel.
Qual terna pomba no meo seio o acolho.
As portas da opulencia em par abertas,
Honras, adoraçoens, afagos, mimos...
Eis de improviso rapido rebenta
Envolto o monstro em peçonhentas hydras.
Adeos Razão, Justiça; Adeos Direitos,
Adeos Leis, Gratidão, tudo o sagrado;
Nada sou, nada sois, nem jus, nem votos;
O monstro he Rei, he Deos, o monstro he tudo.
Aureas campinas, invejados fructos,
Ricos palacios, sumptuosas torres
Em negro cahem captiveiro infame,
Eu mesma em ferros, vós em ferros todos.

A Gloria ha tantos seculos illesa,
Que de Ourique em relampagos diffusa
Troando horrenda sobre horrendos p'rigos
Relumbrante clarão 'sparzira ao Ganges;
A Gloria que n'hum ponto nasce, e logo
Cresce igual ao diametro da Terra,

As partes quatro assoberbando ovante;
A Gloria Lusitana! enfia, embaça...
Que he isto, filhos meos? Q'espera ainda
O Luso brio, o denodado esforço,
Gentil esforço que d'altiva Roma
Gelára as Aguias de amarello susto!...

Lá remurmurão as sagradas cinzas
Dos Illustres Varoens da Patria esteios:
Aqui, ali os tumúlos se rasgão;
A campa vôa pelo ar desfeita;
Manes de nossos Pais, honrados Martes
Espada em punho, capacete á testa
Portugal! Portugal! na boca e peito,
Eis no meio de vós enfileirados
Indomitos leões bramando accesos,
„ Ás armas, Cidadãos, he tempo, ás armas.

„ A Patria o pede, pede-o o Trono e Templo.
„ As Lusas Quinas que do Ceo descêrão,
„ Que em nossos braços floreárão sempre,
„ Hão de arrastar-se, hão de volver-se em terra?
„ O sangue que aos bolhoens espadanamos,
„ Tingindo o chão, tingindo Rios, Mares,
„ Será de infamia monumento eterno
„ A desbriosos, despejados Netos?
„ Oh cinzas, se assim he, gloriosas cinzas,
„ Revolidas em fêrvido remoínho

„ Atirai-vos de golpe além dos mares.

Ai! Não, oh caras, venerandas Sombras!
Nós somos Lusos, somos dignos filhos.
Lysia, querida Mãe, enchuga o pranto,
Adorna as tranças, desgrenhadas tranças,
Nós somos Lusos, sel-o-hemos sempre.
Hum só suspiro teu vale mil vidas.
Eis os pulsos, as armas, as bandeiras,
Em olhos fogo, em coração vingança,
Morte á direita, pela esquerda morte,
Arcabuzes, canhoens, bombardas, bombas,
Valor, intrepidez, coragem, peito.

Já basta de soffrer: temos soffrido
Té onde chega o soffrimento extremo.
Passamos inda além talvez á nodoa...
Nódoa foi a vingança tardar tanto.
Corramos a lava-la em mar de sangue.
Tyranho, morrerás ás mãos da honra.
Tu admiravel, suspirado Ramo
Verás prender-te ao Bragantino Tronco.
Não se perca hum momento: he tempo,“ Ás armas,
„ Ás armas, Cidadãos, he tempo, ás armas, „



SOLILOQUIO DE JOVE.

*Em hum Elogio á Rainha D. Maria 1.^a
no Theatro do Porto em 17 de De-
zembro de 1804 dia dos seos annos.*

Eis-me de nuvens, de misterios solto.
A vós que tantos seculos gemestes,
Que tanto junto ás Aras suspirastes,
Vastos Povos do Nilo, Armenia, e Persia
Sem a noite d'oraculos, d'arcanos
Em Jove os olhos pôr não vos foi dado.
Deoses do Polo Austral, Deoses do Arcturo,
Viude em concerto adereçar meo Trono.
Astros d'eterna luz, brilhai mais vivos.
Esvoaçai-vos divinaes aromas.
Rios de nectar murmurai suaves.
A pompa, o lustre, a gloria, a magestade,
Todo o excelso esplendor d'Olympio solio
Manda este Dia alardear solemne.

§

Hoje nasceo dos Reis a Gloria, e a Inveja:
A mente para as Leis a mais sublime,
Rosto para o Imperio o mais affavel,

Para a Justiça o mais perfeito braço,
Para a ternura o coração mais doce,
Para a tormenta o mais robusto leme,
Para o mar largo o mais seguro norte,
O Sceptro mais augusto, mais glorioso...
Cuidaes que Zoroastres vos recordo?
Que Minos, ou Solon, Lycurgo, ou Numa?...
Não te empavones, presumida Athenas,
Nem tu Persia, nem tu famosa Creta,
Nem tu 'Sparta, nem tu soberba Roma...
He Lysia, he Lysia quem tremóla a palma,
He nella que nasceo, e nella vive
A Rainha immortal de quem vos fallo.
O joelho, oh mortaes, fixai na terra:
Deoses, curvai o cóllo, eu vo-la mostro:
Eis da excelsa Maria a Cópia Augusta.
Eis de meo coração iman Sagrado,
A melhor joia, que no Olympio brilha,
Da minha c'roa a mais luzida estrella,
E do meo sceptro o mais fulgente esmalte.
Nenhu'a illustre dos Monarchas turma,
Por mais que embande mil dispersos dotes
C'hum só dos della emparelhar se atreve.

§

Eu que ás Esferas dei primeiro impulso,
Que a Virtude, e a Razão creei no peito,

Eu que ás Leis dou a vida, e dou a morte,
Eterna origem do que ha justo e santo,
Para realce á gloria de Maria,
Quero que os homens, e que os Deoses contem,
Que Jove retratou no Ceo, Maria,
Maria em governar retrata a Jove.



MOTE.

Amor, Razão, Natureza.

GLOSA.

Marcia, em quem Amor plantára
As sementes da ternura;
Marcia a quem a luz mais pura
Da Razão illuminára;
Marcia que as Leis profundára
Da natural singeleza,
He tratada com fereza
Por dar cultos ao meo culto:
Defendei-a deste insulto,
Amor, Razão, Natureza.

*Quando Amor prepara o arco
Dobra o joelho a razão.*

GLOSA.

Não he só no humilde charco
Da terra, que os mortaes gemem;
Té no Olympo os Deoses tremem
Quando Amor prepara o arco.
Com meo sangue a gloria marco
De quem vencer a paixão;
Nem armas, nem reflexão,
Com forças de amor hombreão,
Que ante Amor armas fraqueão,
Dobra o joelho a razão.

Não tenho inveja a ninguém.

GLOSA.

Entre vivas Scipião
Sobe o alto Capitolio:
Cezar do Tybre no solio
Joelhos mil vê no chão.

Tremolando ante elle vão
Aguias que vencido tem ;
Meos dezejões não contém,
Não, tão frivola ventura :
Se Marcia tiver ternura
Não tenho inveja a ninguém.

MOTE.

Não tenho inveja a ninguém.

He a honra hũa flor mimosa,
Que murcha nas mãos d'Amor:
Manda a razão esta flor
Conservar sempre viçosa.
Marcia quer ser amorosa,
Mas de a perder medo tem;
Deste obstaculo he que vem
A desgraça ter comigo;
Se dissipa-lo consigo
Não tenho inveja a ninguém.



DECIMAS.

MOTE.

Amor, Razão, Natureza.

Fuzila com Sceptro d'ouro
O Monarcha sobre o trono;
Em quanto colhe o colono
De Ceres o fruto louro.
Hum com gloria, outro desdouro,
Hum altura, outro baixeza;
Mas apezar da destreza,
Que as distincções tem forjado,
O Sceptro junta ao cajado
Amor, Razão, Natureza.

MOTE.

Empenhou-se a natureza.

Houve na Grecia hũa dama,
Que foi de Troia a ruina;
Houve Ignez, Ignez divina,
Em Portugal, que inda hoje ama.

No Olympto Venus se acclama
A Deosa da gentileza :
Mas o Primor da belleza
Não estava criado ainda ;
Em criar Marcia mais linda
Empenhou-se a natureza.

MOTE.

Empenhou-se a natureza.

A Natureza em teu rosto
Pintou as flores mais bellas,
Pintou a luz das estrellas,
Deo rasgos do melhor gosto :
Sahio hum feliz composto
D'inimitavel belleza ;
Em todo elle, que destreza
Ostentou! que serio estudo!...
Mas nos olhos sobre tudo
Empenhou-se a natureza.



MOTE.

Ninguém me excede em firmeza.

Tysbe que em bosque cerrado
A Pyramo procurava,
Acha em vez do que buscava
O seo corpo ensanguentado:
O punhal lhe vê cravado
Por extremo de fineza;
Eis o tira, e com prestéza
„ Diz, junto deste cipreste,
„ Faço o mesmo que fizeste,
„ *Ninguém me excede em firmeza.*

MOTE.

*Justo Ceo! porque me dêste,
Hũa alma capaz de amar?*

Oh! que horrivel transe he este!
Eu amo, mas amo em vão;
Hum infeliz coração,
Justo Ceo, porque me dêste?

A tudo o que tu fizeste,
Justo fim soubeste dar,
E eu não tenho que esperar?
He feliz a planta, o bruto,
Só não hade colher fruto
Hũa alma capaz de amar?

MOTE.

*Quem diria que o amar
Havia de ser defeito?*

Que fosse crime o forrar
D'odio o peito contra alguém,
Muitos dirião: porem
Quem diria que o amar!
Sinto mesmo repugnar
Dentro o coração no peito;
Se o Ceo mesmo he que tem feito
Para amar o coração,
Para que o fez, se a paixão
Havia de ser defeito?



MOTE.

*A não ser de ti Jozino
D'outro mais nenhum serei.*

Bem pode o cruel destino
Mil decretos resolver,
Que juro a vida perder,
A não ser de ti Jozino:

Meo amor constante, e fino
Pode mais que toda a lei,
Hũa vez que protestei
Adorar-te eternamente,
Hei-de ser tua sómente,
D'outro mais nenhum serei.

MOTE.

*Só póde a santa Amizade
Tornar-nos ditosa a vida.*

Elevar a humanidade
Da amargura em que nasceo,
E fazer da terra hum Ceo,
Só póde a santa Amizade:

Quem sustenta a Sociedade,
Com cadeias d'ouro unida?
Quem faz a sorte luzida,
De quem vive á dôr entregue?
Só esta Deosa consegue
Tornar-nos ditosa a vida.

MOTE.

*Querer bem, e ter juizo,
He cousa difficiltosa.*

Para amar não he preciso
Perder a luz da razão;
Póde hum recto coração
Querer bem, e ter juizo:
Póde haver cautela, e siso
Na paixão mais extremosa:
Com ella hade ser ditosa
A nossa corrépondencia,
De outro modo sem prudencia
He cousa difficiltosa.



MOTE.

*As vozes d'Amor são mudas ,
São mudas , mas bem se entendem.*

Razão santa , tu me escudas
Contra o poder da paixão :
Quando soltas teo clarão
As vozes d'Amor são mudas.
Mas as mãos , com que me ajudas ,
De todo me não defiendem :
Restão cinzas que se accendem ,
Que a arder mais talvez provocas ;
E as vozes , que á Amor suffocas ,
São mudas , mas bem se entendem.

Este Mote foi dado pelo insigne Poeta Manoel M. Barbosa du Bocage ao Dr. João Evangelista de Moraes Sarmento , quando este se achava em Lisboa ; pois ouvira elogiar os seus versos , e desejava formar o devido conceito do seu estro. Vendo que o gloriára quasi de repente , reconheceu o seu merito , e o abraçou apertadamente , ficando ambos d'ahi em diante muito amigos.

MOTE.

*Teo nome escrevi na areia ,
Que banha o visinho mar ;
Eu vi as ondas pulando
Teo nome virem beijar.*

GLOSA.

1

Es tu, Lilia? Ah! se souberas
Finezas, que eu tenho feito,
Alegrar meo triste peito
Ha quanto tempo vieras!
Na praia hum passo não deras
Sem vê-la de signaes cheia;
Eu mesmo em zelosa ideia
Junto das pisadas tuas,
Para ninguem pôr as suas
Teo nome escrevi na areia.

2

Sem saber da arte, ensopei
No mûrice o pincel rude,
E teo nome, como pude,
N'huma taboa desenhei.
Digno assento procurei
Para o quadro collocar;
Das vellas fiz hum altar,
Do remo grosseira tocha,
E o templo armei n'hũa rocha,
Que banha o visinho mar,

3

Zeloso Neptuno então
Roubar-me o Idolo tentou;
De bravas ondas mandou
Á praia rijo esquadrão:
Gelou-se-me o coração

Ao vêr as vagas rolando;
Mas que alegre scena quando
Do braço de Amor batidas,
Ao pégo retrocedidas
Eu vi as ondas pulando!

4

Este que agora estendi
Chinchorro algoso vem vêr;
Nas boias com que praser
Teo doce nome escrevi!
Tudo está cheio de ti:
Tudo como eu quer amar:
Té os peixinhos do mar,
Ardendo em gloria, e ciumes,
Verás em densos cardumes
Teo nome virem beijar.

MOTE.

*Como póde Amor ser crime,
Se dos Ceos Amor nascêo?*

GLOSA.

Fanatico, a voz reprime:
Teos echos não me assombrarão:
Se os mesmos Deoses amarão,
Como póde Amor ser crime?
Da paixão ninguém se exime;
Para amar o homem nascêo;
Jove mesmo isto soffreo;
E se ha alguem que o contradiga,
Venha Jove, e Jove diga
Se dos Ceos Amor nascêo?

*Ao fazer o Juramento
O mesmo Templo tremeo.*

GLOSA.

Fui jurar no altar cruento,
Onde immortal pyra ardia;
Puz a mão, a mão fugia
Ao fazer o juramento
Tão cruel presentimento,
Que eras falsa não valeu;
Insisti, mas antes que eu
A jura acabe, e profira,
De horror se apagou a pyra;
O mesmo Templo tremeo.

CANÇÃO

*aos annos da Illm.^a e Exm.^a Senhora D. Anna Rufina
de Mello Souza Tavares.*

Quando a sabia Natureza,
Annalia, te quiz formar,
Com Amor, com as tres Graças
Primeiro foi consultar.

Movêrão varias questões
Sobre qual era melhor,
Serem teus lindos cabellos
De escura, ou de loura côr.

Decidio huma das Graças,
Que fossem de côr escura;
Que as sombras sempre fizerão
A belleza da pintura.

Todos nisto concordarão ;
Porém para a côr do rosto ,
Disse Amor : he necessario
Que façamos hum composto.

De cristal em rica taça
Logo as tres Graças pegarão ;
Pondo-lhe hum véo , puro leite
Na rica taça lançarão.

Depois , de purpureas rozas ,
Que para tal fim collhêrão ,
Algumas gôtas no leite
Com alvas mãos espremêrão.

De leite , e çumo de rosas
Esta mistura engraçada ,
Figurava a côr da Aurora
Na risonha madrugada.

Logo assentárão que fosse
A côr do teu rosto assim :
Torna Amor : seja a da bocca ,
Do coral , e do marfim.

O peito , os braços formados
Devem ser da côr do rosto :
Lembrão as Graças , que deve
Ser esbelto este composto.

Faltão , diz a Natureza ,
Risos para o acabar :
As Graças risos lhe derão
Com que o pudesse animar.

Inda não está completo ,
Sorrindo Amor , disse então :
Falta formar-lhe inda os olhos ,
E formar-lhe o coração.

Escolherão para os olhos
Das estrellas a luz pura :
O coração , disse Amor ,
Seja o da mesma ternura.

Já vaidosa a Natureza ,
Nos encantos que previa ,
Destinou para formar-te
Este venturoso dia.

Formou-te , e nelle mais bella
Do que fôra projectado ,
Appareceste , deixando
Este dia assignalado ,

Pedio Amor ao Destino ,
Que hum dia tão singular
Do poder do Tempo duro
Quizesse livre deixar.

Ficou livre ; Amor e as Graças
Entregues delle ficarão ,
E nos livros da Memoria
Com letras d'ouro o gravarão.





ODE

*recitada em Guimarães, no Theatro particular em que se
hia representar a Tragedia — Radamistho e Zenobia —
traducção do Author.*

Não mais em tórno ao cepo, em que amarrados
Da Juventude innumeros talentos
Acalentar folgavas, torpe Ignavia,
 Não mais a corda enroscas.

Pallas baixou do Ceo, vibrou-te o raio;
Labareda immortal reverberando
Re-duplicados nos revolve em fumo,
 E varre o vento as cinzas.

Elastico expandindo o Genio as penuas
Em desatado arrôjo pelos arés,
Do gôsto, da razão o alcaçar vinga;
 Lá pousa, ri, floresce.

Já planos infantis, enleios futeis,
Rasteiras propensões, molleza inerte
Ao raiar nova luz d'envolta rodão,
 Em arrancada fogem.

Caliginosa treva cahe dos olhos,
Philosophico tom no mundo troa,
Verdade, solidez, o grave, o util
 Rege ideias, costumes.

Eschola de Melpomene, e Thalia,
Tu, que o engenho, que o prazer apuras,
Que docemente pelas veias filtras
Moral austera, e dura;

Tu, que Roma, que Athenas afamaste,
Tu és da gloria o remarcado campo,
Onde colher Vimarcanenses braços
Vão invejados louros.

Tu és do vicio ante-mural roqueiro;
Em vão se assestão contra ti bombardas;
Teu bôjo arremçadas balas cospe,
Proterva furia enbaça.

Teu ameno jardim recrea o sábio;
Nelle a virtude aromatiza os ares,
Nelle enchentes de nectar borbotão,
Em que a razão se imbebe.

A Razão, quando as armas emprestára
A Lycurgo, a Solon, a Zoróastro,
A Razão lastimou ver mallogrados
Da Victoria os projectos.

Na voragem dos erros balançando,
Ponteiros ventos sempre, e mares verdes,
Sem Iman para o Norte a mente humana
Arvoada soçobra.

Só quando o teu farol, ó Drama, accendes,
Gema o Bósphoro embora, fervão settas,
Segura róta, se lhe apraz, enfia
Aos terminos do Mundo.

Para amar-se a Razão de ti carece;
Sem teu aureo verniz, sem teus floreios
Espectro aterrador se representa
De repulsiva força;

De teu rico donaire, ornamentada
Quer vê-la o coração, e sorve encantos;
A face he esta, em que a Moral mais dura
Soffrego bebe, esgota,

Agora sim, que exemplos arrebatão,
Que sainete vivaz as Leis tempera;
Agora, Sociedade, agora podes
Blazonar d'imperfeita.

Parabens, Guimarães: em quanto ao longe
Porção de filhos teus illustra Marte;
Minerva no teu seio a outra engolfa
Das letras na doçura.





PANEGYRICO
A
S. JERONIMO

RECITADO NO SEU DIA, E NO ANNO DE 1819

NO REAL MOSTEIRO DA COSTA.

PRODUCCÃO DE

João Evangelista de Moraes Sarmiento.

*Qui autem fecerit, et docuerit,
hic magnus vocabitur in regno
coelorum. — S. M. c. 5. v. 19.*

*O que guardar meus preceitos,
e ensinar a guarda-los, esse será
reputado grande no Reino dos Ceos.*

Eis com dous rasgos lançados no Evangelho acabadamente proposto o relevante quadro de Jeronimo. Perfeito observador da Lei = Qui fecerit = Mestre consumadissimo = Qui docuerit : Assembro na pratica, Oraculo no ensino ; eis aqui o Grande no Reino dos Ceos, eis aqui Jeronimo. Que infinitamente abaixo da sublimidade desta ideia jaz a mentida grandeza do ambicionado senhorio de vastissimos Imperios, o tyranno alevantamento do sceptro sobre a maior porção do globo, o arruido das victorias, o fulgor dos trofeos, a pompa dos applausos, o pregão da historia, e a adulação dos bronzes e dos marmores, grandeza esteril, ácabadiça, corruptal ! Que immensa distancia não corre entre o desneyoado sol desta gloria, e o lastimoso enlevo dos

Lycurgos, Pythagoras, Socrates, e Platões, palpando sempre trevas no mais vivo da sua sabedoria; vagabundos de despenho em despenho, dissaborosos no gozo, desalentados n'adversidade, mal contentes no seio profundo das suas proprias demonstrações, anciosos d'um ponto fixo, mas descobridores apenas d'estradas tortuosas, escorregadias, buscando debalde o intimo repouzo em engenhosas invenções, illusivas apparencias, enfeitados sistemas, ou sonhos, ou delirios? Vangloria futil, vaidade miseranda, engodo d'infe-lizes! Graças ao Supremo Provizor de tudo, em perfei-ções por essencia infinito! Que fez baixar do seu seio, unica fonte da verdade, eterna como elle, clarão triunfa-dor, que estremasse com evidencia sem réplica o proveitoso acerto da perniciosa mentira! Já sem perversidade, indes-culpavel se não podem trocar no mundo as ideias da ver-dadeira, da solida, da immortal grandeza. Já sem volun-taria cegueira o homem, que aspira a ser grande, não póde mendigar fundamentos no thesouro dos Cressos, no Lyceo d'Athenas, no Solio dos Augustos. Feito homem o Divino Verbo, Consustancial a seu Pai, Deos como elle, imbanda numerosas turmas, fala, explica, decifra, aplan-a. Creador diz o que quer da creatura. Juiz Universal propõe regra ás acções, estabelece premio e castigo, ensina uma eternidade feliz ou desgraçada, segura-nos com a infallibi-lidade d'um Deos, que nesse dia terrivel, em que o Uni-verso fôr chamado a Juizo, só os que praticarem e ensi-narem sua doutrina serão reputados Grandes.

Eis para sempre desmascarado o frivolo pensar dos in-sensatos. Fóra do Evangelho a Razão offerece a imagem do desaxairado Planeta, que solto da attracção central não lhe seria dado senão esbarrondar-se pelos abysmos do Chão. Fóra do Evangelho, nosso espirito immortal está fóra do seu centro.

Oh! que bem cavou neste fertil terreno de nãcedio celestial o illustré heroe, cuja memoria celebramos! Que bem se deixou embeber de seus vivificantes sucos! Que bem se compenetrava do amago da sua substancia! Cari-dade inextinguivel, desprendimento cabal de quanto é mun-dano, fto sempre immovel nas acções do Divino Mestre, reluctancia perpétua a qualquer grãta sensação, flagello dis-piedado da propria carne e sangue, penitencia asperissima, aturadissima, abnegação de si mesmo, affinco sómente á Cruz, ao seu gravame, á sua aspereza..... Jeronimo é

o Evangelho em prática. Propugnaculo invencível da Fé, Conciliador de dissensões scismaticas, crisol purificante de mescladas doutrinas, Zelador infatigavel da Orthodoxia, esquadrinhador, e corrector sem igual das Sagradas Letras, esteio inconcusso das maximas Apostolicas, Apostolo elle mesmo no immenso pregão, que desata nos seus escritos por todo o Orbe, e por toda a eternidade das verdades límpas, que constituem a perfeição do Christianismo.... Jeronimo é o Evangelho na Doutrina. Que singularissimo objecto não es de santa emulação para a terra, e que avultada grandeza te não cabe lá nessas ineffaveis alturas do Ceol! Desculpai-me, Senhores; eu não posso attentar na grandeza de Jeronimo sem que um enthusiasmo desusado me suba á mente. A minha imaginativa já se acende, o coração electriza-se, os pensamentos fervem, vastissimo horizonte de prodigiosos feitos se dilata ante os meus olhos. E' desta vez; arrojome a tanto; é desta vez, que não me espavorece o melindre do lugar, o arriscado do ministerio, o transcendente da empresa. A mesma sublimidade do assumpto por uma parte me eleva, e me sustenta, e o Evangelho por outra me conduz seguro como pela mão na que devo trilhar florida e magestosa estrada. Vereis em Jeronimo perfeita observancia do Evangelho, 1.º ponto. Vereis o ensino universal, que fez do mesmo que praticava, 2.º ponto.

Nunca, Supremo Ente Increado e Creador de tudo, como hoje, eu o confesso, nunca tanto careci de teus vigorosos auxilios, mas nunca tambem como hoje confiei mais no teu soccorro, porque havendo de fallar de Jeronimo, não hasde consentir, que a mesquinhez dos talentos do Grador desaire nem levemente a gloria do mais mimoso dos teus servos, nem desdigão as expressões da grandeza do Maximo dos Doutores.

Congresso preclarissimo, como Filósofos, e urbanos, escutai com docilidade as virtudes do Varão singularissimo; como Christãos, ouvi attentos e com proveito o modelo da santidade.

DISCURSO.

E' a sensibilidade uma lei inherente á nossa organisação, e consequencia della pelo agradável das sensações medirmos o nosso bem ser. Em quanto a vida jaz escondida no interior dos órgãos, somos indifferentes á vida. Só

quando exteriormente diffundida alarga mais e mais o circulo das relações com a multiplicidade dos entes, que nos circumdão, e quando destes resaltão para nós impressões amigas, suaves, doces; só então nos comprazemos com a nossa existencia, só então nos congratulamos do nosso bom destino. Esclarecida a razão puramente humana pela razão da Fé descobre, assim é, outro horizonte mais limpo, outro modo d'existir mais solido, outro methodo mais seguro de direcção, outra pedra de toque para avaliar os bens, outro thermometro para graduar os prazeres e sua energia. Mas o homem resta sempre homem. Que montão de contrariedades, que opposição de movimentos, que nuvem de affectos não é necessaria abafar, torcer, extinguir para se tomar a reflectida deliberação de escondermos o rosto ao bem, que se nos antolha, ao deleite, que nos saborea, á fortuna, que nos convida, ao modo de ser, que nos apraz, que nos delicia, que nos mimosea? Que ponderosa guerra cumpre que o homem trave consigo mesmo? Que fundo de forças, que posses releva empregar para cingir o leuro da victoria?... Podes tudo, graça do meu Deus, podes tudo, mas teu singular poderio não aniquila as funcções do livre arbitrio. Concorres com a vontade, com os esforços do homem, decides o combate, mas o homem combateo; seguras a palma do triumpho, mas para empunhar-se primeiro careceo ella de ser regada com profusos suores.

Em que assembro, pois, em que respeitoso pasmo não nos deixa a consideração de quem é, e do que faz Jerônimo. Tudo em tórno d'elle na clarissima Estredonia sua Patria o convida a tomar a salva a todo o genero de prosperidades. Herdeiro d'avultadissimas riquezas, successor d'amplissimo Potentado, ramo nobilissimo de preclares avoengos, unico penhor, unicas delicias de seu Pai, idolo dos seus domesticos, encanto dos seus amigos, gloria de todos... a fortuna auxilia a seu lado; seus pensamentos podem despedir livre carreira; suas paixões em vez d'obstaculo achão alento no assôpro de lizongeias auras; o respeito segue seus passos; a condescendencia aplanha os caminhos, a adulação cobre-os de flores. Para dar mais realce a tão luzidas condições, Euzebio seu Pai o envia para a Cidade, por excellencia metropole do Orbe, a famigerada Roma. Quer cultivar seu espirito com todo o ornato das sciencias; quer polir a sua educação com todo o lustre da

Côrte; quer entiquece-lo com todos os meritos d'um homem d'Estado, circumspecto, urbano, policiado. Aqui é que a esfera de perigosos attractivos infinitamente se dilata. Roma, qué era Roma? Mais celebre talvez por suas illuções, que por suas victorias, empavonava-se orgulhosa com a sujeição das Nações, e dellas recebia seus idolos, erigindo-lhes altares nos mesmos Templos, em que pendurava gloriosos trofeos: dava ferros aos povos, e os povos tornavão-lhe vicios. A vida de magnificencia deslumbradora, só reconhecia por elementos seus o fausto vão das sciencias, o brilho das Artes, o fulgor das Armas, a sumptuosidade do luxo, a liberdade do deleite, a magica dos sentidos, o solto alvidrio das paixões. Theatros, Colisseos, Thermas, a libidinosa Deosa de Paphos celebrada aqui muito afincadamente, espalhando, ás mãos cheias, funestas delicias do Foro ao Capitolio, ao Campo Marcio, do bairro das Carinas ao Circo de Nero; ao Pantheon d'Aggripa... Que temerosas syrtes, que horrendos cabós para forçar ao naufragio a sensibilidade de Jeronimo, bem havida com a fortuna no mais bello, no mais viçoso, no mais ardente dos seus dias! Ainda mais; a amenidade destas scenas sympathiza com as disposições da sua compleição; a doçura destas impressões cala-lhe de fibra em fibra até o amago do peito. Debalde contrasta esta aliciadora perspectiva com a sombria frequencia das tenebrosas catacumbas; surto dessas lobregas cavernas, desses taciturnos corredores, onde frouxa e palida luz mal descobre infleirados tumulos, eis novo assalto, guerra nova. Os sentidos encantão-se, o sangue ferve, o coração lateja: o mundo quasi triumpho de Jeronimo: de mãos dadas com o mundo, preceito Paternal o convida para seu successor, e com a torrente de prosperidades lhe offerece para o thalamo nupcial uma Virgem da mais abalizada formosura.

E' então, quando tudo o prende á terra, quando um mar de delicias o cerca, quando todos os bens mundanos em cardumes, todo o embebecimento, toda a gloria se lhe torna fagueira, aduldora, escrava, no mesmo ponto em que se nos antolha impossivel; é então que recém-generado pela Agua Baptismal rompe no mais valente depeço, que tem visto os seculos = Sou Christão, e é esta a escola de Jesus Christo?... Oh confusão! oh vergonha!... Disse, e por uma vez morre para elle o mundo: nas suas turbu-

lenitas ondas larga para sempre redes, e barca : ás offerecidas pompas succede o sacco, e o cilicio : ao fervido reboliço de incontinentes Orgias contrapoem o retiro e oração : ás Filosofias dos Platões, ás Rhetoricas dos Ciceros, o Evangelho ; aos affagos da Patria os horrores da solidão ; ás delicias do thalamo proposto, e caricias Paternas o suspirado pezo da Cruz. No asperrimo trato de alguns Monges d'Alexandria, na vida de Santo Antão levada ali por Athanasio seu Bispo encontra o modelo do antigo Monacato. Já professa este rigoroso estado ; já seus sentidos não vagão pelo Orbe ; seu ponto fixo é o Ceo. A ideia de cavernoso seio d'alguma montanha gira sempre no seu cerebro. Em Roma não vê senão assustadoras ciladas. Cumpre fugir para segurar a victoria. A taciturna voz dos desertos da Thebaida e da Palestina retine a todo o momento nos seus ouvidos. Paulo, Hilarião cravão-lhe inveja santa. Elias assim se houve, assim se houve o Baptista ; está tomada a resolução = vidit, et fugit. . . montes exultaverunt = Adeos Roma ; adeos familia Panonia : eilo em fuga com Evagro, Innocencio, e Heliodoro. Posta a mira no oriente já posterga Aquilisa, já corre a Thracia, o Ponto, a Bythinia, a Galacia. . . Onde deparará com um escondedoiro cheio do mesmo horror, de que elle vai cheio ? . . . Arenosos paramos de entre a Syria e a Arabia, terroríficas montanhas de Calcis, paradeiro asperrimo de bravias alimarias, foco incomportavel de pestifera calma, sois vós, sois vós seu ameno refugio. Aqui se embrenha, aqui se engolfa ; aqui, isolado da Natureza, vive só para o seu Creador. Trançados juncos encobrem sua nudez, sem alinhio a barba, hirsutos os cabellos. De toscas pedras e barro fabrica mesquinho reparo, coberto d'escassa ramagem. Seu leito he dura rocha ; seu alimento agreste hervagem : o jejum nunca interrompido ; vigilia frequentissima, oração fervorosa. Se baixa a noite, hymnos ao Senhor ; se desponta aurora, canticos devotissimos. Biblia d'um lado, d'outro Crucifixo : aqui cilicios, d'ali caveira : suspiros em nuvens, lagrimas a mares. Neste constante exercicio se vai devolvendo sobre sua cabeça um e outro inverno, um e outro estio. Cada vez mais desapêgo da terra, cada vez mais affêrro á Gloria celestial. Está no tempo, mas seu coração passeia já pela extensão sem fim da Eternidade. Pezão ainda seus ossos e sua carne, mas seu espirito já bate as azas no throno de Jehova.

Sensibilidade funesta, origem fatal de tanto martyrio; calaste já teu atraídoado bramido? O homem velho ousará ainda mesclar-se com o homem novo? O tropel de Babilônia turbará ainda o respeitoso silencio de Sion? Arrojar-se-ha Roma a apresentar-se em Calcide? Que vejo?... Oh mil vezes fragil barro que somos!... Entre idéas tão graves, tão puras, tão santas lá vem dar assalto á ternura de Jeronimo, delineado pelas mãos de Lusbel, o donairoso quadro de uma Belleza Romana d'estremadissimos quilates. Armada de rica aljava, e vistoso arco já vai a disparar a seta d'ouro, já... = Que é isto, meu Deus, (*) como irei ao teu Juizo? = A este grito com a mão esquerda trava do Crucifixo, com a direita de um pezado seixo, e todo ancias, todo suores, e todo lagrimas, foge, desampara a cella, corre o concavo das montanhas, e lá onde um escarpado esbarrondadeiro rasgado em temerosa garganta abre imagem do abyssmo, horrendissima furna, ahí mergulhado e sepultado contunde, macera, despedaça o anhelante peito. Um e outro pezame leva-lhe o coração delido aos olhos; e os olhos afogados em amargosos borbotões não podem ficar-se claros na adoravel face do Juiz misericordioso mas tremendo. Que arrancar de suspiros! Que estalar de dôr! Eis vibrão (**) mais repetidos os estrondosos golpes. A seus retumbos parecem estremecer os penhascos broncos. Espavoridos Leões ouriçando a emaranhada juba extaticos embação. Anjos do Ceo, sustentai-lhe os vitae alentos, e tedei vós mesmos o florido diadema para ornamento de tão assinalada victoria. Sim, venceo: lá fica em cem partes degolada a ardilosa serpente, que tentava envenenar sua pureza. A dor, as lagrimas, o despiadado flagellar das carnes suffocou na raiz a audacia de perigosos incitamentos.

Oh melindre do seculo presente! e trará ainda a campo, para justificar a tua impenitencia, o frivolo argumento de compleição frouxa e delicada, de educação mimosa despro-

(*) Em alguns Mss. lê-se — Que é isto, Deus meu! ai de mim! como irei ao teu Juizo?

(**) Em outros Mss. lê-se — Eis vibrão com mais força, vibrão mais repetidos os estrondosos golpes,

porcionada ao pezo das austeridades? Ou arguirás deficiência de graça para entrares no caminho do Senhor? Attenta neste modello, envergonha-te, e cala-te. Quem mais rodeado d'obstaculos quasi invenciveis? Mas vistes seu triumpho... Devo-o á cooperação da Graça! Sim; mas a Graça não o dispensou do muito lidar para della fazer proveitoso uso. Será sempre eterna a sua gloria, diz o Espirito Santo no Ecclesiastico, porque podia transgredir a Lei e não a transgredio; podia fazer o mal e não o fez. Erit illi gloria æterna, qui potuit transgredi, et non est transgressus, facere mala, et non fecit.

Mas vós em Roma e em Caloide não tendes visto a Jeronimo senão todo entregue ao desvello da sua salvação: vistes nelle a mais heroica renúncia do mundo e suas pompas; vistes um extremo prodigioso da mais singular penitencia. Não é isto só porem o que constitue o cumulo da perfeição Evangelica; é necessario mais, é necessario á pratica das virtudes ajuntar a instrucção dos nossos Irmãos. Qui fecerit, et docuerit. Fiquem pois em silencio tantas outras virtudes de Jeronimo, tantos illustres testemunhos de santidade exemplar. A superabundancia de maravilhas transborda sobre os limites prescriptos a uma Oração: na escassez do tempo dado ao Orader nenhum astro correria tão dilatado horisonte. Fiquem em silencio; e esse humilde, sombrio Anacoreta appareça já aos vossos olhos, revestido da magnificencia de Oraculo, derramando como centro de luz por toda a redondeza da terra, e por todos os seculos tão sobrepujantes raios, quaes só cabia dardejar ao Maximo dos Doutores.

2.^a Parte.

Somos entrados n'um pélago d'assombros. Bem nos era mister o desatado arrôjo, o passante olhar da Agnia para em alternados e repetidos vós poder seguir fto a fto do Oriente ao Poente, e do Poente ao Oriente o magestoso Luzeiro a cujo extenso clarão, fugindo cardumes de grosseiras nuvens, resurge desassombrada e limpa, tal qual é d'immaculada pureza, a Igreja de Jesu Christo.

Cathecumeno ainda já nas aulas de Donato, e Victorino por estrondosos presagios annunciava Jeronimo a emnência do saber, a que havia de remontar-se para encher

de racional inveja e respeitoso pasmo ás presentes, e vindouras éras. Infatigavel na collecção, e copia de Manuscriptos levanta riquissima Bibliotheca. Inquire, revolve, profunda. Seus progressos são agigantados saltos, que sobrelevando infinidade de degrãos, no alcaçar das sciencias, vingão em breve a extrema, alcantilada guarita.

Sabios de todas as classes, vinde, eu vos convido; vinde comprazer-vos nos prodigios, que vos offerece um genio sem igual. Quantos ricos floreios alardeára a gentil penna de Cicero; quantas caudæ torrentes de magestosa eloquencia devolvêra Demosthenes; quantas arrebatadoras melodias gorgearão na Grecia os Cysnes de Salamina, do Ismeno, de Lesbos; na Italia os do Mincio, de Venúza, de Sulmona; quanto variissimo pensar se enredava nos intrincados labyrinthos das concepções Filosoficas já da Escola Jonia, filha de Thales, e renovada por Anaxagoras; já da Escola d'Italia ostentosa producção de Pythagoras, e de suas ramificações da mais estrondosa nomeada a Escola Elea, a d'Epicuro, a de Heraclito, a de Pyrrho; já do respeitavel Socrates, da celeberrima Academia, do famigerado Lycêo; quantas amalgamadas ideias compunhão nos seus dias no Oriente e no Occidente o famoso Sincretismo; parto da Escola d'Alexandria, tudo em exactissimo painel, em bem proporcionado mappa se coordena, e resume no luminoso espirito de Jeronimo. Elle só bastava agora a reedificar submersas sciencias, a recompor extinctas Bibliothecas. A' vastissima erudição reúne a mais subtil agudeza d'engenho, e a mais profunda solidez do raciocinio.

Munido assim de todo o saber humano, prestantissimo nas Linguas Latina, Grega, Hebraica, Caldæa, Arabica, dirige a valentia do seu espirito, e toda a obstinação do seu estudo para a eterna Pyramide da verdadeira e unica Sciencia, cuja base pouzando na terra entranha pelo Ceo o sublimado vertice. As Divinas Escrituras são o seu mais doce alimento, a sua mais suave respiração, as delicias dos seus sentidos, o enleio de suas potencias, seu unico desvelo, encanto e gloria. Exulta, Igreja Santa, desprende em magnifico apparato todos os transportes do teu jubilo.

Que inexpugnavel auto-mural vai erguer-se em tua defensa? Que viçosa tem de verdejar a tua longeuissima seara com o rico manancial, que a Providencia te destina? Romoínhem embora encapelladas ondas, sorem bramando im-

petuosos ventos, lá está sobida no horizonte a Polar Estrella; com ella segura a direcção, desfeita a tempestade. Exulta, e rende ao Senhor eternas graças = Lauda Jerusaleem Dominum, lauda Deum tuum Sion = Não tens Pedro, não tens Paulo, nem os outros de tão saudoza memoria Apostolos teus Pais: Ah! Nem por isso te julgues em abandono = Non ergo te putes esse desertam, quia non vides Petrum, quia non vides Paulum, quia non vides eos, per quos nata es = A mão de Deos, que jámais se contrahio = Ecce non est abbreviata manus Domini = te suscita entre outros um filho na virtude e na doutrina digno successor d'aquelles Pais = Ecce pro patribus tuis nati sunt tibi filii =

Abre Jeronimo com a voz e com a penna a brilhante carreira do seu ensino; derrama-se logo universal espanto = Fama nominis ejus per cunctorum ora volitabat... E em que notavel epoca; No meio de que illustres herões alteia a magestosa copa este augusto cedro do Libano?... Sobre o throno Patriarcal d'Alexandria troveja, esclarece, e triumpho o immortal vingador da augustissima Trindade, venerando orapulo do Concilio de Nicea, Martyr da Divindade de J. Christo, Santo Athanasio. Em Constantinopla relampagueia o brilhantissimo luminar do Oriente, decantado Cicero da Igreja Grega, Doutor profundo; sublime, encantador, S. João Chrysostomo. Na Cappadocia impénha a palma da instrucção e do recreio nos seus escritos, e declamações, o Theologo por excellencia, Isocrates dos Padres Gregos, Orador atiladissimo, S. Gregorio Nazianzeno. De mãos dadas com elle florece e reina amedrontando Tyranos o inclito Bispo de Cesarea S. Bazilio, por antonomasia o Grande. Em Milão, com que magestade de estilo, com que força, e com que agrado não desenvolve quasi tudo o que ha de importante nas verdades da Religião e respeitabilissimo Santo Ambrósio? E que diremos de seu discipulo e nunca assaz admirado Bispo d'Hýponia, Director da Graça, Santo Agostinho?... Entre nomes de tão sonoro eco, de tão desmedida grandeza haver direito ao titulo de Sabio, de Doutor é já subir ao cume, ao ponto extremo d'elevação: ser sapientissimo, ser o Maximo dos Doutores, é traspassar todas as balizas, é saltar as barreiras mesmo da possibilidade. Mas Jeronimo as saltou, e é d'elle que parece fazer o retrato o Livro da Sabedoria

quando escreve = Spiritus intelligentiae; disertus, subtilis, stabilis, acutus, omnia prospiciens; qui capiat omnes spiritus. =

Com effeito, quem nasceo com tão remarcavel excellencia de genio, com tão decidida faculdade para comprehender todo o incomprehensivel da Sabedoria? = Spiritus intelligentiae = Seus primeiros passos o predisserão, e os fructos ultteriores o evidenciãrão. Quem como elle possuio aquella eloquencia, que propõe o objecto, e o encrava logo n'alma? Que n'um só termo fecha pezada sentença, e n'uma sentença numerosos documentos? Eloquencia, que fertil na instrucção é superabundante no garbo dos adprios, que prendem, na destreza dos abalos, que determinão, no apuro do sainete, que arrebatã, no vivo das faiscas que abração, amolgão e triumphão? = Spiritus disertus = Absortas por isso tantas matronas Romanas illustres pelo engenho, como pela virtude, Marcella; Albina. Leta; Paula, e Eustochio pendião do seu discurso, sorvendo com o grave da doutrina inexhauriveis favos de ineffavel doçura. Amedrontada por isso a altiva Discordia, que accendêra horriavel facho entre o Pontifice Liberio, e o Clero Romano, some-se no abysmo, e a santa Paz abraçada com a pureza do Christianismo, esvaecendo a borrasca torna o Geo de Roma sereno, alumiado, e bonançoso. Folhee-se no precioso archivo de suas Epistolas; quem não vê nellas todo o rico matiz da locução, todos os primores da eloquencia? Altissimo original, sublimidade d'imagens, engraçado de allegorias, exactidão de similis, variissima, e disertã erudição? Uma só para nós parece tudo; para Jeronimo todas ellas quasi são nada.

E' só a verdade o iman, que arrasta o seu coração; debalde o erro para engodar seu espirito se enverniza com as côres della, debalde se atavia ardiloso com todos os seus epfeites; agudeza de Jeronimo não é para deslumbra-mentos = Spiritus acutus =

Inalteravel rochedo no meio das ondas segura-se em bases de eterna firmeza = Spiritus stabilis =

Ao lado da Cadeira de S. Pedro, a rogo de S. Damaso seu successor, tomando todo o peso á sua tiara, qual se ostenta ali este Varão insigne, aturdindo o mundo com não vistos portentos de virtude e de doutrina! Quantas capciosas maranhas de enredada Politica não deslinda?

Quantas dissensões acismáticas não abafa, quantas heresias não fulmina! Que despotismos que revoga! Que direitos, que reintegra, que iniunções mortaes que reduz á harmonia! Como aplanos os caminhos da justiça! Como fomenta o cultivo da caridade! Como afervora o zelo Christão! Que lustre, que respeito accrescenta á Religião de J. Christo, e com que medida circunspecção, com que delicadeza de meios? = Spiritus subtilis = Remorde-se a inveja, revolta-se a calúnia... O escudo da innocencia, o recinto de Bellem cospe toda a Lusbelina seta.

Filosofo! que direitos a este titulo! Que valentia, e que evidencia nos seus argumentos! Que solidez nos principios, e que cerrado ligame nas deducções! Ao despecho dos seus raios cahe esboroado o colosso do Erro ou com destreza paliado, ou com audacia anteposto.

Theologo! oh para aqui é que foi o accumular de thesouros sobre thesouros de toda a casta de conhecimentos: para aqui é que faz convergir todas as sciencias accessorias para d'aqui divergirem pelo Universo os mais uteis esclarecimentos das verdades escritas, e tradicionaes do Christianismo. Mas como sondar um golfão insondavel! Força é contrahirmos as vellas, soçobrados per uma vastidão sem limites. A mim não; Sacerdotes respeitaveis, Theologos abalizados, Summos Pontífices do seculo quarto e quinto, a mim não, a vós cabe o recontar-nos como submissa a fronte avidamente bebieis clarissimas decisões ás vossas propostas; como o profundo sentido das Escrituras surge prompto ao lume d'agoa; como logo é corrente e que até ali era espinhoso e inaccessible: tornão-se chões fragosos cerros; alinhão-se tortuosas estiadas; rompe-se o veio da dúbida, devassão-se os arcanos, desencerra-se o recondito... a vós cabe recontar como o espirito cobiçoso do saber sacia n'aquella fonte toda a sua ambição. Cabe a ti mesmo, immortal Agostinho... Em que nome toquei!

Ah Senhores! Se d'antigos, bem graves, e bem policiados Povos foi singular passatempo, foi alvo das primeiras atenções o despejado ardimento, com que em campo se ferião batalha, se disputavão a victoria dous nervosos athletas, senhor cada um das trombetas da fama; que embeber não deve a nossa attenção o magestoso confictio, em que se travão estes dous tremendissimos Athletas da Christandade—Agostinho, e Jeronimo? Da Hippo-

nia a Belem, e de Belem á Hiponia cruzão-se veando temerosos passamuros. Vão os rasgos d'uma penna despedidos com tão acoza energia, que parece poder baquear o mundo, mas choçando no alvo, com tal reacção se contrastão, que ao retroceder, com pejo reverbêrão, descorçoados resaltão. Já se contende sobre a genuina intelligencia da arguição de Paulo a Pedro; já sobre a utilidade da trasladação das Escrituras segundo o Hebreo: aqui cede o Primeiro, acolá cede o Segundo. Assim se debelárão, e assim alternadamente se venção dous sabios da primeira grandeza, modelos ambos do desinterêsse da gloria, do amor singello da verdade. Que edificante certame! Que bem digno era de mais amplo desenvolvimento!... mas seja para nós uma digressão apenas. Atenos o fio, que levavamos. Jeronimo como Sol no Zenith vê, e illumina todas as couzas — Spiritus prospiciens omnia —

Soprado pela furia do Principe das trevas arveja-se Helvidio a attentar contra a immaculada Virgindade da Rainha dos Anjos, Mãe do Salvador J. Christo, e concebe o descaradamente de arrastar para prova algumas passagens da Escriitura. Ceos! que labaredas de zelo estalão no coração de Jeronimo? Escreve; cada rasgo leva consigo um poder aniquilador; tapa ao impio a esganada boca, desaffronta as Sagradas Paginas da matilha de vituperios; faz ver em toda a luz, que Maria foi sempre virgem, que seu Esposo o foi tambem; e extasiado na excellencia desta virtude demonstra o quanto ella excede em perfeição ao estado do matrimonio, sem com tudo deprimir a dignidade deste Sacramento.

Que! Mais para ahi resna grosserias o hypocrita de Milão; o temulento Joviniano — A carne de J. Christo é fantastica: Jejum e penitencia não é acto meritorio — Elle baqueado em terra. Jeronimo com os seus escritos desfaça a sordida poeira, com que havia enxovalhada para atenuar a mesfera do Christianismo; e exprobrando a devassidão dos seus costumes, acaba fazendo da sua morte tão horrenda pintura, que lingua não ha que a traslade — Inter phasidis aves, diz elle, et carnes suillas non tam emisit spiritum, quam eructavit.

Genio faceto e desprezador lá se arma nas Galias Vigilancio para atacar quantos objectos lhe offerecem ao é chocarries, á mofa, a chança: dest'arte vilipendia e res-

peito ás reliquias dos Martyres; dest'arte á profissão de Celibato, e assim do mais; e leva o descaramento até calumniar de Originista a Jeronimo mesmo. Oh que vehemencia, que impetuosidade d'argumentos borboteia então na boca deste sublime Apostolo! N'uma noite responde ao infame libello com tão energica refutação, que este só traço das suas obras bastaria a qualifica-lo d'inimitavel; e feita a descripção da monstruosa immoralidade do monstro, remata em desabafo com este epiphonema, penhor do seu triumpho — Tales habet adversarios Ecclesia! Taes são os adversarios da Igreja!

Ganha-se a victoria, mas não cessão os combates: lá veste hortisqua armadura, lá sahe a campo vaidoso de semina de forças o execrando Pelagio. Que blasfemias que desenrola! — Quer peccasse, quer não, Adão morreria: O seu peccado não empecção a seus filhos: A graça tira o livre arbitrio: reparte-se segundo os merecimentos — e d'aquí quantos destemperos! A sua obra com alguma dose de engenho allicia e ganha proselitos. A Igreja soffre sensibillissimas golpes. Mas eis rola já como nas asas do trovão a resposta de Jeronimo, e rebentando sobre a cabeça da empolada fera eua cem partes a esmigalha.

Assim murchão, assim parecem os multiplicados renovos do eivado tronco do Originismo, do Montanismo, do Arianismo. Tudo cede ás decisões da sua penna, tudo se rende ao estrondo da sua voz. Fadigas domesticas, governo de Mosteiros, perturbações de saude, perseguição d'emulos, desvello pelos seus hospedes, caridosos e activos officios para todo o estrangeiro, nada o desvia da nobre occupação de corrigir os erros, de rectificar ideias, de imprimir no espirito de todos com profundeza indelevel as verdades eternas. Ao contemplarmos as horas, que dispendia nestes actos, parece não restar uma para a composição dos escriptos: ao considerarmos estes parece impossivel comprehendem-se todos dentro do estreito circulo da vida de um só homem. Numerosas Epistolas, Livro de Custodia Virginitatis, Catalogo dos Escritores Ecclesiasticos, Apologia contra Rufino, Disputas com Santo Agostinho... onde me encaminho!.. Que pertendo! Recensear, Jeronimo, teus serviços feitos á Igreja!.. Oh! não é preciso mais... vem a meus braços preciosa urna dos eternos segredos, deposito sagrado das vontades d'um Deos; vem oh Santa

•Bíblia! Qual eras antes de Jeronimo, qual es depois d'elle! Não nos insultavão os Judeos tocante ao Testamento Velho, de que o texto da Vulgata Itala não era genuino nem sincero? Não se achava o texto do Testamento Novo pela audacia dos copiadores, e variedade de codices tão alterado, que baralhava já o que era Canonico com o que o não era? Não foi este o fundamento de tanta discordia de opiniões, de tantas questões interminaveis, tantos scismas, tantas perturbações na Igreja? Sim, é necessario refundir a Vulgata.... mas onde esconderá a terra outros 70 varões insignes de proporcionados hombros para tão agigantada empreza? Aqui é o abysmar: Jeronimo só se abalança a tudo. Já sobre o Grego, ja sobre o Hebreo traduz, corrige, purifica, aperfeiçoa; e qual lhe brota das robustas mãos esta veneranda obra, o Sacrosanto Synodo de Trento o declara e manda crer. Eis o Maximo dos Doutores, o Sabio dos Sabios; eis o Espírito, que em si absorve todos os espiritos, a Intelligencia, que comprehende todas as intelligencias = Spiritus qui capiat omnes spiritus = Que homem, Deus meu, suscitaste no mundo! Quem deixará de engrandecer as tuas maravilhas? = Quis non loquetur potentias tuas, Domine, quí talem virum orbi terrarum ostendisti?

O termo da grandeza do Heroe deve ser o da Oração. Eu acabo. Cumpre mesmo deixar-vos em silencio reflectir e repassar pela memoria o muito que Jeronimo trabalhou no desempenho da prática do Evangelho, e no ensino da sua doutrina. Praza aos Ceos que o sentimento d'admiração vos inspire o outro da nobre resolução de o imitardes quanto em vós fôr, para que seguindo seus passos na Jerusalem terrestre, o acompanheis tambem na celeste, participando d'aquella grandeza, promettida no Evangelho a quem guardar, e ensinar a guardar, os preceitos do Senhor. Qui fecerit, et docuerit, hic magnus vocabitur in regno coelorum.

D i s s e.

• *Chlorophyll a* is the primary photosynthetic pigment in all photosynthetic organisms.
 • *Chlorophyll b* is an accessory pigment that transfers energy to *Chlorophyll a*.
 • *Carotenoids* are accessory pigments that absorb light in the blue and green regions of the spectrum and transfer energy to *Chlorophyll a*.
 • *Xanthophylls* and *zeaxanthin* are carotenoids that are involved in photoprotection.
 • *Phycocyanin* and *peridinin* are accessory pigments found in cyanobacteria and dinoflagellates, respectively.

RHADAMISTHO

E

ZENOBIA.

TRAGEDIA

DE CREBILLON.

POSTA EM VERSO PORTUGUEZ

PELO

Dr. João Evangelista de Moraes Sarmiento.

OFFERECIDA A SEU IRMÃO

O ILL.^{MO} SNR.

*Dr. Francisco José de Gouvea Moraes
Sarmiento*

PELOS EDITORES.

ACTORES.

FARASMANE.....	Rei da Iberia.
RHADAMISTHO.....	Seu filho, Rei da Ar- menia.
ZENOBIA.....	Mulher de Rhadamistho com o nome suppos- to de Ismenia.
ARSAME	Irmão de Rhadamistho.
HIERON.....	Embaixador da Arme- nia , e Confidente de Rhadamistho.
MITRANE	Capitão das Guardas de Farasmane.
HIDASPE.....	Confidente de Faras- mane.
PHENICE.....	Confidente de Zenobia.
GUARDAS.	

A Scena he em Artanisse , Capital da Iberia , no
Palacio de Farasmane.



ACTO I.

SCENA 1.ª

Zenobia disfarçada com o nome de Ismenia, e Fenice:

ZENOBIA.

Ah! deixa-me, Fenice, não redobres
O horror do triste estado, em que me vejo:
Deixa-me entregue á dor, lidar com ella.
A tua compaixão, os teos conselhos,
A vida, a vida mesmo são a c'roa
Dos males em que abafa a triste Ismenia.
Ceo justiceiro! oh Deoses vingadores!
Tal pois devia ser a sorte minha!

FENICE.

Sempre hei-de ver, Senhora, esses teos olhos
Arrazados de lagrimas a mares!
Sempre teos ais afflictos hão-de encher-me
O coração de sustos e cuidados!

Debalde o seo licor nestes lugares,
Como em todos os mais entorna o sono:
A Noite para ti não tem descanso.
Cruell! já que d'amor te não commoves,
Minha triste amizade attende ao menos.
Dize, quaes podem ser tuas desgraças
Gloriosa Captiva n'huã estancia
Em que amor a teos olhos tudo rende.
Da triste escravidão em que nasceste,
Não surges hoje para ter em jugo
Hum temeroso Amante, o Rei da Iberia?
Sim: que pertende o Vencedor de Roma
Senão brindar-te c'hum soberbo Sceptro?
Se de tantos repudios enfadado,
D'inuteis homenagens já se cança;
Quem senão tu, á força de rigores,
De desprezos crueis, crucis tormentos
Seos zelos, seo furor tem acendido?
Ah! longe de afroxar tão viça chamma,
Lizongea, Senhora, os seos desvellos,
Logo o verás mais terno, e mais submisso.

ZENOBIA.

Quem seja o duro vencedor tyranno,
Por quem debalde ao coração me fallas,
Ninguem melhor do que eu, conhece a fundo.
Apesar desses titulos pomposos,
De todo esse amplo estrondo de triunfos,
De toda a gloria da soberba fronte,
Nada off'rece a meos olhos o universo
Mais digno de odio, de rancor eterno.
Longo tempo trahi tua amizade,
Occultando o que passo a declarar-te;
Mas devo emfim recompensar teo zelo.
Ao menos em sabendo os meos destinos
Obstac'lo não porás á minha morte.
Se até gora somida me tens visto
Entre ferros n'hum pobre abatimento;

Nem por isso este estado de baixeza
A humilde nascimento corresponde.
Quantos são meos Avós tantos Reis conto.
O nobre sangue que nas veas gira,
Só c'o sangue dos Deoses não hombra.
Farasmane esse Rei, que d'Asia toda
O Imperio faz tremer, que dos Romanos
Insulta o vão furor; esse Rei duro,
Cujo empenho pertendes que eu prospere,
He irmão d'aquelle, que me deo a vida.
Prouvera ao Ceo, que a sorte que o meo liga
A seo sangue por laços tão sagrados,
Por mais doces prizoens me não ligára!
Mas ella o fez ser Pai do meo Esposo:
N'huã palavra he Pai de Rhadamistho.

FENICE.

Tu Zenobia! que escuto! eu pasmo! oh Deoses!

ZENOBIA.

Sim, cara Amiga, eu sou, sou essa mesma,
Filha de tantos Reis, resto do sangue
O mais illustre, bem que desgraçado.
Depois de longas, rispidas batalhas
Mithridates meo pai em paz vivia
Com seo falsario irmão: Armenias ambas
A's nossas leis sujeitas, o elevavão
Ao cume da grandeza mais sobido.
Feliz, se tanto lustre não picasse
De seo irmão a perfida cobiça!
Mas o cruel no fundo do seo peito
Bem cedo devorou sua grandeza.
A fim de allucinar meo Pai lh'envia
Se o filho inda n'aurora de seos annos.
Contente Mithridates o educava
Como hum Amigo seo, e meo Esposo.
Sensível ao prazer de seos agrados.

Julguei dever ama-lo, eu o confesso ;
Jamais porem me veio hum dia á mente,
Que debaixo de meritos externos
Tão bellos, tão brilhantes poderia
Nutrir do crime propensoens damnosas.

FENICE.

Jamais com tudo n'Asia houve Monarca,
Cujo nome estendesse tanto a Fama.
Elle dos Reis terror, flagello, assombro...

ZENOBIA.

Sim assás ostentou o seo esforço.
Eu era apenas no terceiro lustro,
Quando deste hymineo s'aprompta o facho.
Rhadamistho seguro se julgava:
Eis que em nossos estados de repente
Entra seo pai injusto rebellado,
De Tridates seguido, deste Partho
Que minha fé, meos votos anhelava ;
E que ao ver-me roubada em braços d'outrem,
Cruamente, de colera mirrado,
Semea em toda a parte o horror, o assombro.
Por seo perfido irmão acabrunhado,
Mithridates ardendo de vingança,
As cruezas do pai no filho pune.
Sem mais consid'ração logo a Tridates
Meo Sceptro, minha Mão promette prompto.
Foi então que irritado Rhadamistho
De tão pezada, tão funesta affronta
Ao desagravo solta as redes todas.
Cahe como raio espedaçando tudo,
Tudo abrazea, tudo dilacera.
Já destrona meo pai, já o seu repulsa ;
E a nada olhando desesperado, e cego
Apesar de Numidio, e a Syria inteira
Constrange Pollião a que lhe entregue

Meo desgraçado pai: tentei salva-lo
Hum generoso amante enternecendo.
Elle prompto promette esquecer tudo,
Se visse a sua fé recompensada
Da minha mão com a segura posse.
Que logo que hymineo nos enlaçasse,
O Imperio tornaria á lei primeira.
Desta doce esperança allucinada
Eu mesma junto ás aras apressava
O fatal hymineo: quando perjuro
Meo amante o conclue tinto do sangue,
Do mesmo sangue; que por este preço
Eu queria salvar: o Ceo irado
Contra tantos horrores allumia
Com a tocha das furias impios laços!
Que barbaro hymineo! oh justes Deozes!

FENICE.

Eu sei, eu sei que o povo alvorotado
Culpando-te do Rei na infausta sorte...

ZENOBIA.

Barbaros! sem saber que m'occultarão
Seo destino fatal vingar quizerão
Sobre meo peito sua morte dura.
Perturbado c'o pezo de seos crimes
No extremo deste prigo Rhadamistho
Desfalecer parece; porem logo
Todo o antigo furor aviventando,
Estragos desparzindo, horror, carnagem,
Vem, me diz, o povo que m'ultraja
Debalde a meo valor fecha a passagem:
Segue-me, vem: e as aras postergando
Eis nos braços me toma em furia aceso:
Entre a chusma dos seos terrivel rompo,
Rompe o mesmo Artaxates que ja tarde
A morte de meo pai yingar tentava.

Apertado com tudo immensamente,
Da multidão em torno assoberbado,
Meo Esposo volvendo a mim os olhos...
Mas longe de pintar acção tão negra
Sua infausta memoria respeitemos.
Poupa á minha virtude a fea historia
Dos feitos que desluzem sua fama.
Hum infeliz assás culpado tenho:
Não posso despertar tão triste idea,
Sem lamentar de Rhadamistho a sorte:
Fenice, basta emfim, basta dizer-te,
Que arrojada por mão que me era cara,
Mão inda com meo sangue fumegando,
Victima d'hum amor desesperado,
Quasi morta me vio nas suas ondas
De mergulho cahir turvado o Araxes.

FENICE.

E quem? foi teu esposo? oh deshumano!

ZENOBIA.

Já da morte os horrores enevoarão
Meos froxos olhos, quando o Ceo benigno
Deparando-me hum braço caridoso
Me salvou d'hua morte inevitavel.
Mas apenas do tumulto surgida
Força me foi chorar perdido o esposo.
Soube não sem tremer, que seo pai duro,
Pelo augmento do filho embravecido,
Pretextando vingar do irmão a morte
Contra nós revoltára os povos todos;
Que no seio d'Armenia introduzido
Elle mesmo arrancára ao filho a vida.
Dando então aos pezares livre fuga
O cuidado detesto de meos dias:
Sem mágoa perco o trono, perco a Patria,
E desfarçada com supposto nome

Assim na Média incognita vagueio.
Já passados emfim erão dez annos
D'humilde escravidão, e de tormento,
Sem nome, sem asylo, sem amparo,
Por toda a parte foragida sempre,
Quando esperava mais tranquillias horas,
Subito a Guerra rompe, e n'hum instante
Meo pobre acolhimento alue, arraza.
Ante seos passos o terror levando
Com o raio na mão Arsame avança:
Arsame para mim d'hum sangue odioso,
A meos olhos com tudo assás amavel,
Filho d'hum pai traidor, e deshumano,
De Rhadamistho irmão, de meo esposo...

FENICE.

Mas sem embargo de tão sacros laços,
Do Esposo os Manes por ventura ultrajas
Aos affectos d'hum Principe cedendo,
Que tem por tantos generosos rasgos
O seo ardente amor assignalado?

ZENOBIA.

Ah! se tão dura ausencia não roubasse,
Não roubasse esta unica esperanza!...
Mas por triste dever Arsame ausente
Nem sombra de esperanza me permite.
E para maior mal soube que Armenia,
Que por justo direito a mim só cabe,
Nas mãos dos Parthos cahiria prestes,
Ou talvez dos Romanos, se não fosse
Em mais barbaras mãos dar sua sorte.
No seo feroz desejo havendo certa
Sua conquista Farasmane aprrompta
Com ancioso fervor sua partida.

FENICE.

Pois bem: -foge das suas leis injustas:

ARSAME.

Apesar da paixão que me enche o peito
Faze-me embora objecto do teo odio:
Impoem ao meo amor a lei mais dura,
Com tanto que a meo pai a mão recuzes.
Se não tens de ser minha, se por outro
Ha-de teo coração inda inflamar-se,
Então dá-me rivaes, que immolar possa,
Contra quem sem murmurio o odio rompa.
Nem sempre Amor respeita a Natureza.
Bem me dizem que não do zelo os gritos.
E quem sabe se o Rei for teo esposo
Até que ponto a minha cega raiva
Por tamanha injustiça me despenhe?
Não he só este o bem de que me priva.
Na eleição de seo Rei Armenia attenta
Por desvelos d'Hierão em mim decide.
Ancioso por quebrar tuas cadêas,
Colocando a teos pés seo trono, e sceptro,
Eu vinha esta homenagem consagrar-te;
Mas o injusto rival, pai deshumano
Seo Sceptro, e tua mão tudo me rouba.
Que leve muito embora Armenias ambas,
Leve Reinos, e Reinos; mas não leve
A doce, a bella, a encantadora Ismenia,
Ismenia, que só faz minha ventura,
Ismenia a cujos olhos agradando
He todo o bem que os Ceos fazer me podem.

ZENOBIA.

E porque causa a tão funesto sitio
Havias de trazer-me? por ventura
Lá onde estava, ao menos meo destino
A' sombra do repouzo não corria?
Teos excessos a meos males aggravarão.
Mas, Senhor, desse affecto que he o que esperas?
Convem por huã escraya tanto extremo?

Ah que as minhas desgraças inda ignoras.
Não, de meo pranto a fonte não se enxuga.
Ainda quando Amor nos enlaçasse
Não ligava Hymineo os nossos fados.
Apesar do poder que o Rei inculca,
Rival não he, que mais temer te cumpre.
Hum dever rigoroso, indispensavel
Teo amor a silencio eterno fôrça.
Eu oiço estrondo... lá se abríão portas...
Eis o Rei... quanto temo a sua vinda!

SCENA 3.^a

*Farasmane, Zenobia com nome de Ismenia, Arsame,
Mitrane, Hidaspe, Fenice, Guardas.*

FARASMANE.

Que diviso! meo filho em Arthanise!
Sem eu saber, Arsame em minha Côrte!
Comtigo Arsame!... calas-te, Senhora!...
Que devo suspeitar de tanto assombro!
E tu de quem fei minha vingança,
A quem honrei com tão luzida escolha,
Príncipe dize, que motivo estranho,
Que urgente precisão, que utilidade
Aqui te conduzio sem ordem minha,
Sem te lembrar ao menos dar-me parte?...

ARSAME.

Vencidos como são teos inimigos,
Podia eu presumir que a minha vinda
Tão estranha te fosse, e até suspeita?
Senhor, qual he meo zelo, meo caracter
Assás conheces para bem julgares
Da bastante razão porque viria
Depois do emprêgo, que de mim fiaste.

A tuas armas tudo está sujeito :
E quando tanto á custa do meo sangue
Teo trono adórno de viçosas palmas ;
Quando tudo resoa c'o arruido
Da minha alta victoria ; em premio della
He este o que me dás acolhimento ?
Soube que Syria , e Roma t'ameaçavão ;
Soube que Iberia Corbullon investe.
Por seo dever teo filho conduzido ,
Até se lisongeava de que agora ,
Com gosto mais que nunca o reverias.
Jámais me pôde vir ao pensamento ,
Que a minha promptidão , minha impaciencia
Suspeitas na tua alma encravaría.
Que me abrissem as portas esperava
Quando neste lugar Ismenia encontro.

FARASMANE.

Não temo Corbullon , nem Syria , ou Roma ;
A zombar desses nomes vivo affeito.
E apesar de primor tão generoso
Não , approvar não posso que voltasses
Do teo destino sem licença minha ,
Além disso que fez de mais teo zelo ,
Do que hum filho , hum vassallo fazer deve ?
E duvidas , por mais que te engrandeção ,
Por maiores que sejam teos serviços ,
Que hum crime só qual este apaga todos ?
Pois sabe que teu Rei se lembra delles
Só para não punir tençoens que ignora.
Sejam quaes forem entretanto parte ,
E parte antes da noite : vai a Colchqs
Extinguir d'atrevido amor os restos .
Desde já ver Ismenia te prohibo.
Ella vai ser á minha sorte unida.
Hymineo c'roará hoje os meos votos.
Assás tão digno , tão sublime objecto
A sob'rana grandeza tem m'recido.

Se inda hontem escrava, hoje Rainha...
Mas he dizer-te muito: meos ciumes
Como tu testemunhas não consentem
Nem hum momento de demora; parte.

SCENA 4.ª

*Farasmane, Zenobia com o nome de Ismenia, Mitra-
ne, Hidaspe, Fenice, Guardas.*

ZENOBIA.

E com que estranha lei, com que direito
Assim escravisar ousas minha alma?
A suprema grandeza em vão m'offreces:
Meo coração por ella não se compra.
Sabes aliás quem sou, se o meo destino
Já por outro hymineo se tem ligado?
Sabes se o sangue que me deo a vida
Me permite escutar os teos affectos?

FARASMANE.

Não sei que sangue as veias te circula;
Mas quando fosse tal qual ser merece,
Tanta gloria no meo superabunda,
Que ousó c'os Deoses mesmo aparentar-me.
Artificio debalde ao rigor juntas:
Ingenhosos rodeios são frustrados:
Pois que emfim obedeças he preciso.
Se até gora fallei no tom de amante,
Pois que nada omitti para agradar-te,
Desde hoje como Rei quero me escutes,
A Grandeza Real he quem te falla.
Do meo poder, das minhas iras treme.
Bem que cheios d'amor, d'amor vassallos,
Os Reis jámais consentem resistencia.
Nem na minha paixão te fundamentes:

Amor deve curvar a fronte ao Sceptro,
Tudo, aos Reis deve tudo ser sujeito.
Nem me he desconhecida a grande causa
De taes repudios, de despresos tantos;
Sei que á vinda d'Arsame devo tudo:
Mas teme que teo pranto antes de á noite
Me deixe do audaz filho assás vingado.

SCENA 5.^a

ZENOBIA, FENICE.

ZENOBIA.

Ah barbaro! ah tyranno! pois he força
Que a abafada ternura se despregue,
E que o meo odio teo furor castigue;
Teme, teme que Amor armado apenas
De meos poucos, meos debeis attractivos,
Te faça quantos males me tens feito.
Eia, que espero, porque espero ainda?
Manes de Mithridates, não he tempo,
Não he já tempo que a vingança estale?
Sagrada sombra do meo caro esposo,
Vem, vem em meo soccorro oh sombra augusta,
Enche meo coração da raiva tua:
Ensopa-me no fél dos teos ciumes:
Vingue o meo braço deste monstro a todos...
Inda melhor:... vinguem-nos do monstro
Por mãos dess'outro filho, que lhe resta.
O crime a teo respeito commettido
Seo outro filho só expiar deve.
Só delle os Deoses seo supplicio fião,
E a seo braço de vingança armemos.
Fenice, corre, vòa, vai dizer-lhe
Que á sua compaixão me entrego toda;
(Mas sem me descobrir soccorro implora;)

Que para me salvar deste tyranno
Na minha justa causa Roma empenhe;
Que seo Embaixador hoje se espera
E que este pôde ser o meo apoio.
Pinta a seos olhos bem d'Armenia o trono:
Pelo brilho do Sceptro a honra abala:
Pinta-lhe os males da infeliz Ismenia:
A desesperação, a magoa pinta.
Pois foi amor quem fez minha desgraça,
Ninguem senão amor vingar-me deve.





ACTO II.

SCENA I.

RHADAMISTHO, HIERÃO.

HIERÃO.

Que vejo ! devo crê-lo ! Rhadâmistho !
Rhadamistho inda vivo , e nestes sitios !
He possível , que o Ceo te restituisse
A meo saudoso pranto , e me conceda
Dos dias meos o mais ditoso dia !
Es tu , Senhor ! por que feliz acaso
Da tua morte a fama assim desmentes !

RHADAMISTHO.

Prouvera ao Ceo , Hierão , que a mão avara ,
Que o Sceptro me roubou , roubasse a vida !
Mas o Ceo me deixou por justo premio
Dias cheios de magoa , d'horror cheios.

Ah ! longe de mostrares gôsto e zêlo
Por hum Rei , que o destino torna a dar-te ,
Não me vejas senão como hum furioso ,
Digna preza da colera dos Deoses ,
Que a sua alta vingança proscrevêra :
Execração , escandalo dos homens ,
Que o mesmo ar infecta , que respira :
Como hum monte de crimes e remorsos ;
Indigno de gozar a luz do dia ,
E muito mais gozar tua amizade ;
Como hum monstro d'horror , monstro dos monstros ,
Perfido á amor , traidor á Natureza ,
Usurpador , perjuro , parricida...
Ah ! que se mil remorsos roedores
Em turbilhoens me não fervessem n'alma ,
Vendo impunes os meos , negar havia
A existencia d'hum Ceo , que os crimes pune !

HIERÃO.

Folgo de ver , Senhor , esses pesares ,
Mas he sempre o dever a nossa guia ?
Faltando á fé votada Mithridates
Parece impôr-te a Ley de te vingares ,

RHADAMISTHO.

Como te atreves inda a lizongear-me ?
Pinta-me antes o horror d'atrozes furias ;
De Mithridates lembra a negra sorte ,
Lembra esse dia , os juramentos lembra ,
Que com sangue manchei dos infelizes.
Se he que podes contar victimas tantas
Pelos meos crimes , meos remorsos conta.
Já quero , que traidor , qual foi comigo ,
Mithridates do golpe fosse digno ;
Que ao roubo , que me fez , á afronta , á infamia
Todo o seo sangue bem devido fosse ;
Mas Zenobia que fez ? ... Ah tu já tremes !
Já te horrorizas todo ! sim tu mesmo

Com tua propria mão, tu cravarias
No meo peito o punhal, se eu te contasse
Té onde me arrojou do zêlo a furia...
Meos crimes, ou desgraças ouve todos,
Ou antes por meo pranto delles julga.

HIERÃO.

Como tu de teos males commovido
Não examino se és ou não culpado.
Entretanto não he mui criminoso
Quem a tantos remorsos se abandona,
Serena a agitação, que te perturba,
E digna-te contar ~~com~~ mais socego...

RHADAMISTHO.

Como hei-de proseguir tão negra historia?
Como ousar descrever tantos furores,
Se com a idea só todo o meo sangue
Sinto ao centro acolher-se, e congelar-se!
Sem que meos impios labios o repitão,
Tu sabes o que fez meo braço iniquo;
Viste, como apinhado em torno ás éras
Todo o povo em motim m'arreatára
A fortuna a meos dias destinada,
Viste, como atravez d'immensos p'rigos
Aos torvos olhos seus Zenobia arranca;
Esforço inutil! tudo foi baldado!
Pensa neste momento, qual seria
Para huma alma sensivel como a minha
A desesperação, o apêto, o affôgo.
Quiz immolar-me, mas Zenobia acode;
Mil vezes de joelhos me supplica,
Mil nos braços me toma, e com seo pranto
Banhando minhas parricidas armas,
Diz-me o que Amor inspira de mais tenro,
Amacia, entenece, amolga, afaga...
Que objecto, caro Hierão! Que doce objecto!
Jámais tão gentil quadro, tão mimoso

A meos olhos mostrára o mundo inteiro.
Mas que importarão attractivos tantos ?
Longe do coração amolecer-me
Os zêlos mais e mais atção , dobrão.
Pois quê ? digo eu tremendo , a minha morte
Segura a meo rival sua conquista?
Tridates vai gozar de certo agora !...
Fito em Zenobia os olhos : esta vista ,
E a vista do seo pranto mais me cega :
Todo raiva , e furor corro-lhe hum golpe ,
E morta sobre o Araxe eu mesmo a arrasto.
Lá minha mão lhe cava a sepultura ,
Lá do nosso hymeneu apago a tocha.

HIERÃO.

Quanto he para chorar sua desgraça !

RHADAMISTHO.

Depois deste sacrilego attentado
Privado dos meos todos , perseguido
A' desesperação deixo os meos dias.
Indigno de viver m'atiro á sanha
Dos ferozes , brutaes perseguidores ,
Que meo Pai , mais cruel do que elles todos ,
Contra a morte excitava de seo filho.
Imensos sobre mim granizão golpes ;
Jôrros de sangue a vida já me escôão :
Quando contra estas feras indignado
Da Syria vindo hum Batalhão Romano
Moribundo das suas maons m'arranca.
Tarde chegado aos muros de Artaxates
Com o fim de vingar do Rei a morte
Corbullon contra mim em armas posto
Conserva sem saber seo inimigo.
Da minha infausta sorte commovido ,
Ou talvez por valor que em mim notára ,
Este digno Romano generoso ,

Mau grado meo, do meo furor me salva.
Sensível ás virtudes, que o ornavão,
Sem com tudo mostrar-me agradecido
Longo tempo occultei meo nome, e patria.
Com horror arrastando hum fado escuro
D'huma lembrança atroz ralado sempre;
E para maior mal no fundo d'alma
Ardendo mais que nunca em chama infausta,
Chama que Amor em premio aos meos delictos
Cada vez mais de rijo assopra, avulta,
Reproduzindo por já frias cinzas
De ternura agudissimos extremos.
Assim cheio d'amor, e de remorsos
Igoalmente temendo a luz e as trevas,
Atribulada vida n'Asia arrasto.
Servindo a Corbullan muito de industria
A p'rigos m'abalanço; e por desgraça
Aonde busco a morte a gloria encontro.
Extincta por dez annos parecia
Do passado esplendor toda a memoria,
Quando soube, que Armenia em Leis odiosas
Prestes hia metter-se; que em segredo
Meditando meo Pai sua conquista
Com novo diadema a fronte alçava.
Aos echos desta voz rijos balanços
Sinto n'alma imprimir-me a gloria, e a raiva.
Desata-se o ciúme, e electrizado
Tudo a final a Corbullan declaro.
No Rei tanta grandeza não toléro;
E para ao meo desforço dar comêço
Nomear-me faço Embaixador de Roma.

IIERÃO.

E com esse caracter que projectas?
Já te não lembrão tão fataes despenhos,
A que ardida vingança te arrojára?
Suffoca, abafa o temerario impulso.
Carregado de horrores que pertendes?

RHADAMÍSTHO.

Nem o posso saber : furioso , incerto ,
Criminoso , sem gosto para o crime ,
Sem tenção para sê-lo , virtuoso ;
Ludibrio infausto d'amargura extrema ,
Neste intrincado , lastimoso enleio
Conheço-me a mim mesmo por ventura !
De diversos cuidados combatido
Sem amar a virtude , ao crime adverso ,
De mal fadado amor funesta prêsa
Meo coração lá vai por onde o leva
Dos remorsos a lugubre corrente :
Arrependido sem colhêr proveito
Só para o detestar , quem sou , conheço.
Neste Palacio , asilo de cruezas
Onde me vejo , sei se o que m'impelle
He desesperação , amor , ou odio ?
Perdi Zenobia ; depois desta perda
Ainda me perguntas , que pertendo ?
Proscripto , odioso á luz , desesperado ,
Quero , quero vingar-me , e quereria
Vingar-me até da Natureza inteira.
Tudo he fel e mais fel nas minhas veas ,
No eivado coração tudo he veneno ,
Tudo em mim he furor ; estes remorsos ,
Estes mesmos que são ? São furor tudo.
De meos males o Autor aqui procuro.
Que he Pai em vão me diz a Natureza :
Ou he talvez aqui que o Ceo irado
Mais não soffrendo a impunidade minha
Justificar-se quer : talvez o raio
Sobre a minha cabeça suspendido
Com horrido fracasso aqui m'estale.
Oh ! e prouvera aos Deoses , que este raio
Ha tanto tempo justamente erguido
Hum só momento mais , hum só momento
Não tardasse em cahir , em esmagar-me !

HIERÃO.

Foge d'aqui, Senhor, fuge depressa.
Longe de provocar do Ceo as iras
A natureza ao menos te serene.
Para ti nesta Côrte sacro he tudo.
Vingares-te hade ser da Iberia longe.
Para a Armenia comigo a estrada toma.

RHADANISTHO.

Não, não he já tempo; ha-de hir ao cabo,
Ha-de cumprir-se á risca o meo destino:
Ou morrer, ou vingar-me, e servir Roma.
Roma sempre a meo Pai opposta em planos
Depositou em mim os seos direitos,
Bem certa de que eu nada esqueceria
Contra um Monarcha, que terror lhe infunde.
Do meo, e seo poder tendente ao côbro
Roma quer evitar incerta guerra,
Da vergonha das outras bem lembrada:
Quer conservar Armenia, ou trazer nella
Da discordia entre nós o facho acceso.
Por dom de Cezar eu sou Rei d'Armenia.
Por mim a Iberia destruir medita.
Já seos furores são assás patentes
Para que Roma algum contrato occulto
Suspeite entre nós ambos concertado.
Tal a grandeza excelsa, que alardea!
Tal de Roma a politica assombrosa!
Assim perdendo hum Pai por maons d'hum filho
Aos inimigos seos fatal se torna.
Assim para firmar poder injusto
Seos direitos á minha furia entrega,
E sob hum titulo augusto aqui me envia,
Não como Embaixador, como hum furioso,
Que ao seu rancor sacrificando tudo
Pode atrever-se ao Parricidio mesmo.
Sua artillosa ideia bem alcanço:
Mas o meo coração ardendo em iras,

Em iras mais, e mais cevar-se deixa.
Inimigo da Iberia, e dos Romanos
Eis como os lares paternaes revejo.

HIERÃO.

Deputado tãobem, mas d'outra sorte
Eu da parte d'Armenia offerecer vinha
O Throno a teo Irmão, que o Pai cubiça.
Declarar venho a este Rei soberbo,
Que impôr a Armenia Leis debalde intenta.
Mas não receias, que apesar d'ausencia? ...

RHADAMISTHO.

O Rei não me vio mais desde menino;
E nelle a Natureza falla pouco
Para que possa recordar agora
Feições, que a mão dos annos apagára.
Não tenho que temer senão teos olhos;
E tu mesmo talvez não conhecêras,
Se occultar-se podéra o teo amigo.
Eis chega o Rei: meo coração ao vê-lo
Quanto lhe custa reprimir a furia!
Amansemos porém seo ardimento,
E d'hum Embaixador o tom tomemos.

SCENA 2.^a

Farasmane, Rhadamistho, Hierão, Mithane, Hydaspes, e Guardas.

RHADAMISTHO.

Senhor de tantos Reis, hum Povo illustre,
Que se digna fallar por minha boca,
Sabedor como tu dos teos projectos

A suprema vontade te annuncia.
Não que desconhecer pertenda Nero
Pela immensa grandeza, que o circunda,
A Reis taes como tu quanto he devido:
Não, Roma não ignora até que ponto
Entre os nomes por armas celebrados
A sonora fama o teo altéa;
Antes bem engolfada em mar de gloria
De louros marciaes pujante sempre
Teo notorio valor respeita, e admira.
Mas sabes seo poder a quanto monta:
Foge pois de excitar sua vingança.
Alliada, ou melhor sujeita a Roma
Da sua escolha Armenia o Rei espera.
Entretanto, Senhor, os teos soldados
Já das fraldas do Caucazo partidos
Para o Phezo a forçadas marchas correm.
Nas suas margens de guerreiros cheias
Cyro faz tremolar teus estandartes.
Roma de sofrer tanto já se cança.
A tanta audacia os Reis não acostuma.
Se em desfalque talvez dos seus direitos
A teu progresso não ergueo barreiras,
Se a Média, se Tigrane abandonára;
Nem por isso ceder-te Armenia tenta.
Eu te declaro pois, que não quer Cezar
Que á Araxes teos passos encaminhes.

FARASMANE.

Bem que sei desprezar fofos discursos,
Sempre a tua insolencia assás admiro.
Com que despejo, com que insana fronte
Te atreves tu, de Corbullon soldado,
Trazer á minha Côte ordens de Nero?
E desde quando se imagina elle
Que em menoscabo de minha alta gloria
Da suprema grandeza deslumbrado
A seo Embaixador tenha respeito?

Eu a quem a Victoria tantas vezes
A Roma não temer tem ensinado:
Eu que invenciveis Povos tendo em jugo,
Quem são esses Romanos tão temidos
Bem o tenho mostrado ao Mundo inteiro?
Que os Parthos tremer faço, aquelles mesmos
Que terror dos Romanos se reputão?
Por ventura este Povo triunfante
Já vio entre baldoens, entre improperios
Minhas Imagens preceder aos carros?
Ao contrario a vergonha, que esparzirão
Sobre o lustre das suas minhas armas,
Do indigno fausto do orgulhoso cóbre
Deixou aos Reis vencidos bem vingados...
Mas da tua missão qual é o objecto?
He guerra em fim, que Nero me declara?
Que não se engane: a pompa destes sitios
Nada tem, bem o vês, que dê nos olhos.
Palacio, Cortezaons, o Reino, o Povo,
Tudo respira aqui fausto selvagem.
Madrasta a Natureza neste clima
Em vês d'ouro produz ferro, e soldados.
D'asperezas erriçado nada encerra
Seo seio, que a avarenta Roma excite...
Interromper porém os meos projectos
Ella querendo pôde!... e se he que pode,
Se tudo tão bem sabe como eu mesmo,
Porque não tem exercitos em marcha?
Essas soberbas Legioens que fazem?
Esses famosos, inclitos Guerreiros
Por seos Embaixadores só combatem?
Com a espada na mão, com ferro, e fogo,
E não por vãos, por frigidis discursos
He que convem tolher-me o passo á Armenia:
Muito mais quando vou abrir caminho
Até desafiar Corbullan mesmo
Se for mister do Eufrates sobre as margens.

HIERÃO.

Inda que Roma a nossas Leis attenta
Do nosso Rei a escolha te cometta,
Não esperes, Senhor, que Armenia queira
A sabor de teos votos explicar-se:
D'huma parte os Romanos, d'outra os Parthos
Por ciumes sem fim aguilhoados
Contra nós bem de pressa se armarião.
Occupada em chorar sua miseria
Armenia quer hum Rei, que de Pai sirva.
Nossos Povos afflictos, desolados
Das doçuras da paz carecem muito;
E paz sendo tu Rei jámais teremos.
Tens virtudes, tens boas qualidades,
Mas a tua ambição faz-te suspeito.
Rei queremos aos Parthos indifferente,
Aos Romanos porem sujeito sempre.
Pertender a teu Sceptro submeter-nos
He menos conquistar, que destrui-nos.

FARASMANE.

Nesse discurso de pretextos cheio
Não filho da razão, mas dos Romanos,
Assás vejo o interêsse que vos move.
Pois bem, a guerra; a guerra se declare.
Cedo se saberá quem, se eu, ou Roma
Deve á Armenia dar Leis: e sem embargo
Dessas maximas falsas, destes sustos
Qual de nós tem direitos mais sagrados;
Quem ao Filho, ao Irmao succeder deve.

RHADAMISTHO.

Quem?... Tu, que a ruína lhes fizeste,
Podes herdar de quem assassinaste?

FARASMANE.

Que ouço ? na minha Côrte assim m'insultão
Assim os Reis se tratão ? Oh lá Guardas !...

HIERÃO.

Senhor , que ousas fazer ? reflecte que amboa...

FARASMANE.

Rende graças ao titulo sagrado
Com que Nero te honrou : se elle não fôra ,
A pesar mesmo d'eu perder a vida
A mais atroz sanguinolenta affronta
D'hum Ministro insolente me vingára.
Não obstante com tudo o teu character
Minha colera evita : da-te pressa ,
E a bem contar a Corbullan não tardes
Como as ordens de Nero aqui recebo.

SCENA 3.^a

RHADAMISTHO , HIERÃO.

HIERÃO.

Que fizeste , Senhor , quando devias...

RHADAMISTHO.

Que queres ? Se não pude constranger-me ?
Quanto mais além disso o Rei azédo ,
Tanto melhor os meos projectos cumpro.
Por este rompimento empenho a Roma
Para dar aos meos fins todo o remate,
A Iberia revoltar resta somente :

Resta ajuntar hum numeroso bando,
Que ao Monarcha orgulhoso embargue os passos.
Os seos vassallos a seo jugo indoceis,
De prolongadas guerras já cançados,
Juro, que todos são seos inimigos.
Exasperemos mais o seo desgosto,
E meo Irmão na empresa interesseemos.
Seguro meio de illudi-lo tenho.
Hum tal Pai, hum tal Rei, hum tal Tyranno
Sangue merece ao delle parecido.





ACTO III.

SCENA 1.ª

RHADAMISTHO só.

Meo Irmão em segredo quer fallar-me !
Deoses ! serei por elle conhecido !
Qual será seo designio ?... não importa ;
Hei-de fallar-lhe : como que presinto
Para a minha vingança fausto agouro !
Da injustiça do Pai talvez cançado
A trahir seos deveres se resolva !
Vem gente... he elle... miserando Joven !
Não he sómente a mim que o Rei molesta.

SCENA 2.ª

RHADAMISTHO , ARSAME.

ARSAME.

A julgar pela colera , que ostenta
Em seos olhos o Rei , d'aquí se parte

Dos Romanos bem pouco satisfeito.
Com elle, cujo orgulho assás conheço,
Menos inda os Romanos estar podem.
Sem embargo porém destas diferenças
Tua alta dignidade respeitando
Como amigo, Senhor, fallar-te posso ?
E esperar devo, que me escute Roma
Sem confundir jámais o Rei c'o filho ?

RHADAMISTHO.

Posto que o meo respeito violará,
Podes tudo esperar não só de Roma
Mas das tuas virtudes: não he hoje
Que em respeita-la concordamos todos.

ARSAME.

Ah Senhor! quanto vai ser-te suspeita !
Por este mesmo encontro quanto temo
D'huma vez destruir todo o conceito?
Nem apesar dos males, que me cercão,
Da poderosa causa, que me obriga,
Deixo de conhecer-me assás culpado:
E os remorsos mostrar, que me lacerão,
He trahir a virtude com mais pompa.
Declarada entre nós e Roma a Guerra
Sei que ver-te não passo, nem fallar-te,
Sem faltar a meo Pai, e a meos deveres.
Conheço-o, e para mais desmandamento
Venho a tua piedade supplicar-te.
Des-amorado Pai cioso sempre
De qualquer dita minha he quem me força
A procurar sómente em ti recurso.
Não que eu queira pintando Farasmame
Sobre seos dias derramar veneno:
Ao menos deste horror me justifico,
Quando aliás o mais tudo me condemna.
Por mais duro que seja e rigoroso,
Por mais que em aggravar-me se desvelo

Não, para mim não he menos sagrado.
A Natureza nelle, he bem verdade,
Que inimigos e filhos não estrema.
Não sou eu só do seo rigor o objecto.
Tive hum Irmão illustre, generoso,
Digno por seo valor de melhor sorte!
(Oh! quanto inda lamento o seo destino!)
Elle quasi do berço o proscrevêra,
E no peito por fim lhe enterra a espada.
Dos fados deste heroe participando
Talvez o mesmo golpe hoje m'espere;
E com mais causa, pois sou mais culpado.
Mas não he este o mal, que mais me fêre:
A morte nada tem, que me intimide:
Bem diverso cuidado a ti me guia.

RHADAMISTHO.

Seja o que fôr, com toda a liberdade
Certo de auxilio confiar-me podes.
Contra o barbaro Pai mais indignado
Ainda do que tu, só ao seo nome
Recrescer minha colera presinto.
Pelas tuas virtudes attrahido,
Entregue todo a ti, nos teos desastres
Inda sem os saber já tómo parte.
Hum pouco tua mágoa serenáras,
Se souberas por ti quanto m'int'resso.
Principe, falla: contra hum Pai tyranno
Queres armar todo o Romano Imperio?
Descança, que d'acôrdo hoje comtigo,
Comtigo huma respiro só vingança.
Se chamar Corbullon te he necessario
Por testemunhas tómo os Deoses todos
Em como os votos teos serão enchidos,
Bem que só para ti se ganhe Armenia.

ARSAME.

Que me propoens, Senhor? que pensamentos?

Que mal entrae no fundo da minha alma ?
Quem ? eu ? trahir meo Pai... trahir a Patria ?
Os Romanos chamar da Iberia ao seio ?
Se perfidia tão negra he necessaria ,
Já de mim nada tem que espere Roma.
Huma vez que me digas , que he preciso
Comprar hum benefício por hum crime ,
Nada quero , Senhor ; então bem posso
Para infelizes tentar outro apoio.
Confesso , que ao ouvir grandezas tantas ,
No seo lustre attentando , julguei Roma
Util aos homens como os mesmos Deoses ;
E que para alcançar nobre soccorro
A razão de infeliz bastava apenas.
Nem desta opinião me tiro ainda.
No presuposto , que ella he qual penso ,
Sofre pois , que de Roma auxilio implore.
Por huma escrava a nossas Leis sujeita
He que ousa minha voz enternecer-te :
Huma escrava infeliz , mas adoravel ,
Por seos encantos digna de outros fados ,
E pelos dotes seos , suas virtudes
A julgar de quem he , de certo he ella
Do mais illustre sangue descendente.
Por ella empenhar Roma he quanto basta
Para do quanto vale dar-te idea.
Ella sem testemunhas quer fallar-te :
Dos teos desvelos ninguem ha mais digno,
Da paixão mais funesta incendiado
Arrebatat-me anhela Farasmane
Este unico thesouro , que me resta ;
Unico , donde me brotava a gloria ,
Unico , pelo qual me atreveria
A disputar c'hum Pai como me atrevo.
Não que eu queira tambem , por confiar-me
No soccorro , que espero , ativo e ufano
D'entre os braços d'hum Pai arrebatat-la ;
Que inda , quando a cedesse de bom grado ,
Minha sorte não era mais ditosa ,
Nada mais levo em vista , que ter longe

Este objecto, que adoro, sem esperança
D'algun dia tornar a pôr-lhe os olhos.

RHADAMISTHO.

Sem armas, sem soldados, neste sitio
Offrecer-te hum asilo he quanto posso.

ARSAME.

E tudo quanto quero: sou contente.
Para a sua partida vou dar ordens.
Consultando o que dentro em mim se passa
Já com menos pesar Ismenia perco.
Para ser esta perda menos dura
Basta lembrar-me só a quem a entrego.
Oh! se eu podéra á custa dos meos dias
A tamanho favor mostrar-me grato!...
Mas nesta, em que me vês, desgraça extrema
A não ser este mesmo beneficio
Nada tenho, que possa offerecer-te.

RHADAMISTHO.

Eu não pertendo galardão mais doce:
Se he indigno de ti, de mim he digno.
Caro Principe, dá-me que desde hoje
Não como Amigo, como Irmão te trate.
Que tenhas hum tal Pai quanto me custa!
Mas porque temer tanto as suas iras?
Porque deixar o objecto, que idolatras?
A tua, e sua sorte me confia,
Ambos comigo descançados vinde.
De tantos infortunios commovido
Deixar não posso sem remorso eterno
Ao furor de seo Rei Arsame entregue...
Este Conselho, Principe, desprezas?
Mas se bem conhecesses quem t'o dava...

ARSAME.

Dá-me, Senhor, conselhos mais honrosos,
Do meo dever, e de nós ambos dignos.
O Rei ámanham parte para a Armenia.
Penhámos em roubar-lhe Ismenia o fito.
Neste instante meo Pai póde afasta-la.
A desditosa só em ti descança,
E cheia do conceito, que lhe deves
Ver-te, e fallar-te ardentemente anhe-la.
Adeos, Senhor, que perturbar não quero
Segredos, que a ti só quer declarados.

SCENA 3.ª

RHADAMISTHO só.

RHADAMISTHO.

Assim contra teo sangue te rebellas
Desamorado Pai, cruel, injusto!
Ah! teme que esse sangue tantas vezes,
Tantas vezes por ti aos pés calcado,
Enraivecido da fatal origem
Finalmente algum dia se revolte!
No coração d'Arsame introduzido
Já seo fatal veneno amor derrama;
E apesar do respeito deste filho
Por ventura ha rivaes que amigos sejam?
Não, coração não ha tão virtuoso,
Que hum amor infeliz não leve ao crime...
Mas em vão contra o Rei pertendo arma-lo:
Meo Irmão para o crime não nascêra,
Este destino a mim sómente quadra.
Barbaro, de tal filho eras tu digno!
Parece, que se mais ferino o tratas,
Mais o seo zelo novas posses cobra.

Nada póde abalar sua firmeza,
Seo dever, sua fé, sua humildade...
Que exemplo para mim! Deoses sagrados!
E que? tantas virtudes juntar nelle
Foi para ser eu só do Pai a imagem?
Que pertende o furor, que me deslumbra?
D'hum filho seduzir a sam virtude?
Por imita-la forcejemos antes:
Da Natureza a sacra voz ouçamos:
Basta já de a abafar.. porém, que digo?
Só eu, e não hum Pai deve escuta-la!
Crueis Pais! porque o Ceo vos deo direitos,
Que os filhos nenhuns tem julgaes acaso?
Acaso o dever nosso he mais sagrado?
Escuto passos... he Hierão que chega.

SCENA 4.^a

RHADAMISTHO, HIERÃO.

RHADAMISTHO.

Lá vai toda a esperança, caro amigo,
Baldados meos projectos forão todos.
Perseguido, infeliz, inda assim mesmo,
Quasi sem se queixar Arsame sofre
Ao fogo, que o devora, pôr-se atalho.
E se com elle amor nada acabára,
Amor, que tudo pode, que nos resta?
Que temos que esperar? perdeo-se tudo.
Quanto o seo coração do meo differe!
Na Iberia a sedição já não entranho.
Bem cedo para a Armenia o Rei se passa.
Voemos nós primeiro, e concluamos
Os horrores, que a sorte nos reserva.
Mal que Ismenia chegar corramos logo:
Sabes, que para o Rei he destinada?

HIERÃO.

Que, Senhor! com Ismenia? e reflectiste?...

RHADAMISTHO.

Ella pode servir a meos projectos.
Seo sangue dizem ser de Roma alliado :
Já por este motivo ella me he cara ,
Bem que eu pudesse o supplicado auxilio
A meo Irmão negar; por outra parte
Para a levar comigo não bastava
Ver meo barbaro Pai arder por ella ?
Olho-a como hum penhor : aqui a espero ;
Digna-te espreitar bem os sitios todos ,
Por onde dar com nosco alguém se atreva.
Adeos, eu julgo vê-la, tem cuidado ;
Hum momento com ella só me deixa.

SCENA 5.ª

RHADAMISTHO, ZENOBIA.

ZENOBIA.

Huma infeliz, Senhor, que a negra sorte
Ao jugo d'hum tyranno sujeitára,
Entre a vergonha dos pesados ferros
Pode exalçar a voz, pedir soccorro
Aos generosos, inclitos Romanos,
Magnanimos Senhores do Universo?
Ou he delirio em mim querer, que Roma
Com as minhas desgraças se intrometta !
O Ceo, que tudo a suas Leis sujeita...

RHADAMISTHO.

Que vejo ! que feiçoens ! que voz tão propria !
Deoses ! que me mostraes ? que objecto he este ?

ZENOBIA.

Perturbas-te, Senhor! o meo aspecto !...

Rhadamistho.

Se o meo braço da vida a não privára !...

ZENOBIA.

Que escuto ! que he tambem o que eu diviso !
Oh lembrança fatal ! eu tremo , eu tremo...
Onde estou ! com quem fallo ! ... eu desfaleço !...
Ah Senhor ! por quem és dissipa as nuvens
Da minha turbacão , do meo espanto.
Todo o meo sangue se gelou nas veias.

RHADAMISTHO.

Não posso duvidar : he ella , he ella ,
Diz-me que he ella o coração aos pulos.
Minha mão perpetrou só meio crime.
Victima d'hum cruel , d'hum revoltoso ,
Oh triste objecto da paixão mais louca ,
Porém barbara , atroz , desesperada ,
Depois de tanto horror és tu , Zenobia ?

ZENOBIA.

Zenobia ! oh Ceos ! ... cruel mas caro Esposo.
Depois d'huma torrente de desgraças
Finalmente te vejo ! .. és Rhadamistho ?

RHADAMISTHO.

Sim, souesse cruel, esse ferino,
Deshumano, traidor, esse nefario
Esposo matador : ao Ceo prouvera
Que delle, e de seos crimes te esquecesses !
Deoses, que m'a entregaes, por que impiedade

Lhe não tornaes o Esposo digno della?
Como ferido o Ceo dos meos pesares
Me permite inda ver perfeições tantas! ...
E de meo Pai na Côrte, entre cadeias,
Miserrimo de mim! venho encontra-la!
A' desgraçada serie de meos erros
Faltava inda este anel; faltava inda
Para mais me infamar este ferrete?
Oh esposa adoravel! oh Zenobia!
Da desesperação victima cara!
Quanto tudo o que vês, o que te cerca,
Só a mais me culpar concorre tudo?...
Mas que vejo! tu lagrimas derramas?

ZENOBIA.

E como não, neste fatal momento!
Ah! se o teu inimigo, cego braço
Só remetteste de Zenobia aos dias!
A teu aspecto o coração sereno
Fôra a dita maior tornar a ver-te;
E gloriando-se amor do teu ciúme
Com que extremo de gosto te abraçara! ...
Não creas entretanto, que com mágoa,
Ou com inimizade possa ver-te.

RHADAMISTHO.

Deoses! longe de arguir-me, de increpar-me,
He ella quem aborrecer-me teme!
He quem seos sentimentos justifica!
Ah Zenobia, a mim só castigo cumpre.
Por piedade me pune, eu t'ó supplico.
Tua bondade aqui se me perdoa,
He funesta bondade, he rasgo, he lance
Dos desatinos meos proprio sómente.
Não, doce Amor, não poupes o meu sangue:
Não me consintas mais de ver-te a gloria.*
Debruçado a teos pés o obtesto, o imploro;

* Lança-se de joelhos.

E se releva recordar flagícios,
Trazê á memoria, á custa de que sangue
Horrendamente teo me fiz esposo.
Tudo, tudo, e amor mesmo me condemna.
Deixar o crime em paz não he virtude,
He antes ser do crime companheiro.
Fere... rasga... atormenta.. porém sabe
Que do meo coração jámais sahiste;
Que se a agudeza d'hum tenaz remorso
Da innocencia fazer podesse as vezes,
Nem odio te excitava, nem vingança:
Que apesar do rancor, que deves ter-me,
O meo maior furor foi o de amar-te.

ZENOBIA.

Levanta-te: o perdão te hei dado ha muito.
A que fim tanta angustia, pesar tanto!
O poder de punir a reos tão caros
Aos Deoses, não a nós, só he devido.
Nomeia o clima em que viver desejas,
Eis n'hum momento a acompanhar-te prestes;
Bem descansada de que os teos remorsos
Não da desgraça, da virtude nascem.
Feliz se a submissão, se o meo respeito
Servir podesse d'exemplar á Armenia!
Se ao teo poder como eu se sujeitasse,
Ou seo dever ao menos aprendesse!

RHADAMISTHO.

Oh Deoses immortaes! como he possível
Que sacrosantos laços amalgamem
Com crimes a montões virtudes tantas!
Que á sorte d'hum furioso Hymineo ligue,
O que nascer fizeste mais perfeito!
Que! Zenobia, tornar a ver-me podes
Sem que a morte d'hum pai, minhas cruezas,
O amor de meo Irmão, Principe illustre,

Amante tão gentil , tão primoroso
Te fação desquerer-me , detestar-me !
E posso lisongear-me , por ventura ,
Que insensível á chamma , que o devora ,
De tão nobre mortal renúes aos votos !
Que digo ? Por ditoso já me dera
Se no teu coração , amor não digo ,
Teu dever por mim fosse , e me valesse.

ZENOBIA.

Arranca d'alma horrificas suspeitas ,
Ciume infamador me occulta ao menos.
Pondera bem quem he , que te perdôa ,
E vê , se a suspeitar della te atreves.

RHADAMISTHO.

Perdoa , cara Esposa , o cego extremo
Do meu funesto amor , dos meus delirios.
Quanto mais louco , quanto mais indigno
Teu esposo he de ti , menos te debes
Aggravar de seo impio , audaz espanto.
A mão , o coração a dar-me torna ,
E para a Armenia vem comigo , oh cara.
Cezar fez-me seo Rei : d'hoje em diante
Ver-me-has , Zenobia , á força de virtudes
Da minha alma raspar os crimes todos.
Temos aqui Hierão , fiel vassallo :
A seo zêlo a fugida encommendemos.
Logo que a Noite desdobrar as sombras
Procura-me , que certo aqui me encontras.
Vem ; sim ; e já que aprouve ao Ceo unir-mos ,
Por nociva demora não queiramos ,
Que hum barbaro inimigo nos separe.
Deoses , que aos votos meos a restituistes ,
Mettei-me agora hum coração no peito ,
Obra digna de vós , e digna della.



ACTO IV.

SCENA 1.ª

ZENOBIA, e FENICE.

FENICE.

Não me fujas, Senhora : que ! não posso
Saber de tantas lagrimas a causa !
Depois de me fiar tantos segredos
Declarar-te comigo inda receias ?
Arsame vai morrer : por elle choras,
Choras a sua miseravel sorte !
Elle parte, e pensando que o desamas,
Da Iberia desterrado, infeliz Joven ,
Vai em Colchos chorar de Ismenia a perda.

ZENOBIA.

Em vez de te apontar a feia causa
De meo padecimento criminoso
Quem me dera, Fenice, deste crime

A vergonha delir n'hum mar de pranto !
Deixa-me só : não mais ouvir-te quero.
Aqui vem ter o Embaixador de Roma.

SCENA 2.^a

ZENOBIA SÓ.

ZENOBIA.

Aonde vou ! qual he minha esperança !
Para onde m'arrasta hum dever cego !
Desattentada , á noite me anticipo ;
E por quem ? por hum barbaro , hum perjuro ,
Que no meo coração até ousára
As vozes proscrever da natureza !
Acaso me esqueceo de que seo braço
A duros golpes de assassino ferro
Tantos Meos fez cabir ! ... Porem que digo !
D'illegitimo incendio requeimada
Tenho virtude para achar-lhe crimes ?
Ah ! se impura affeição me não mordesse
Seria para mim tão criminoso !
Eia , apaguemos vergonhosas chammas :
Na minha alma reinar só deve o Esposo :
Barbaro tal qual he , he dom dos Deoses ,
E não me he dado a mim acha-lo odioso ,
Nem , sem embargo de defeitos tantos ,
Deixar de enternecer-me ao vê-lo pude.
Hymineo adoravel , quanto podes
Em corações , que o vicio não inquina !
Vem gente ... Céos ! que objecto se me offerece ! ...

SCENA 3.^a

ZENOBIA, ARSAME.

ARSAME.

Como assim! tórno a ver-te! és tu, Senhora!
Que Deos contigo os meos desejos brinda!

ZENOBIA.

Foge, Senhor, que a vida tua arriskas.

ARSAME.

Corte-lhe o cruel Pai embora o fio:
Perdendo a cara Ismenia, que proveitos,
Que encantos tem para importar-me a vida!
De males submettido ao carregume
Não rogo aos Deoses mais, que a triste gloria
De exhalar a teos pés o extremo alento.
De perder o que adoro tão sentido,
Como se ao meo amor correspondêras,
Quero, quero morrer: ... porem que vejo!
No teo divino rosto o pranto róla!
Acaso á minha dor serás sensivel!
Que mais terá com que assombrar-me a sorte!...

ZENOBIA.

Senhor, em vez de mais te apaixonares,
Tem antes compaixão de meos tormentos.
Bem vês minha afflicção, meo triste estado.
Foge, não mais a minha dor irrites.
Rival tens, mas rival o mais temivel:
Se elle neste lugar comnosco dêsse,
Eu de dor morreria. Adeos, Arsame:

Se meos rogos contigo tem imperio
Em vez de acreditar os teos transportes...

ARSAME.

Quem he esse rival tão formidavel?
Ha outro afóra o Rei que eu temer deva?

ZENOBIA.

Sem querer o mysterio decifrar-te,
Não he bastante, que teo Pai o seja?
Foge, Principe, foge... assim t'ó pedem
Estas afflictas lagrimas, que espraio.
Satisfeito de ver-me enternecida,
Ver-me sensivel ás desgraças tuas,
Foge depressa, generoso Arsame.

ARSAME.

Hum amigo infiel trahir-me-hia!
Deoses! que turbação m'abafa o peito?
Sempre rivaes sem nunca ser amado!
Em vão, Ismenia, em vão queres, que eu fuja;
Não posso, bem que a vida aqui exhale.
Por outrem correr lagrimas diviso!
Quem he esse rival, rival tão forte?
Deslinda-me, Senhora, deste enleio,
D'onde vem, que em Palacio torno a ver-te?
O que implorei soccorro foi negado!
Faltou á fé o perfido Romano!
Ah! digna-te rasgar tantos negrúmes,
Falla com liberdade, não receies
Cançar minha constancia: por que causa
Não romperás tão barbaro silencio?
Não já se nega amor, tambem piedade!
Tudo, oh Ceos! contra mim aqui he tudo!

ZENOBIA.

Pois bem, Senhor, satisfazer-te devo:
Devo-te a confissão, que vai pasmar-te.
O contrario seria abusar muito
Da funesta paixão, que te deslumbra,
E mal corresponder aos teos desvelos.
A sorte já dispoz da mão de Ismenia.

ARSAME.

Justo Ceo! Que fatal sentença escuto!

ZENOBIA.

E o esposo com quem o Ceo me liga
He esse mesmo Embaixador Romano,
A quem por mim rogaste apoio, amparo.

ARSAME.

Fosse elle Cezar... ao furor em que ardo...

ZENOBIA.

Serena tantas furias, por mais tempo
A' tua inimizade o não exponho.
Menos digno de raiva, que piedade
He rival, que sensível ha-de achar-te.
Por doçissimo laço a ti ligado,
Ligado por... enfim, he Rhadamistho.

ARSAME.

Meo Irmão! hei-de crê-lo!

ZENOBIA.

E meo Esposo,

ARSAME.

Tu, Zenobia! e prendeo logo em minha alma
Tão atrevido, criminoso fogo!
Depois do que experimento, ha quem se atreva
Por innocente apregoar-se ainda!
Senhora, que segredo me revelas!
Da mais terna paixão este era o premio?

ZENOBIA.

Em quanto pude, resisti constante:
Mas pois que já fallei, o meo character,
Minha virtude respeitar-te cumpre.
O que devas fazer, meo nome o ensina.
Escapou-me o segredo, amor se cale.
De seo dever meo coração zeloso...
Vem gente... Senhor, foge, he meo Esposo.

SCENA 4.^a

Rhadamistho, Zenobia, Arsame, e Hierão.

RHADAMISTHO (*á parte*)

Que vejo! meo Irmão!... Hierão não tardo
Em teos passos seguir, vai, lá m'espera.
Que horrivel turbação! quanto me custa!...
Senhora, tudo he pronto, o veg da noite
Bem cedo abafará a luz, que resta.

ZENOBIA.

Toda entregue a ti só, nada me estorva.
Sejão quaes forem os remotos climas,
De meo destino, tu, Senhor supremo,
Não tens mais que ordenar, eu já te sigo.

RHADAMISTHO (á parte)

(Ah perfida! ah cruel!) Príncipe em Colchide
Já agora te suppunha; não sei como
Das íras de teu Pai tão inteirado...
Mas quem Ismenia para sempre deixa,
Da existencia o prazer em que avalia! ...
E nos doces momentos a par della
A colera de hum Pai lembrar não pode.

ARSAME.

Quando amor ao dever immolar cumpre,
Não se assusta co' p'riego hum peito honrado.
Esses doces momentos, que me exprobras,
Custão bem caro ao coração, que amára.
Não mais fallar d'amor, bem vejo, he tempo.
Mas antes que de ti me aparte a noite,
Permitte-me, Senhor, de ti me queixe.
A quem devo imputar esse discurso,
Discurso aterrador, que m'embraçára!
Da assombrosa mudança quem he causa?
Fallava assim tua amizade ha pouco?
O rival, que inflexivel me apresentão,
Não he dos meos rivaes o mais terrivel.
Sem embargo da colera, que o queima,
Ha quem mais para mim cruel se mostre.
Estas palavras cobrem-te de assombro?
Não, Senhor, de fingir já não he tempo:
Dentro em meo coração a Natureza
Não póde, mais não póde constranger-se.
Assim dentro no teu bradasse ella!
Debaixo de cruel, duro mysterio
Roubada me não fôra então a gloria
De abraçar meu Irmão, de conhece-lo.
Ah! não me esquives tão suave amplexo.
Em tão doces momentos que te aneia?
Menos severo, volve-me o teu rosto.
Com injusto furor não mais me trates.

He verdade, que ardi por seos encantos,
Mas que a não conhecia he tambem certo.

RHADAMISTHO.

Deoses, que escuto! Que! Zenobia pôde
O segredo fiar-te de meos dias!
Este segredo por si mesmo inculca
Qual he de o confessar alta importancia;
D'elle todo o valor tu bem conheces:
Incapaz de perfidia te contemplo,
Com tudo que o rompessem não approvo,
E menos inda sem licença minha.
Assim como eu calei, tambem calasse.
Se eu te quizera dissipar as sombras,
Minha ternura ha muito o houvera feito.
Não guardar como se o meo segredo
Jámais pôde deixar de ser hum crime.
Toda a tua virtude assás conheço,
Mas nem por isso de crueis suspeitas
Deixa o meo coração de ser rasgado.

ARSAME.

Que? o negro furor do teu ciume
Traspassa tanto as raiaes do decôro;
Remonta a tanto extremo, que a Zenobia...

ZENOBIA.

Deixa livres, Senhor, voar suspeitas
Só de seo coração productos dignos.
Inda bem não conheces meo Esposo,
Nem de sua alma os turbidos transportes.
Com tudo, pois que tanto assim me ultrajas,
Cumpre que me respondas, Rhadamistho.
Que tens que me exprobrar, de que te queixas?
Do amor de teu Irmão? Ah indiscreto!
Ainda quando a seo amor extremo
Meo grato coração rendido houvera,

O brado universal da tua morte
Tantas e tantas vezes confirmado
A meo arbitrio a escolha não deixava?
Que te valião os fataes direitos
D'hum Hymineu firmado, e logo extincto?
Ousa a campo trazer, se podes tanto,
Aquelle negro, temeroso dia;
Em que por premio do meo vivo affecto
Todo o meo sangue se escôou por terra.
Pinta bem na memoria a dura sorte
Da minha, q'infeliz! familia toda.
Pensa no sangue, no precioso sangue,
Que o teo ferro mortifero esparzira;
E mostra-me depois sobre que base
Dever-te amor, dever-te fé pertendes?
De teo Irmão sensivel ás desgraças
O mysterio da tua e minha sorte
Assim he que trahi, se he que pôde *
Traição isto chamar-se: porém sabe
Que a tua gloria só foi todo o objecto.
Quiz de seos votos riscar toda a esp'rança;
Quiz no seo coração qualquer faísca
D'hum offensivo amor ver apagada.
E enfim, pois que tua alma de bom grado
Quer n'hum mar de suspeitas engolfar-se,
Importa, que conheças bem aquella,
Contra quem as concebes: por hum rasgo.
Quem sou por hum só rasgo von mostrar-te:
Do meo fado depois senhor te deixo.
Teo Irmão, não o nego, foi-me caro,
Nem de justificar-me tômo a empresa:
Mas este íntimo affecto tão merecido,
Que o Principe até agora ignorou sempre,
A não serem teos barbaros ciumes
Ainda hoje tambem ignoraria. (*para Arsame.*)
Principe, confessei: nada mais digo.
Qual he meo coração assás conheces,

* Não consente não só a pronuncia theatral, mas a ordinaria fazer-se sinalefa nestas vogaes.

Para crêr, que Amor nelle tenha imperio.
He vivo o meo Esposo, a chamma expira.
Cessa pois de prestar a amor ouvidos:
E de meos olhos sobre tudo foge.
Quanto a ti; mal que a Noite o véo desdobre,
Aqui nas tuas mãos venho entregar-me.
O furor de teos zelos bem me he claro,
Mas para respeitar o meo Esposo,
Para teme-lo tenho assás virtude. (*Sahe*)

RHADAMISTHO.

Ah! Que barbaro sou! meo cego zelo
Deslustra ao mesmo tempo o Irmão, a Esposa!
Adeos, Principe: eu côrro envergonhado
A seos pés expiar o meo delicto.

SCENA 5.ª

ARSAME só.

ARSAME

Perdi-te finalmente, hes-me roubada
Idolo encantador, Zenobia amavel!
Amor, cruel Amor, para acertares
Da extrema desventura o extremo lanço
No meo sangue escolher rivaes cumpria!
Ah! fujamos d'aqui... que quer Mitrane!

SCENA 6.ª

Arsame, Mitrane, Guardas.

MITRANE.

He bem a meo pesar, porém não posso

Deixar de obedecer: Senhor, perdôa.
Farasmane, que em vão por abrandá-lo...

ARSAME.

Farasmane! pois bem; que he o que pertende?

MITRANE.

Que de ti me segure, eia permite...

ARSAME.

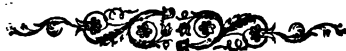
Entendo; mas qual pôde ser meo crime?

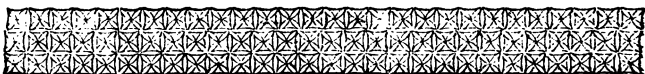
MITTANE.

Senhor, qual seja a causa não alcanço,
Mas pelos dias teos receio muito.
Os transportes do Rei terror fulminão:
Jámais o vi em colera tão cego.
Espumando de raiva, inquieto, ardente,
Debate-se, e teo nome proferindo
Contigo ameaça o Embaixador de Roma.
De secretos conloios vos accusão.

ARSAME.

Basta, Mitrane; saber mais não quero.
Destino! ás tuas leis meo sêr entrego:
Mas salva meo Irmão, Zenobia salva.





ACTO V.

SCENA 1.ª

Farasmane, Hidaspe, Guardas.

FARASMANE.

Então, Hidaspe, he certo que meo filho
Co' meo contrario intelligencias trava!
Arsame outr'ora tão amavel filho,
Tão leal, tão submisso, tão honrado
Fez-se agora traidor, fez-se rebelde!
Aquelle em cujas mãos toda a esperança
De Roma assoberbar fundamentava,
Póde arrojarse a tão iniqua audacia?
Perfido! Ismenia amar não te bastava!
Ousas inda trahir teo Pai, e Patria!
A meo amor a hum tempo, e á minha Gloria
Barreiras levantar assim te atreves?
Teo infeliz Irmão por menos crimes...
Mas ah! debalde, Roma, sim debalde,
Hum temerario Principe seduzes.
De meos projectos não m'arrédo hum ponto.
Desaffincar-me, só vencido ou morto.
Hum inimigo mais não me faz mossa.
He de mais huma victima, que offereces.

Basta só que por ti se interésse o filho.
He filho! ... quando trato de vingar-me,
Roma audaz, para mim tudo he Romano...
Pergunto, qual de Hierão foi a resposta?
Explicaste-lhe bem os meos intentos,
E o muito, que de mim esperar pode,
Se na Armenia apoiar quizer meos planos?

HIDASPE.

Ou queira de primor fazer alardo,
Ou vender seos serviços por mais preço,
Hierão só mostra hum peito incorruptivel.
A's mais altas offertas sobranceiro
Por induzi-lo a bem do teu serviço
Bem metti, mas debalde, as posses todas.

FARASMANE.

Pois embora; não mais em paz se falle:
Esmague-me da guerra embora o peso,
Hei-de a guerra levar de Roma ao seio.
Hei-de desta infecção limpar a terra.
Romanos! oh que Povo detestavel!
De seo Embaixador sómente ao nome
Horror e mais horror me tolhe as veias.
Para mim seo aspecto foi hum raio.
Só elle foi quem seduzio Arsame.
Ambos no mesmo dia aqui chegados...
Traidor! he de sobejo... que appareça,
Que appareça a meos olhos, porém vendo...

SCENA 2.^a

Farasmane, Arsame, Hidaspe, Mitrane, e Guardas.

FARASMANE.

Filho perfido, ingrato, indigno filho,

Parricida talvez no teu dezejo,
Dize, escravo de Nero, que meditas?
Tragão-me aqui o Embaixador Romano.
Sim traidor, hade ser diante d'elle;
Diante d'elle confundir-te quero;
Quero ao menos saber o que respondes:
Quero ver com que rosto a testemunha
A sustentar te atreves da perfidia,
Que a minha vigilancia atalhar soube;
E veremos tambem se o teu cobarde,
Teu fraco seductor, sua firmeza
Té ao supplicio sustentar se arroja.
Teu zelo, tua fé não mais me gabes.

ARSAME.

Ella para o meu Rei he sempre firme.

FARASMANE.

Para o crêr, filho indigno, he-me preciso
Perder dos teus projectos a memoria.
Deoses, que conheceis todo o meu odio,
Vós, dar-me hum filho amigo dos Romanos!

ARSAME.

Todos esses queixumes affrontosos
Com que, Senhor, acabrunhar-me queres,
O teu filho não tornão mais culpado.
A que fim ultrajar-me tanto e tanto!
Se a morte te mereço dá-me a morte.
Ver-me humilhado supplicar-te a vida
Pelo baixo receio de perde-la,
Jámais conseguirás; debalde o esperas.
E quem a minha morte só procura
Hade por hum rival enternecer-se?
Lá no teu tribunal justa ou injusta
Qualquer suspeita he logo hum grande crime.

Suspeitares de alguém he proscreve-lo.
Teo coração emfim jámais perdôa.
Da furia dos teos zelos quem se livra?
Tú sempre sem me ouvir me condemnaste.

FARASMANE.

E que dirias em defesa tua?

ARSAME.

O que da minha fé suppor devias:
Que o filho de que tanto mal suspeitas,
Para trahir a Patria lá de longe
Procurar-te não veio á Iberia mesmo.

FARASMANE.

D'onde vem pois tanto fallar occulto,
Se he verdade que nada premeditas?
Quando hum odio immórtal consagro a Roma,
He ser bom filho, he ser fiel vassallo
Com seo Embaixador ferir concertos?
Para vingar-me, para bem puni-lo
Da affronta que me fez, he que meo filho
Correspondencia quer travar com elle?
Por quanto ao inimigo, que me offende,
Por dous motivos só fallar podia:
Ou vingar-me, ou trahir minha vingança.
Hum destes dous motivos te impellira;
Qual delles fôra decidir pertendo:
Decifra-me este ponto, que eu te escuto.

ARSAME.

Senhor, nada mais tenho, que dizer-te:
He segredo, não posso revela-lo:
Prohibe-me fallar sagrado interêsse.

SCENA 3.ª

Parasmane, Arsame, Mitrane, Hidaspe, Guardas.

HIDASPE.

D'Armenia, e Roma eis dous Embaixadores...

FARASMANE.

Aonde estão? Que dizes, que fizerão?

HIDASPE.

Deste Palacio agora Iamenia roubão.

FARASMANE.

Que insolente traição! que esulto, oh Deoses!
Formem-se todos os dispersos Guardas,
Corramos, d'aqui já, todos me sigão.
Não esperes, traidor, sobreviver-lhe.

HIDASPE.

Por diversos caminhos já teos Guardas
Por toda a parte cercão os Romanos.

FARASMANE.

E que não possas tu, soberba Roma,
Testemunha occular de seu supplicio
Aqui mesmo colher de meos furores
As condignas, e horridas primicias!

ARSAME.

Não te deixo, Senhor, inda que eu morra.

Ouve, espera, que eu vou descobrir tudo.
A quem vas perseguir não he Romano.
Bem longe de que a sua origem deva
A' tua justa colera entrega-lo,
Do mais illustre sangue elle descende,
E sangue nesta Côrte respeitado,
Tu mesmo sua morte carpirias.
O Roubador de Ismenia he seo Esposo,
He... porém nada mais posso dizer-te:

FARASMANE.

E cuidas, impostor, com vis rodeios
Do meo furor interromper a fuga!

ARSAME.

Que te acompanhe ao menos me permite:
Eu me obrigo a dar conta dessa Escrava.

FARASMANE.

Retira-te, traidor, não me repliques.
Preso, Mitrane. E tu, segue meos passos.

SCENA 4.ª

Arsame, Mitrane, Guardas.

ARSAME.

Deoses, de seos furores testemunhas,
Deixa-lo-heis a seo transporte entregue!
Por que fatal destino he necessario
Que este dia infeliz tantos horrores
Fulmine contra amor, e natureza!
Eu devia fallar; de filho o nome...

Que digo ! que importava conhece-lo ?
Este nome tão doce, tão fagueiro
Servia apenas de mais réo torná-lo.
E de que serve a mim carpi-lo tanto ?
Neste estado em que estou, que temer devo ?
Morramos, mas ao menos minha morte
A dous tão desgraçados util seja.
Caro amigo, se tens peito sensível
Neste ultimo momento a ti recorro.
Não, não te peço, que os meos dias salves :
Por elles nenhum meio empregar ousou.
Mas se souberas bem, que sangue he esse,
Que se vai derramar, talvez quizesse,
Mesmo á custa de todo o teo, salva-lo.
Acompanha-me, a tua alta piedade
Afim de o conservar venha ajudar-me.
Que? como eu estou, sem armas, sem soccorro
Teo inflexível coração assusto?...
Pois finalmente... nada mais te rogo
Que á presença do Rei meos passos guies.

MITRANE.

Eu respeito, Senhor, tua virtude :
Mas a teo Pai obedecer me cumpre.
Seduzir meo dever debalde intentas.

ARSAME.

Pois já que nada póde commover-te...
Mas que vejo ! ai de mim ! elle apparece !
Oh Deoses, de que sangue sou nascido !
Ah que meo caro irmão já não existe !
Que fizeste, Senhor, ah que fizeste !...

SCENA 5.^a

Farasmane, Arsame, Mitrane, Hidaspe, Guardas.

FARASMANE.

Vinguei a minha injúria, satisfiz-me.
A's portas do Palacio achei o Monstro.
Sua desgraça intrepido o tornava.
Já por seo audaz ferro retalhado
De mortos hum sobre outro erguido monte
Aos mais bravos dos meos tolhia o passo,
E de gélido susto enchia a todos.
Duas vezes o vi sem medo á morte
Provando afouto retomar Ismenia.
A ancia de recobrar hum bem tão caro
Duas vezes o havia aqui chamado.
Eis que enojado de despejo tanto,
Entre a chusma dos seos eu mesmo o busco.
De pavor logo amarellecem todos;
E desprezando seo valor extremo
O ferro vingador lhe corro, e entérro.
Vai, vai ve-lo de Ismenia no regaço,
Arquejando exhalar o extremo alento.
Da famosa traição, que meditaveis,
Vai a parte tomar, que te pertence.

ARSAME.

Que, Senhor, já he morto!... então que tardas!
Fere, não poupes mais teo triste filho...
Para ve-lo morrer do Pai aos golpes
He que vós, justos Deoses, m'o mostrastes!
Desfaleço... Sustenta-me, Mitrane...

FARASMANE.

Que observo! d'onde vem tamanho abalo?

D'hum cruel roubador pelo destino
Como o seo coração se toca tanto!
Se creio o que me disse; esse Romano
A quem acabo de rasgar o seio,
Era esposo d'Ismenia; como logo
Meo filho, que por ella esmorecia,
Co' a morte do rival se turba tanto?
Que mysterio estas lagrimas que o cobrem!
E eu mesmo donde vem que, a meo despeito,
Depois de repassar-me furor tanto
Me sinto em sua mágoa tomar parte!
Por que assombroso encanto já consêgue
A piedade em minha alma abrir caminho!
Que lamentosa voz dentro em mim mesmo
Perturbando em segredo os meos sentidos
Sons tão tristes, tão lugubres entoa!
D'onde vem que estremêço, e me horrorizo!
Commetti algum crime? qual he elle?
Enganei-me da victima na escolha?
Valerá tanto o sangue dos Romanos
Que sem aos Deoses fazer grave offensa
Esparzi-lo por terra ninguem possa!
Pela minha ambição sacrificadas
Quantas illustres vidas tem cahido! ...
E agora que castigo a quem me ultraja
Meo coração vingando-se desmaia?
Huma morte tão justa assim me inquieta?
Confesso, quando o sangue deste ousado
Senti golfar pela ferida aberta
Todo o meo se esfriou, horrípilei me.
Até me pareceo, que á perda sua
De repente tornando-se insensivel,
A' custa do seo sangue o meo poupára.
Do que disseste agora tremo, Arsame.
Cobra os sentidos teos, ouve-me, filho,
Desta perturbação a nuvem rasga:

ARSAME.

De que te servem já esses pesares?

Oxalá que ignorando tal mysterio,
De quem já foste Pai te esqueças sempre!

FARASMANE.

Mais me assustas: explica-te, meo filho...
Mas de que novo horror sou combatido!
Para mais redobrar a minha angustia,
Deoses, que objecto me offereceis aos olhos!

SCENA ULTIMA.

Farasmane, Rhadamistho, Zenobia, Arsame, Hierão,
Mitrane, Hidaspe, Fenice, e Guardas.*

FARASMANE.

Infeliz que pertendes? que procuras?

RHADAMISTHO.

Expirar, expirar á tua vista...

FARASMANE.

Que horrivel confusão, que horrivel transe!

RHADAMISTHO.

Entre as ancias da morte soluçando
Não receies, Senhor, da minha boca
Injusta exprobração; não, não receies.
Dos meos delictos o devido premio
Achei nas tuas mãos: prouvera aos Deoses

* Entra nos braços de 2 amigos com a ferida aberta
escorrendo zangue.

Declararem-se já por satisfeitos!
Eu era indigno de gozar da vida.
Cara Zenobia, adeos, o pranto enxuga:
Mitridates teu Pai he já vingado.

FARABMANE.

Grandes Deoses! Que escuto! Mitridates!
Que sangue derramou meo impio braço!
Ai de mim! e qual outro ser podia
Depois do immenso horror, que me acabrunha!
Mas se he elle, oh, que excesso de cruza,
Oh que execrando crime hei commettido!
Vinga-te, oh Natureza, não me poupes,
Vinga-te em mim; he o sangue de meo filho.
De o derramar a sêde, que mostravas,
Para o reconhecer não foi bastante?
Vi-te com tanta colera buscar-me,
Que julguei ser de ti bem conhecido.

FARABMANE.

E porque te occultaste! ... ah desventura!

RHADAMISTHO.

Tão formidavel te fizeste sempre,
Que teos filhos proscriptos, desgraçados,
Como seo Pai jámais poderão ver-te.
Feliz eu quando o golpe me arrojavas,
Por ser teu, não havê-lo retorquido!
Feliz em hum momento tão afflicto
Abafando a vingança ouvir sómente
Da Natureza os sacrosantos brados!
Feliz eu finalmente, que perdendo
Huma Esposa tão cara em recompensa
Tornar a achar meo Pai os Ceos permitem!...
Que, Senhor, tuas lagrimas já correm!
Teo coração já sabe o que he ternura!...
Vem a meos braços, caro irmão, eu morro.

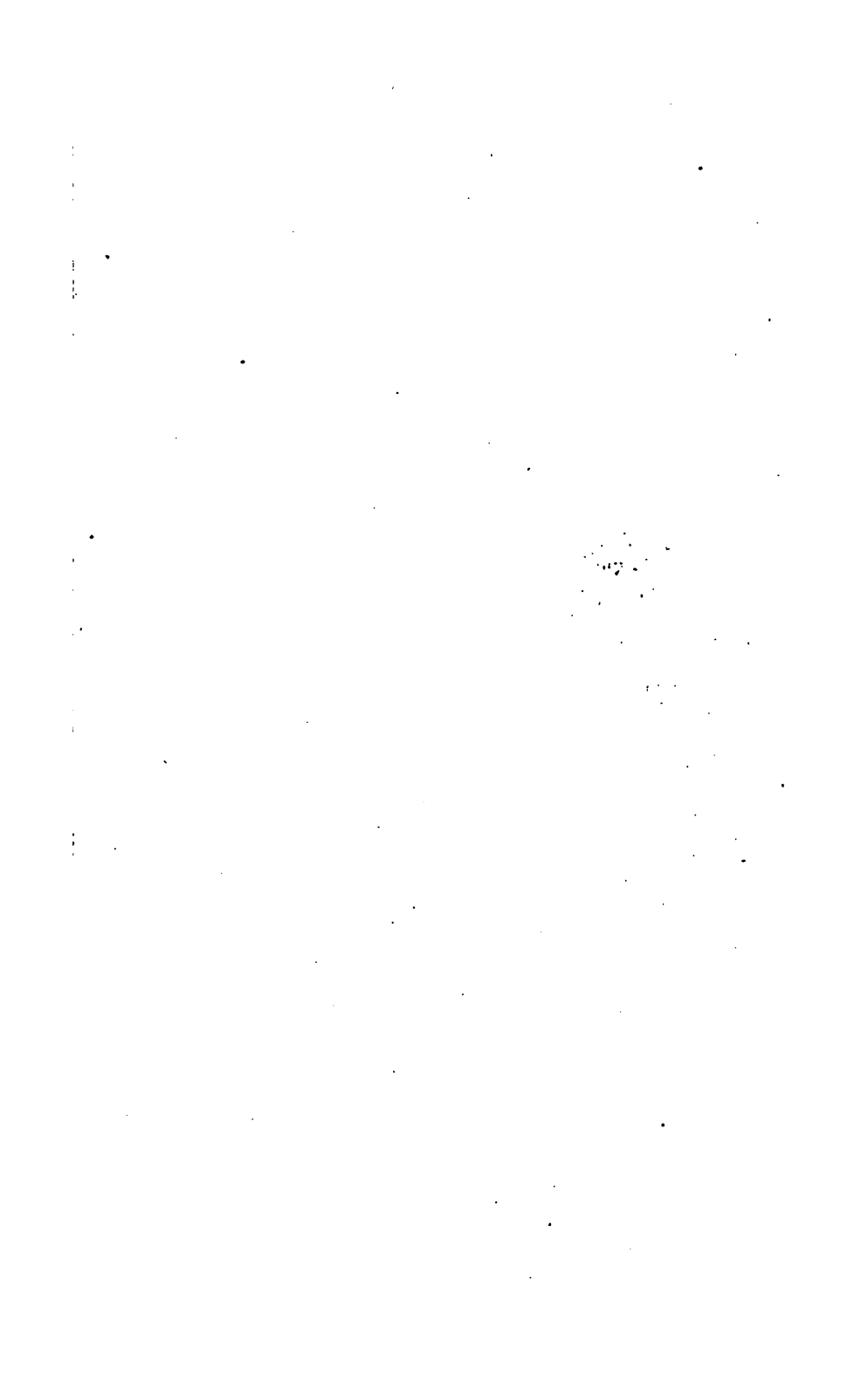
ZENOBIA.

Se tinheis de mostrar vossa justiça
Por novos crimes, oh sagrados Deoses,
Quanto fôra melhor de Mitridates
Nunca, nunca vingar a infausta morte!
Caro Esposo! ... espirou... que horror! ... que trévas! ...
(*cahe desfalecida*)

FARASMANE.

Oh meo filho! oh Romanos, inda oh tigres,
Inda não vos dareis por satisfeitos? (*Para Arsame*)
Tu, a quem a vingança incumbe agora
Apressa-te a subir d'Armenia ao trono!
Dou-te Zenobia, e dou minha amizade.
He sacrificio que a meo filho devo.
Para sempre d'aqui fugi com tudo.
Estar de meos furores sempre longe
Quem for meo sangue deve: dai-vos pressa,
Não exponhaes hum Pai a derrama-lo.
Ou primeiro do abysmo erguei-vos, furias... *
O Ceo rebrama... a Natureza grita...
Já se embandão... já fervem... já remoínhão...
Que horridos silvos! ... que empestada coma!...
Que esbravejar de esqualidas serpentes!...
Vinde, vinde, eis-me aqui... de negro fogo
Para quem este gôlfão se encapella!...
Onde estou! ... que escavada penedia?
A meos pés que estupendo sorvedouro!
Que Espectro he este, que ensopado em sangue
Sobre os cabellos meos arripiados,
Sobre a testa em suores sangue orvalha!
Punhal, punhal na mão... a quem apontas?
Quem és, quem és tremenda, horrivel sombra?
E's do meo filho? eu vou, eu vou seguir-te.

* Accrescentamento do Traductor, não por julgar mais perfeição, mas porque assim o pedia o genio dos circunstantes.



ERRATAS.

Pelos motivos expendidos no Index destas Poesias, escaparam talvez mais erratas do que se devia esperar: apontaremos aquellas que julgamos essenciaes, porque as de pequena monta, ou antes descuidos leves, a essas supprirá benignamente o leitor entendido &c.

Pag.

Emendas.

6	Com livre fuga a abraçar-se corre
12	Nem que o velho Saturno á Inveja crua
13	Té as gargantas tres já se fechârão,
15	Vê quem á isempção pagava o fóro
24	Muito além do Equador a prôa alçando,
27	Pasma o Globo da amplissima ousadia:
30	Se ambos morremos é p'ra vida nova.
61	Dextro meneio com Argivo plectro.
68	He a barbara Anarchia,
74	Surdem novos obus, bombas, bombardas,
76	Arruina, destroça, despedaça;
78	Sangrentem-se golpeando os limpos aços,
„	Não perderam dos seus inda a memoria,
	Bem como não perderam inda a gloria
90	A goella voraz vai engasgar-te.
94	Sobre as margens do Adour em pó, em cinza
104	Vulni-vola avidez nas sêcas fauces,
108	Remonta do saber tão alto o acume!
124	Soão nestes contornos inda os brados
128	Sobre o mais alto da suada serra
133	João sexto! ... Que gloria! .. Em copia mesmo,
134	Contra o zelo a seu Rei sonhar tentamos?
141	Entre sonoros retrementos rufos
154	Não te lembrava este tremendo dia?
159	Que hoje do mel d'Amor favos chupavas,
180	O' morte! que annuncias!
224	A estrada lhe apontou, valeu-lhe agora.
227	Virás prender-te ao Bragantino Tronco,

